

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

**O Peripatetismo como um Método Complexo em
Psicologia Clínica**

Murillo Rodrigues dos Santos

Brasília – DF

2023

O Peripatetismo como um Método Complexo em Psicologia Clínica

Murillo Rodrigues dos Santos

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica e Cultura, sob a orientação do Dr. Maurício da Silva Neubern.

Brasília – DF

2023

O Peripatetismo como um Método Complexo em Psicologia Clínica

Murillo Rodrigues dos Santos

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica e Cultura.

Aprovada em: 30 de maio de 2023

Dr. Maurício da Silva Neubern – Orientador e Presidente da Banca
Instituto de Psicologia – Universidade de Brasília

Dr. Daniel Magalhães Goulart (Membro Interno)
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Dr. Paulo Alexandre e Castro
Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação – Universidade de Coimbra

Dra. Vannúzia Leal Andrade Peres
Departamento de Psicologia – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Dr. João Antônio de Assis Mallmann
Departamento de Psicologia – Centro Universitário UNIDESC

Brasília – DF

2023

À minha família, com amor.

Agradecimentos

Primeiramente ao Verbo da Vida, autor e consumidor de todo conhecimento, porque d'Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas.

À minha família originária por tudo, mas especialmente para meus pais, Luis Cesar dos Santos e Eliete Rodrigues Tavares Santos, que sempre me incentivaram e fizeram de tudo para que eu pudesse estudar, mesmo diante de qualquer dificuldade na vida.

À minha família, na pessoa de minha esposa Lorena, e à nossa filha, Clarice, que alegrou nossos dias, trazendo mais amor e luz para nossas vidas.

Ao meu professor e orientador Dr. Maurício da Silva Neubern, que muito mais do que um trabalho institucional, foi um verdadeiro mestre, que com paciência e sabedoria ajudou a dar forma aos meus pensamentos nesta etapa de vida: quem dera todas as pessoas tivessem a sorte de ter um orientador de doutorado tão respeitoso e acolhedor como eu tive.

À professora Dra. Vannuzia Leal Andrade Peres que me acompanha em todas as bancas desde minha graduação em Psicologia, onde foi minha orientadora: graças à senhora que conheci as Teorias da Subjetividade e da Complexidade, mas mais do que isso, que obtive inspiração por mais de 12 anos para exercer uma psicologia clínica livre e autêntica.

Aos professores Dr. Daniel Goulart, Dr. Paulo Alexandre e Castro e Dr. João Mallmann pela generosa disponibilidade em participarem deste momento de formação.

A todos os docentes e servidores do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, em especial ao Departamento de Psicologia Clínica, pela participação direta ou indireta em minha formação.

Aos meus amigos queridos que fizeram parte desta caminhada, aos quais me absterei de citar nomes, pois vocês fizeram o caminho ficar mais alegre.

A todos os teóricos que me ajudaram nesta trajetória, mas em especial aos doutores, Fernando Luis González Rey (*in memoriam*) e Edgar Morin, que dentre muitas leituras de minha vida representaram marcos importantes de desenvolvimento intelectual.

A qualquer leitor que se interessar por estas páginas, no futuro.

Obrigado!

Resumo

Este é um trabalho metateórico baseado no Pensamento Complexo de Edgar Morin que apresenta uma nova concepção de método para a psicologia clínica, como um processo autoprodutivo que se dá na relação singular entre os sujeitos implicados no processo terapêutico. Nesta perspectiva, o método não é apenas um conjunto de técnicas procedimentalizadas ou reificadas que são aplicadas em escala industrial em sujeitos singulares, mas é um conjunto de princípios e processos que, articulados entre si, geram uma nova fonte de inteligibilidade sobre o processo terapêutico. A este método eu nomeio de peripatetismo, ampliando as noções que são historicamente vinculadas a este termo pela filosofia e psicologia, apresentando um panorama do termo e uma nova possibilidade conceitual para o mesmo. Para tanto, lanço mão de uma estratégia de pesquisa teórico-conceitual, realizando uma análise construtivo-interpretativa destes princípios e processos que estão envolvidos neste método, seguindo um procedimento de pesquisa bibliográfica não-estruturada que usa o diário de pesquisa como instrumento de registro da caminhada, que segundo esta perspectiva teórica é singular e inseparável das experiências do pesquisador. Como resultado deste trabalho, há uma importante releitura de categorias teóricas e processos transversais que são subexploradas na psicologia, bem como a proposição de que o método e as técnicas na clínica psicológica são emergências da relação terapêutica entre os sujeitos neste espaço, promovendo uma interpretação possível sobre como tais processos ocorrem.

Palavras-Chave: Método; Peripatetismo; Pensamento Complexo; Psicologia Clínica; Metateoria.

Abstract

This is a metatheoretical work based on Edgar Morin's Complex Thinking that presents a new conception of method for clinical psychology, as a self-generative process that occurs in the singular relationship between the subjects involved in the therapeutic process. In this perspective, the method is not just a set of proceduralized or reified techniques that are applied on an industrial scale to individual subjects, but a set of principles and processes that, articulated together, generate a new source of intelligibility about the therapeutic process. I name this method peripateticism, expanding the notions historically linked to this term by philosophy and psychology, presenting an overview of the term and proposing a new conceptual possibility for it. To do so, I employ a theoretical-conceptual research strategy, conducting a constructive-interpretive analysis of these principles and processes involved in this method, following an unstructured bibliographic research procedure that uses the research diary as an instrument for recording the journey, which according to this theoretical perspective is singular and inseparable from the researcher's experiences. As a result of this work, there is an important re-reading of theoretical categories and transversal processes that are underexplored in clinical psychology, as well as the proposition that the method and techniques in clinical psychology are emergent from the therapeutic relationship between subjects in this space, promoting a possible interpretation of how such processes occur.

Keywords: Method; Peripateticism; Complex Thinking; Clinical Psychology; Metatheory.

Resumen

Este es un trabajo metateórico basado en el Pensamiento Complejo de Edgar Morin que presenta una nueva concepción de método para la psicología clínica, como un proceso autogenerativo que se da en la relación singular entre los sujetos implicados en el proceso terapéutico. En esta perspectiva, el método no es solamente un conjunto de técnicas procedimentalizadas o reificadas que se aplican a escala industrial en sujetos singulares, sino un conjunto de principios y procesos que, articulados entre sí, generan una nueva fuente de inteligibilidad sobre el proceso terapéutico. A este método lo nombro peripatetismo, ampliando las nociones que están históricamente vinculadas a este término por la filosofía y psicología, presentando un panorama del término y una nueva posibilidad conceptual para el mismo. Para ello, empleo una estrategia de investigación teórico-conceptual, realizando un análisis constructivo-interpretativo de estos principios y procesos que están involucrados en este método, siguiendo un procedimiento de investigación bibliográfica no estructurada que utiliza el diario de investigación como instrumento de registro del camino, que según esta perspectiva teórica es singular e inseparable de las experiencias del investigador. Como resultado de este trabajo, hay una importante relectura de categorías teóricas y procesos transversales que son subexplotados en la psicología clínica, así como la proposición de que el método y las técnicas en la clínica psicológica son emergencias de la relación terapéutica entre los sujetos en este espacio, promoviendo una interpretación posible sobre cómo tales procesos ocurren.

Palabras clave: Método; Peripatetismo; Pensamiento Complejo; Psicología Clínica; Metateoría.

Lista de Ilustrações

Figura 1- Representação da interação noológica do método	76
Figura 2 - Dinâmica transversalista	168

Sumário

Apresentação	1
Problemas metodológicos e epistemológicos da pesquisa teórica bibliográfica	5
Teoria do Caos aplicada à pesquisa	6
Esta pesquisa.....	7
Problemas metodológicos da pesquisa bibliográfica	10
Saltando da pesquisa bibliográfica à pesquisa teórica	15
Capítulo 1 – A tríplice crise da psicologia clínica.....	16
O problema ontológico: O que é a psicologia clínica?	16
O que é uma abordagem e o conceito de teoria	17
História da Psicologia Clínica e das Abordagens	20
A Crise e a Fragmentação da Psicologia	26
A psicologia como uma ciência hermenêutica.....	30
Mas afinal de contas: quantas abordagens existem na psicoterapia/psicologia clínica?	33
O dilema do Pássaro Dodô.....	36
Propostas qualitativas e etnopsicológicas	39
Capítulo 2 - Peripatetismo: quando vida e obra se confundem no caminho	43
A busca bibliográfica estruturada: um dos caminhos	45
Peripatetismo: conceito, etimologia, fundação e história	47
Três pontos importantes	48
Depois da fundação: uma cronologia do movimento.....	52
Depois do Apogeu, a queda: os portugueses e os jesuítas	54
Um hiato-histórico sobre o peripatetismo.....	56
Peripatetismo e a universidade moderna.....	56
Estudos diversos em biografias e história da filosofia.....	57
...Estudos em Educação e História da Educação.....	58
Estudo em Comunicação.....	59
Estudos em Psicologia.....	59
Quem foi Antônio Lancetti e quais foram as suas contribuições para o tema.....	60
Capítulo 3 – Princípios do Pensamento Complexo e suas Relações com o Peripatetismo	62
Princípios para o Pensamento Complexo e o Peripatetismo.....	65
Princípio Sistêmico-Organizacional	66
Princípio Hologramático.....	70
Princípio Retroativo	73

Princípio Autogerativo.....	75
Princípio da Auto-eco-organização	77
Princípio Dialógico	79
Princípio da Reintrodução do Sujeito Cognoscente	81
Princípio Ecológico da Ação	85
Princípio da Enação	87
Princípio Ético	88
Princípio da Universalidade-Contextual	89
Princípio da Multicausalidade	91
Princípio da Distinção Eco-ontológica	93
Princípio da Incompletude e Incerteza.....	95
Capítulo 4 – Processos da clínica psicológica Peripatetista e Complexa	97
Criatividade.....	97
... Improvisação.....	102
... Intuição	105
...Reciprocidade	112
... Espontaneidade...	117
...Pragmática...	120
...Itinerância	125
... Polissêmica...	128
Conclusão?	132
Pontos originais desta pesquisa:	135
Sobre a tese deste trabalho.....	137
Importância desta Tese	138
Limitações desta pesquisa.....	138
Pesquisas futuras.....	140
Por fim...	141
Referências	142
Anexo I – Diário de Pesquisa	157

Apresentação

O objetivo deste trabalho é apresentar a noção de peripatetismo como método para a psicologia clínica. Este conceito que é historicamente reconhecido pela filosofia como uma escola de pensamento iniciada em Aristóteles teve o nome “apropriado” por uma releitura de Antônio Lancetti, psicanalista argentino radicado no Brasil, para sua proposta de clínica que embasou vários autores do movimento antimanicomial brasileiro nos séculos XXI.

Esta noção de método é baseada no Pensamento Complexo, uma forma de pensamento proposta pelo filósofo francês Edgar Morin, em interlocução com outros pensadores clássicos e contemporâneos que são nomeados e referenciados nas páginas deste trabalho, com especial atenção à Fernando González Rey, e sua proposta construtivo-interpretativa, bem como Milton Erickson e Mauricio da Silva Neubern, cujas ideias também circulam fortemente a iniciativa deste trabalho.

Para que esta noção seja elencada, introduzo este trabalho pontuando a problemática da crise da psicologia, tema que desenvolvi em minha pesquisa de mestrado, em cuja dissertação advogo para a necessidade de um Pensamento Complexo para compreender o caráter polissêmico e polissistêmico desta ciência, que hoje se encontra fragmentada em centenas de abordagens em uma dinâmica hiperespecializada de conhecimento, que fornecem definições diversas para o campo da clínica psicológica.

Várias abordagens da psicologia, por sua vez baseadas em distintas visões de mundo, sujeito, objeto e conceitos, propõem seus métodos de ação/intervenção igualmente diferentes, gerando interpretações por diversas vezes diametralmente opostas entre si. Assim sendo, na tentativa de ler o mundo à sua maneira, algumas condutas enquadram o sujeito reificando-o em categorias estanques e universais, fazendo da clínica psicológica um lugar de colonização e violência epistemológica.

O método que proponho, por sua vez, é um método inspirado na tradição dos caminhantes: é um método que se faz no caminho, que “se faz-fazendo”. Para propor este método eu apresento as contradições e limitações da psicologia enquanto ciência, e dos métodos que ela opera, nesta dinâmica de hiperespecialização e fragmentação teórica.

Dentre as diversas limitações deste trabalho, aponto inclusive a própria limitação de fazer uma pesquisa teórica e bibliográfica que não esteja amparada em estratégias bibliométricas ou “standardizadas”, haja vista que um dos pontos de partida deste trabalho é a constatação de que existem, quando não impossibilidades, inúmeras dificuldades para replicar estudos e pesquisas psicológicos (Open Science Collaboration, 2015). Assim sendo, desenvolvo uma estratégia de investigação que faz uso do diário de pesquisa como instrumento para registro de minha caminhada, que é singular, e da forma como eu articulei minhas ideias em um tempo específico de minha vida, pois na perspectiva do Pensamento Complexo, o sujeito do conhecimento é indissociável de sua obra.

Por isto, na introdução deste trabalho pontua os diversos problemas e limitações do método de pesquisa teórica bibliográfica quando este é amparado por noções clássicas derivadas do paradigma newtoniano-cartesiano, e apresenta como o próprio peripatetismo se apresenta como proposta prática nesta tese por meio da estratégia do diário de pesquisa, e como este serve como instrumento balizador para uma pesquisa bibliográfica não-estruturada. A introdução narra sobre o problema de pesquisa, a inquietação

O primeiro capítulo apresenta o contexto das crises da psicologia, de sua característica polissêmica e polissistêmica, demonstrando que a multiplicidade de objetos de estudos, métodos, conceitos e sujeitos propostos por esta ciência inviabilizou até este momento uma compreensão geral para o que de fato é o campo da psicologia clínica, para além das interpretações fragmentadas por meio de leituras hiperespecializadas fornecidas

pelas abordagens. Portanto, proponho neste capítulo algumas definições transversais básicas, que são historicamente tratadas como autoevidentes por autores introdutórios da psicologia, não apenas no Brasil como internacionalmente, mas que na verdade carecem de conceitualização.

Apresento no segundo capítulo uma revisão histórica do conceito de peripatetismo, sua origem na filosofia e a forma como este chegou até o século XVIII, período de seu declínio, bem como quando este termo chegou à psicologia brasileira contemporânea, especialmente por meio dos trabalhos de autores da luta antimanicomial no século XXI, por meio de uma releitura teórica que ocorre na interlocução entre a psicanálise e obra de Gilles Deleuze.

O capítulo três aponta uma interlocução entre os princípios do Pensamento Complexo e Edgar Morin com a minha releitura sobre o peripatetismo. Demonstro que, em contraposição ao modelo clássico de se fazer ciência, que advoga a existência de leis, no modelo do Pensamento Complexo apontam-se princípios, que são categorias mais fluídas sob o ponto de vista epistemológico. Assim sendo, sinalizo a forma como estes princípios se manifestam no campo da clínica psicológica para...

... demonstrar no capítulo quatro como estes princípios *disparam processos* que, articulados entre si, configuram o que eu chamo de peripatetismo. As categorias que proponho neste capítulo como fonte de inspiração para o modelo peripatetista de clínica psicológica já foram abordadas na literatura psicológica por diversos autores, todavia, a maneira como estas estão articuladas, e baseadas no Pensamento Complexo é original. Há que sinalizar-se que não é proposta deste capítulo fornecer uma “taxonomia” ou um “pensamento completo” sobre o assunto, pois isso seria negar o próprio pensamento complexo que reconhece que o conhecimento comporta a incerteza e a incompletude.

Por fim, na conclusão, retorno à questão principal do trabalho que é sobre como defino o peripatetismo não apenas como uma escola de pensamento, mas como um método, usando a psicologia clínica como campo ilustrativo para a introdução deste método, e sintetizando características fundamentais deste.

Problemas metodológicos e epistemológicos da pesquisa teórica bibliográfica

Espera-se que uma tese de doutorado traga uma contribuição original para a ciência, como atestado de sua qualidade (Freitas, 1998), mas este termo precisa ser bem definido para que não caiamos na tentação de um realismo ontológico ingênuo de pensar que precisa-se “descobrir algo novo” ou “revelar algo que estava oculto”, pois na perspectiva do Pensamento Complexo, o conhecimento é uma tradução da realidade, que parte da tradição do pesquisador, em sua linguagem e de seu pensamento (Morin, 2000a). Ou seja, o original nem sempre é o “novo”, mas muitas vezes aquilo que é “velho”, mas que pode ser visto sob um prisma ainda não explorado.

Sobre esta demanda na pesquisa acadêmica, Freitas (1998) refere-se à originalidade na pesquisa como a “abertura de novos campos de exploração, a replicação de uma [*pesquisa*] utilizando um novo procedimento, à extensão e aprofundamento de pesquisas anteriores, e até a sumarização histórica que provê novos insights à disciplina” (p. 226 – Grifo meu).

Tudo isto demanda muita criatividade do pesquisador, enquanto ele precisa desenvolver novos padrões e estratégias de pensamento para articular conceitos “antigos” de maneiras diferentes, ou até mesmo, se preciso, ousar pela criação de novas categorias analíticas que lancem luz a um problema chave. Sendo assim, toda pesquisa é, de alguma forma um tipo de pesquisa conceitual: alguns autores, todavia, parecem estar mais cientes disto do que outros.

Digo isto pelo fato de que infelizmente a pesquisa teórica em psicologia é historicamente relegada à periferia da academia (Laurenti, Lopes, & Araujo, 2016), e como estes próprios autores salientam que “avanços metodológicos em pesquisas

empíricas não garantem a solução de problemas conceituais” (p. 7), evidenciando a nossa necessidade constante de articulação de conceitos.

Os conceitos, por sua vez, são criações relativamente arbitrárias, pelo fato de que nunca estão completamente amparados em dados brutos “extraídos” da natureza, pois o pesquisador, ao lidar com estes dados, ativará seus processos interpretativos, e a depender de sua habilidade neste quesito produzirá análises mais ou menos ricas, maduras ou complexas.

Desta forma, a análise de conceitos, teorias, ideias, argumentos, se dá no terreno da linguagem, da lógica, da articulação de sistema de ideias, de teorias. Não há pesquisa empírica sem um conjunto robusto de pressupostos teóricos, conceituais, que a embase (pelo menos, não deveria haver). Por isso, a importância de desenvolvermos uma(s) teoria(s) da teoria psicológica, e para ser mais específico, teoria(s) da clínica psicológica.

Teoria do Caos aplicada à pesquisa

Em uma de suas principais obras, Morin (2013) aponta que uma das bases para suas ideias, pesquisas, vida, foi materializada no que conhecemos hoje como Teoria do Caos: naquela época, afirmar a ideia de que o caos era uma força (re)geradora era uma coisa revolucionária – entender o circuito tetralógico de ordem, desordem, organização e interação era algo bastante inovador nas ciências.

A partir desta perspectiva, a ordem e a previsibilidade, compartilhariam espaço com a desordem e a incerteza. Assim sendo, ordem e desordem seriam apenas modelos distintos de organização, sendo a primeira um modelo linear, e a segunda não.

A ciência sempre se baseou pelos princípios da regularidade, da ordem, certeza, previsibilidade, mas a partir das descobertas da física, química, matemática, biologia da

segunda metade do século XX, esses pilares foram fortemente abalados, especialmente pelos trabalhos sobre a Relatividade de Einstein e Planck, o Teorema da Indefinibilidade de Tarski, o Teorema da Incerteza de Heisenberg e o Teorema da Incompletude de Gödel (Morin, 2005a).

Desta forma, Morin (2013) nos mostra por meio de um conjunto de elaborações sobre como o caos é uma força criadora, e como este é envolvido em um processo recursivo de ordem e desordem, em meio a múltiplos processos de (re)organização.

Uma das premissas interessantes é a desordem como um modelo não-linear de organização, e também gerador de ordem. O fundamento do universo, a biologia humana, a vida, conforme a *autopoiese* proposta por Maturana e Varela (1995), o funcionamento social, tudo está imerso em processos não lineares, desordenados, caóticos. Esta desordem é criativa, rica, geradora de vida – mas porque ela não chegou (pelo menos com a devida força) em boa parte da/na vida acadêmica, pesquisa teórica, bibliográfica ou na revisão da literatura?

Por que a pesquisa bibliográfica se resumiu a um conjunto de procedimentos quantitativos de curadoria de artigos científicos em bases de dados? Por que desmerecemos uma pesquisa teórica que não se proponha a ser um “Estado da Arte” de alguma coisa?

Esta pesquisa

Propôs-se a ser uma pesquisa teórica, conceitual, bibliográfica, hermenêutica, ou como diria González-Rey e Martínez (2017), construtivo-interpretativa, mas talvez nenhum outro termo a defina melhor como uma pesquisa “Complexa”.

Esta pesquisa foi *peripatetista* do começo ao fim: foi elaborada no caminho. A pesquisa foi realizada de forma indissociável de sua escrita – o processo de leitura, escrita, crítica, reescrita, reelaboração, busca por novos referenciais, eram feitos simultaneamente. E não poderia ser de outro jeito, como se faz um caminho sem caminhá-lo? Como se pavimenta um caminho sem abri-lo?

Em minha trajetória de pesquisa, um dos maiores desconfortos que tinha era em relação ao método era COMO FAZER? Ecoava em minha memória a fala da Professora Dra. Vannuzia Leal Andrade Peres, que em um dos momentos de orientação em minha já longínqua graduação, dizia “é muito difícil se desprender do paradigma positivista, ele é muito arraigado na nossa experiência” (V. L. A. Peres, Comunicação Pessoal, 2013). E como hoje isto faz sentido para mim, pois há uma ansiedade sofrível na vida do jovem pesquisador que busca modelos para fazer pesquisa “da maneira certa”.

Na clínica psicológica esta angústia se materializava em nossa demanda por aprender a “técnica”, o manejo do paciente/cliente, de modo a simplesmente reproduzir um *savoir faire* de outra pessoa. E este movimento de saída de um paradigma que dominou a formação foi acontecendo gradativamente, até o ponto em que consigo me expressar, ainda diante do risco de ser rechaçado por pares (que às vezes são mais díspares) de forma autônoma, com estilo próprio, e até mesmo, ousado, assim digamos.

Por que estou narrando isso, em primeira pessoa? Porque ainda que desde os manuais mais introdutórios da psicologia e da filosofia brasileira se diga que não há neutralidade na ciência (Japiassú, 1975; Bock, Furtado, & Teixeira, 2018), parece que este dado que está cada dia mais próximo de um raro consenso acadêmico, ainda não se materializou na forma como escrevemos ou recebemos nossos trabalhos: meu projeto para ingresso ao Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura teve a escrita elogiada por uma das doutoras da banca examinadora, que ainda perguntou sobre “como você espera

conciliar este estilo de escrita sabendo que, sendo tão pessoal, pode não ser aceita em muitas revistas?”.

Mas mesmo diante de tantas angústias, percebo que está cada vez maior a comunidade de autores e leitores que compreendem este formato, este estilo audaz, e que consegue analisar um texto compreendendo a dinâmica relação entre sua forma e conteúdo, como, por exemplo, Vasconcelos (2002) que ensina este tipo de estética, e Neubern (2013) que orienta os pesquisadores a não fragmentarem a sua identidade por conta de uma pretensa ideia de neutralidade. Além do próprio trabalho de Morin (2008) que mostra que a vida se dá numa relação, num tecido mesclado de prosa e poesia.

Era, portanto, necessário transformar esta pesquisa num misto de prosa e poesia, de momentos estruturados e não estruturados, de ordem e desordem, processo e momentos. E como disse Jesus nos evangelhos, “não podeis servir a dois senhores” (Mateus 6:24): não é possível fazer um trabalho baseado no Pensamento Complexo, mas ancorado nos procedimentos e métodos positivistas.

Por isso, como bem disse Morin (2000a)

A educação deveria incluir o ensino das incertezas que surgiram nas ciências físicas (microfísicas, termodinâmica, cosmologia), nas ciências da evolução biológica e nas ciências históricas. *Seria preciso ensinar princípios de estratégia que permitiriam enfrentar os imprevistos, o inesperado e a incerteza, e modificar seu desenvolvimento, em virtude das informações adquiridas ao longo do tempo.* É preciso aprender a navegar em um oceano de incertezas em meio a arquipélagos de certeza (p. 16 – *Grifo meu*).

Por isso, o primeiro ponto que este trabalho talvez traga de original é: **uma pesquisa teórico-conceitual e bibliográfica não-estruturada**, pois nesta perspectiva o

foco está na lógica da construção do pesquisador e não em um conjunto de critérios e procedimentos definidos aprioristicamente (González-Rey, 2005a; 2002). O que isto significa? Significa que incorporamos a possibilidade de uma pesquisa-devir, que entende que o material relevante para ela mesma não chega apenas de forma planejada, reificada e que incorpora a incerteza, a não-linearidade, a imprevisibilidade. E por que nos propusemos a isto? Porque identificamos que existem diversos problemas metodológicos na pesquisa bibliográfica que até hoje não foram suficientemente bem elaborados.

Problemas metodológicos da pesquisa bibliográfica

Muitos pesquisadores **confundem pesquisa bibliográfica com revisão de literatura** (Lima & Miotto, 2007), sendo que a pesquisa bibliográfica é um procedimento muito mais amplo que envolve a leitura crítica e reflexiva do material pesquisado, e não apenas uma sumarização, categorização ou leitura tautológica do material apresentado. É por meio da pesquisa bibliográfica que se apontam lacunas, novas perspectivas, possibilidades interpretativas diversas para o material posto. Por mais que a revisão da literatura seja importante, e um passo necessário à pesquisa bibliográfica, quando reduzimos uma à outra perdemos a vida do trabalho acadêmico nesta modalidade de pesquisa.

Este problema costuma dar-se por uma crença que é uma velha conhecida dos pesquisadores: a crença na neutralidade científica, herança do positivismo lógico (González-Rey, 1997). Esta crença costuma gerar **pesquisas bibliográficas acríticas e órfãs epistemologicamente**, pois em se tratando de pesquisa científica, o positivista geralmente não consegue dar-se conta de sua genealogia epistemológica, pois costuma acreditar em seu exclusivismo gnosiológico.

Várias foram as críticas levantadas em desfavor de pontos específicos do positivismo na história recente da epistemologia (González-Rey, 1997; Lecourt, 2005; Vasconcelos, 2002; Morin, 2005b; 2015b), dentre as quais algumas que podem ser trazidas neste momento são: a crença na ordem, na linearidade, neutralidade, objetividade, e o afastamento da condição de sujeito do pesquisador na produção da pesquisa, bem como da separação do conhecimento filosófico-lógico do empírico. Em face disto, as **pesquisas bibliográficas que seguem uma tradição positivista, acabam por privilegiar o aspecto quantitativo e bibliométrico em detrimento do analítico e especulativo.**

Atualmente o termo “especulação” parece até mesmo uma ofensa quando se trata de ciência, mas o seu significado em língua portuguesa é “1. Estudar com atenção, detalhadamente; pesquisar, investigar; 2. Buscar entender por meio da razão, teoricamente; refletir, teorizar” (Oxford Languages Portuguese Dictionary, 2022). Sua história está ligada a Aristóteles, mas seu atual significado deriva do trabalho de Kant, que a define como um tipo de conhecimento que não encontra fundamento na experiência empírica (Abbagnano, 2007).

Para Kant (2001) a especulação é um produto da faculdade de raciocinar, o resultado da razão pura, aquela que era independente de qualquer experiência sensorial, empírica. Desta forma, estava se referindo a um conhecimento lógico o suficiente que conseguisse afirmar algum tipo de verdade apodítica. Esta capacidade de elaborar uma lógica discursiva entre distintos elementos da realidade parece ter se perdido no meio da quantificação da pesquisa bibliográfica.

Desta feita, **devemos ter cuidado para que nossas pesquisas bibliográficas não tendam a um caráter somente descritivo ao invés de interpretativo ou explicativo.**

Nada contra o conhecimento descritivo, afinal de contas, precisamos de trabalhos

sistematizados, sintéticos, mas a ciência não se faz apenas de comentaristas de comentaristas, em um ciclo infundável.

Se até aqui criticamos o caráter ontológico e epistemológico da pesquisa bibliográfica, também temos que pontuar a questão metodológica: quais são as **fontes de pesquisa** que dispomos? A pesquisa bibliográfica que nos foi ensinada ainda parece basear-se no modelo bibliotecário físico, analógico, e, portanto, instigava um trabalho praticamente arqueológico onde o pesquisador precisava certificar-se que, em determinado sítio, teria encontrado “todo o material possível” sobre o tema específico. Como seria isso possível na era da descentralização da informação?

Se antigamente tínhamos grandes bibliotecas universitárias, inspiradas no modelo alexandrino, hoje estas, apesar de ainda extremamente importantes e não “fora de moda”, não se comparam com o poder de recuperação de informação da internet. Ainda que no mundo digital exista uma quantidade inestimada de informação, ainda nos deparamos com outros problemas, como o caso da qualidade das informações e da localização destas.

Por mais que existam muitos métodos possíveis que possam ser empregados para a escolha de materiais bibliográficos, como, por exemplo, em Rother (2007), Yonekura, Quintans, Soares e Filho (2019), Treinta, Filho, Sant’Anna e Rabelo (2014) e Heck e Giorgiou (Heck & Giorgiou, 2019), também há a questão da dispersão da informação: diversos sites indexadores de trabalhos, estes que por sua vez são repetidos em bases de dados diferentes e ausentes em outras; trabalhos em vários idiomas, pois se antigamente uma biblioteca reunia, no máximo textos em duas ou três línguas, agora temos trabalhos em português, inglês (atual língua franca da pesquisa científica), francês, espanhol, alemão, italiano, árabe, russo, chinês, coreano, etc.

O trabalho de pesquisa se tornou, ao mesmo tempo que facilitado, contraditoriamente dificultado com o advento da internet, como grande rede de informações, empurrando-nos cada vez mais para a aparentemente óbvia conclusão de que somos limitados em nossos processos analíticos e que estamos lidando com um sistema aberto e caótico, que era até então desconhecido pelas primeiras gerações de pesquisadores do século XX, novidade para a primeira geração de pesquisadores do século XXI e em pujante expansão para as demais gerações deste século.

As ferramentas que possuímos atualmente, os indexadores de pesquisa, por mais que reúnam artigos de inúmeras Instituições de Ensino Superior (IES), ainda possuem limitações que a nossa própria *expertise* de pesquisa consegue identificar, mas que não estão descritas em trabalhos de revisões bibliográficas: aprendi, e nunca me esqueci, no mestrado que fiz, que os buscadores de artigos dos indexadores apresentam resultados muito ruins e que se usarmos o buscador da Google para pesquisar dentro dos sites (veja como faço isso no anexo, em meu diário de pesquisa), é possível encontrar resultados inúmeras vezes maiores e melhores.

Para além disto ainda posso pontuar outras dificuldades, ou questões importantes para a pesquisa bibliográfica, e não vou me delongar sobre os temas, pois senão abriremos inúmeras frentes que demandarão muito tempo e discussão para serem fechadas:

- 1) Nem todos os trabalhos acadêmicos hoje estão nas fontes que chamamos de “open source”, ou seja, são de livre acesso. Hoje muitos artigos científicos, tratados, livros, estão nas mãos de grandes editoras que cobram valores em dólares para um simples acesso. Um único artigo científico, por exemplo, chega a custar US\$ 40 para ter seu acesso liberado para leitura, o que representa, num câmbio de hoje, o valor de R\$ 208,00 (Câmbio em 19 de janeiro de 2023). Imagine acessar 10 artigos de uma única vez? Imagine quem se propõe a fazer uma pesquisa de revisão

extensiva ou “estado da arte” sobre determinado tema?! É inviável para um pesquisador brasileiro sem financiamento (e mesmo aqueles com financiamento não o conseguiriam).

- 2) Apesar de existirem alternativas controversas e, ao mesmo tempo, celebradas, para “burlar” este sistema de cobrança por artigos, amplamente conhecidas pelos pesquisadores em todo mundo, de modo geral levantam um grande debate sobre as questões morais e éticas do conhecimento livre *versus* a utilização de tais ferramentas (e eu não entrarei nesta seara neste trabalho);
- 3) Livros esgotados ou fora de circulação no grande mercado, bem como livros de pequenas editoras. Estes trabalhos algumas vezes estão disponíveis em repositórios na internet com acesso limitado ou então com cópias para pesquisadores. Livros continuam sendo excelentes fontes de pesquisa, principalmente pelo fato de não serem limitados às cruéis 20 ou 30 páginas que os periódicos geralmente estipulam como padrão para publicação;
- 4) Onde ficam as conferências? Os fóruns de debates, ou mesmo a casual discussão do senso comum? Como se o conhecimento científico não houvesse partido, algum dia, de alguma ideia ou hipótese despropositada! Como se os dados viessem ao pesquisador única e exclusivamente por uma via, e não de forma caótica.

E aqui encerro a discussão sobre a problemática da pesquisa bibliográfica moderna, por não se tratar do objetivo de central deste trabalho, para apontar outro problema, que nos conduz ao texto principal deste trabalho: o problema da pesquisa teórica em psicologia.

Saltando da pesquisa bibliográfica à pesquisa teórica

Por mais que sejam temas próximos, não são o mesmo! A pesquisa bibliográfica pode fazer e, costumeiramente, faz parte daquilo que nomeamos pesquisa teórica em psicologia. A pesquisa bibliográfica pode ser um dos métodos empregados pela pesquisa teórica, enquanto ela diz respeito às estratégias que serão adotadas para resolver um problema específico.

Por sua vez, a pesquisa teórica centra-se na discussão de temas ontológicos, metodológicos, epistemológicos, éticos, estéticos e lógicos de algum campo da ciência. Na medida em que trata de construtos teóricos, ideias, conceitos, métodos, princípios, argumentos, ela é essencialmente hermenêutica, ou seja, interpretativa: cabe ao pesquisador, com sua tradição de pensamento, articular de forma coerente os dados que este possui, com algum referencial anteriormente estabelecido.

Conforme já pontuado por pesquisadores como González-Rey (1997; 2005a; 2005b) e Laurenti, Lopes e Araujo (2016) a pesquisa teórica foi apartada do que hoje se conhece como pesquisa empírica por questões meramente ideológicas, e conforme já pontuado por estes pesquisadores, em propostas filosoficamente mais maduras e críticas entende-se que empiria e teoria apenas são partes diferentes, momentos distintos, do mesmo processo de pesquisa.

Assim sendo, este trabalho busca entender aspectos teóricos da psicologia clínica, especialmente no que se refere ao campo da metodologia, ou seja, o ramo da filosofia que estuda os métodos – este é um trabalho que estuda e visa apresentar/sistematizar uma nova proposta de método para a psicologia clínica, baseada no Pensamento Complexo (Morin, 2011a; 2011b; 2012d; 2013; 2015a; 2015b): a este método chamamos de peripatetismo.

Capítulo 1 – A tríplice crise da psicologia clínica

O problema ontológico: O que é a psicologia clínica?

A psicologia clínica, como um campo “aplicado” da psicologia, sofre do mesmo mal de sua ciência-mãe – uma fragmentação e dispersão teórica (2016). Várias são as teorias, abordagens, métodos, técnicas, linguagens empregadas por esta, se constituindo uma verdadeira “torre de Babel” ponto de encontro e confusão de muitos pesquisadores.

A psicologia nasce enquanto projeto moderno de ciência no ano de 1879 no laboratório de psicologia experimental de Leipzig, na Alemanha, pelas mãos de Wilhelm Wundt (Araujo, 2009), mas desde os primórdios já levantava discursos opostos e o surgimento de **Escolas de Pensamento** de psicologia que eram muito diferentes. Figueiredo (2014), por sua vez, chama de **Matrizes do Conhecimento Psicológico** “estes grandes conjuntos de valores, normas, crenças metafísicas, concepções epistemológicas e metodológicas que subjazem às teorias e às práticas profissionais dos psicólogos” (p. 20).

Mas cotidianamente, nos deparamos com a palavra **abordagem** nas faculdades e universidades de psicologia tratada como um conceito se fosse um conceito “autoevidente”, mas que, em nosso ponto de vista, não o é – um conceito que tem sido tratado como se o mesmo fosse óbvio demais para ser discutido ou ao menos definido. Um exemplo disto está em um dos mais populares manuais introdutórios da psicologia brasileira, o livro Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia (Bock, Furtado, & Teixeira, 2018), em que a palavra abordagem é amplamente citada, mas não definida, e tratada como um mero sinônimo de escola de pensamento.

Escola de Pensamento, Matriz de Conhecimento, Abordagem Teórica, significam o mesmo? Em meu ponto de vista, não! E, portanto, tentarei neste ponto do trabalho trazer uma breve contribuição para seguirmos na discussão.

O que é uma abordagem e o conceito de teoria

Conforme já citamos anteriormente, diversos manuais introdutórios do ensino da psicologia no Brasil citam o conceito de abordagem, mas não o definem. Também não é fácil encontrar uma definição precisa sobre o conceito em língua estrangeira. Todavia, uma definição vaga e genérica é fornecida por Glassman e Hadad (2009), que afirmam que “uma abordagem representa uma estrutura distinta para o estudo do comportamento” (p. 5) (**Trad. Minha**).

Este conceito está intrinsecamente ligado a outro, sendo facilmente confundido com este: teoria. Quando falamos de *teoria* temos que nos desprejar do senso comum de pensá-la como um sinônimo de hipótese, porque geralmente a representação social que se encontra para este termo é “algo que ainda não possui comprovação” ou que “está para ser provado”. Segundo González-Rey (2014) “as teorias são concebidas como sistemas de conceitos, representações e caminhos, que, articulados entre si, representam vias de inteligibilidade sobre a questão central que constitui seu foco” (p. 16).

Por sua vez, ao refletir sobre a teoria, Morin (2011a) sustenta que a teoria é um sistema de ideias cuja característica principal é ter relativa flexibilidade e maleabilidade interna (ao contrário das doutrinas, por exemplo, marcadas por uma dogmática dificuldade de abrir-se às críticas).

Assim, um sistema de ideias permanece teoria enquanto aceita a regra do jogo competitivo e crítico, enquanto manifesta maleabilidade interna, isto é, capacidade

de adaptação e modificação na articulação entre os seus subsistemas, assim como a possibilidade de abandonar um subsistema e de substituí-lo por outro. Em outros termos, uma teoria é capaz de modificar as suas variáveis (que se definem nos termos do seu sistema) (Morin, 2011a, p. 163).

Desta forma, uma teoria é um conjunto de articulações lógicas, conceituais, linguísticas, instrumentais que servem para gerar princípios compreensivos, descritivos ou explicativos sobre parte da realidade, ou seu todo.

Por sua vez, falar de *abordagem* é um tema mais complicado, haja vista que não há um tratado abordando (atente-se ao trocadilho) o tema. Semanticamente o termo abordagem significa *aproximação, modo de tratar ou encarar algo, ponto de vista sobre algum assunto*.

Em nosso ponto de vista, uma *abordagem é uma teoria, geralmente constituída por um conjunto de outras teorias, que oferece uma possibilidade interpretativa para algum problema do conhecimento*. Ou seja, todas as abordagens são teorias, mas nem todas as teorias são abordagens. Esse viés interpretativo é geralmente marcado por uma cosmovisão específica, ou seja, um conjunto de ideias sobre o ser humano, a vida, a natureza, a realidade, etc.

Talvez seja neste ponto onde a **tríade epistemologia, ontologia e metodologia** se cruzam no aspecto teórico. Quando falamos de visão de mundo e de sujeito, para a psicologia, por exemplo, estamos nos referindo a qualidades de um ser, cujo ramo da filosofia que se ocupa de tal estudo se chama *ontologia* (Aristóteles, 2012). Para justificar o conhecimento sobre tal ser, precisamos estabelecer critérios de coerência, validação, coesão, e estruturá-lo por meio de uma linguagem que compartilhe sentido em uma comunidade e, portanto, estamos falando de *epistemologia*, o ramo da filosofia que se

ocupa da forma como validamos, justificamos e estruturamos o conhecimento. E por fim, tal conhecimento é construído (ou adquirido) de alguma forma, por meio de algum instrumento, técnica ou método, ou seja, de algum caminho – sobre o estudo disso, chamamos de *metodologia*.

Isso concorda com Creswell (2007) que vai além, afirmando que “em termos filosóficos, os pesquisadores fazem alegações sobre o que é conhecimento (ontologia), como o identificamos (epistemologia), que valores o compõem (axiologia), como escrevemos sobre ele (retórica) e os processos para estudá-lo (metodologia)” (p. 24).

Ou seja, de forma sintética, uma abordagem conjuga em uma visão de mundo pressupostos teóricos sobre ontologia, epistemologia e metodologia. Mas não pretendemos nos delongar nesta discussão, que certamente daria um tratado posterior, mas apenas apresentar a introdução e diferenciar o conceito de teoria do conceito de abordagem.

A história das teorias remonta à Grécia Antiga com os filósofos daquela região que se ocupavam por discursar e tentar dar ordem ao mundo por meio das ideias (Morin, 2011a). Mas pouco se sabe sobre quando as abordagens de fato nasceram, elas simplesmente se transformaram em uma verdade abraçada na psicologia, e em outras ciências humanas e sociais de forma pragmática.

Em nossos estudos, a concepção de abordagem só se faz possível quando ocorre a cisão entre ciências da natureza e ciências humanas (ou do espírito), como uma tentativa de oposição ao materialismo-positivista de Comte (Scocuglia, 2002), que tentava unificar o método científico por meio de uma leitura experimentalista ingênua da natureza (González-Rey, 1997).

Tal divisão tem um grande aporte por meio do trabalho de Dilthey (1883) que defende que as ciências humanas ou do espírito (*Geissenswissenschaften*) possuiriam um método totalmente diferente das ciências naturais (*Naturwissenschaften*), que seria hermenêutico, isto é, interpretativo, e não o experimental, ou explicativo, advogado pelo positivismo (Scocuglia, 2002).

Desta forma, a hermenêutica é trazida para o debate, e mesmo sendo hoje um campo subexplorado (em nosso ponto de vista) nas discussões epistemológicas na psicologia, marcando a entrada da noção de que as ditas ciências humanas possuem um caráter imanentemente interpretativo. É justamente essa possibilidade de oferecer diversas interpretações sobre os processos humanos que abre a porta para a noção de abordagem.

Não é objetivo deste trabalho o de defender que a psicologia seja APENAS uma ciência compreensiva, na verdade, coadunamos com o ponto de vista de Ferreira (2007; 2008) que a clínica é um campo híbrido e mestiço de saberes que só pode ser compreendido por uma visão transdisciplinar, e com a lógica do terceiro incluído (2011a), que versa sobre a possibilidade de uma psicologia compreensiva, mas também explicativa e/ou descritiva. Apenas salientamos que é a entrada da hermenêutica no campo da psicologia (e de todas as ciências humanas, em verdade) que possibilitou o pensar por meio de abordagens (veremos isto adiante).

História da Psicologia Clínica e das Abordagens

Antes de falarmos da fundação da psicologia clínica, temos que entender quais foram os movimentos precursores que guiaram o seu caminho para que chegássemos ao século XXI com o nosso atual arranjo de entendimento sobre este campo.

A clínica nasce na medicina, com Hipócrates no século V a. C., a partir do momento em que este estabelece o processo de observação e entrevista como os pilares deste campo, e eram realizadas ao lado do leito, que em grego significa *kliné*, daí a origem do termo que inspirou esta prática técnica (Santos, 2023), pois, conforme relatam Moreira, Romagnoli e Neves (2007), até aquele momento, a prática médica era muito mais “mágica” e “supersticiosa” do que uma tentativa sistematizada de compreensão racional dos fenômenos patológicos.

Hipócrates inaugurou a observação clínica e criou a anamnese, definindo-a como a primeira etapa do exame médico. Aliás, o próprio exame médico foi por ele introduzido na clínica, objetivando a obtenção de dados para a elaboração do diagnóstico e do prognóstico. O exame médico hipocrático consistia em medir a temperatura através da imposição das mãos, observar cuidadosamente, apalpar o corpo e auscultar os batimentos cardíacos, dentre outras ações. Com esses instrumentos – observação, anamnese e exame –, o pai da Medicina foi capaz de descrever mais de quarenta e cinco enfermidades, que prevaleceram até o século XVII (p. 610).

E foi nesta época profícua para a filosofia e as artes, que muitas ideias psicológicas, como denominaria Massimi (2008), surgiram e influenciaram a psicologia até à contemporaneidade: Aristóteles (2012), por exemplo, trouxe a primeira grande definição de alma, como um princípio comum aos seres “moventes”, constituindo o primeiro tratado que temos notícia sobre psicologia (ainda que tal ciência só fosse fundada no século XIX), delimitando elementos importantes como cognição, afeto e volição que imperam até hoje nos processos de elaboração de anamnese psíquica, por exemplo.

Os elementos não só da filosofia aristotélica, mas também platônica, seriam resgatados posteriormente por cristãos no século I, como Paulo de Tarso, por exemplo, e

posteriormente por representantes da Patrística, no século IV, e em um terceiro momento com a Escolástica, entre os séculos IX e XVI (Araújo, 2021).

A filosofia católica, dominante na Idade Média, teve seus pilares abalados com a Reforma Protestante no século XVI, especialmente com o desafio luterano de traduzir a Bíblia para o alemão, retirando o monopólio de sua leitura do clero, pois as versões bíblicas até aquela época eram em grego (*septuaginta*), latim (*vulgata*) e siríaco (*peshitta*), línguas cultas.

Todavia, mesmo traduzida para o alemão, língua do Império que acolheu Lutero e seus seguidores contra a perseguição católica, havia um segundo problema: o povo não sabia ler. E este se tornou um dos desafios da Igreja Protestante, alfabetizar os povos para que eles tivessem livre acesso às escrituras. Desta forma, a educação católica, que naquela época era quase majoritariamente destinada às elites, contrastava com a educação protestante que adotou a filosofia da universalidade (Cambi, 1999; Manacorda, 1989).

Foi esta filosofia educacional, com foco em alfabetizar, e nos círculos mais avançados do conhecimento (universitários) promover um resgate da compreensão dos originais bíblicos no grego, é que surgiram os primeiros hermeneutas bíblicos e, posteriormente, filosóficos, como foi o caso de Friedrich Schleiermacher (1768-183), que trouxe a hermenêutica do campo da teologia para a filosofia, abrindo margem para um novo tipo de método: o interpretativo.

Esse conjunto de elementos encadeados que culminou no surgimento e na força dos movimentos do Romantismo e do Idealismo alemão, que influenciaram toda uma geração de filósofos e cientistas, dentre os quais, os pais da psicologia moderna, como Wundt, por exemplo.

A partir deste *zeitgeist* ocorrendo naquela região geográfica, dentre outras coisas, permitiu-se o surgimento de pensadores criativos, como Wundt e Freud, dentre outros. Freud era um exemplo típico do romantismo e idealismo alemães, com suas metáforas que faziam referência às grandes histórias, mitos e personagens da filosofia grega, trazendo uma nova linha explicativa para o psiquismo humano - A Grécia do Século IV a. C. estava mais unida do que nunca à Europa dos séculos XVIII e XIX.

Mas não era somente isto que estava acontecendo naquela região, pois antes mesmo da fundação da psicologia como ciência moderna, aos moldes do positivismo e do realismo filosófico, e da assunção da psicanálise como modelo clínico hegemônico para as nascentes ciências psicológicas, já existiam diversos discursos filosóficos que se situavam num terreno fronteiro entre a clínica médica e a filosofia: Franz Anton Mesmer (1734-1815), propondo um modelo terapêutico de cura, defendeu a ideia da existência de um fluido magnético universal que teria poder de influenciar as pessoas por meio de um método que foi o precursor da hipnose moderna. Para isso utilizava-se de um instrumento chamado *baquet* (Neubern, 2008), que havia sido instalado em um apartamento em Paris a partir de 1778 para as sessões de cura pelo magnetismo (Barreiros, 2020). Todavia, sua proposta foi muito mal recebida pela academia da época, sendo política e academicamente rejeitada por duas comissões científicas compostas para analisar seus pressupostos, conforme apontado por Neubern (2006; 2007) por métodos inadequados de avaliação, que motivaram, inclusive, a sua segregação e a exclusão da possibilidade que a mesma fosse pensada ou repensada criticamente.

Mesmo diante da controversa proposta de Mesmer, e da rejeição de sua entrada nos meios acadêmicos da época, elas influenciaram o trabalho de Marquês Armand de Puységur (1751-1825), que elaborou um método clínico mais adequado para registrar os seus avanços e a eficácia de sua prática terapêutica, mesmo diante do descrédito em que

tal prática era vista (Neubern, 2007). Puységur também introduziu diversas modificações metodológicas na execução de sua prática, como por exemplo

Ao invés de um trabalho coletivo, com crises catárticas aos olhos do público, a proposta do Marquês individualizava o tratamento, voltando-se para uma relação processual e acolhedora que buscava contemplar e atender as necessidades particulares de cada paciente (Puységur, 1784/2001a). Além disso, tal proposta havia amadurecido a partir dos embates com os adversários de seu mestre Mesmer: o magnetismo não se afigurava mais como uma panaceia para cura de qualquer mal, mas apresentava limitações e as relações com o paciente, principalmente as mulheres, deveriam ser resguardadas pela presença de alguma figura de confiança para que fossem evitadas as acusações de assédio, como as dirigidas a Mesmer (Neubern, 2009, p. 106).

É interessante notar que em Puységur já havia rudimentos da ideia de uma etnopsicologia, bem como da proposta do entendimento da dor humana como um fenômeno intrinsecamente singular e que, portanto, necessitaria de um acompanhamento igualmente singular.

Todavia, para além da noção da existência de um fluido magnético que influenciaria as pessoas sobre o efeito do processo que hoje conhecemos como hipnose, explicações alternativas para o fenômeno do sonambulismo presente neste (os fenômenos de transe) foram fornecidas por pensadores como Alexandre Bertrand (1795-1831) e Hippolyte Bernheim (1840-1919) que se aproximavam bastante dos critérios epistemológicos estabelecidos pelo *mainstream* científico da época, que era o positivismo, mas ainda assim foram rechaçados por que o rótulo de “charlatanismo” já havia se estabelecido sob o tema (Neubern, 2008).

Apesar da forte oposição das correntes de pensamento dominantes da época, os hipnotistas fundaram duas importantes escolas na França: A Escola de Nancy, que recebeu profunda influência do pensamento de Alexandre Bertrand (1795-1831), cujo autor afirmava que os processos sonambúlicos não se davam por qualquer tipo de fluído, mas que a imaginação estava na gênese destes, influenciou autores como Hippolyte Bernheim (1840-1919) e Joseph Delboeuf (1831-1896), nesta escola que preconizava a sugestão como um processo relacional que seria capaz de produzir inúmeros fenômenos, psíquicos ou orgânicos. Esta ideia estava em oposição às de Jean-Martin Charcot (1825-1893), da Escola de Paris, fundada em grande parte graças aos trabalhos com pacientes psiquiátricos no Hospital de la Salpêtrière, que pensava que o transe hipnótico era um quadro típico de pessoas em estado patológico (Neubern, 2009).

Este contexto histórico é de suma importância, pois se dava na mesma época do florescimento da psiquiatria, especificamente, do grupo francês que operava no modelo hospitalar, especialmente no Hospital de Bicêtre e no Hospital de la Sapêtrière, como Philippe Pinel (1745-1826), Jean-Étienne Esquirol (1772-1840), por exemplo. E do outro lado do canal da mancha, por sua vez, a psiquiatria também acontecia, especificamente com Samuel Tuke (1784-1857) e seu filho, Daniel Hack Tuke (1827-1895) (Foucault, 1978), onde o primeiro havia implantado o modelo de asilo para os “loucos”, e este último tendo **cunhado o termo psicoterapia em 1872**, que foi popularizado na França por Hyppolite Bernheim posteriormente (Roudinesco, 2005).

Este contexto médico-psiquiátrico e hipnotista teve grande influência na formação de um dos maiores nomes da história da psicologia moderna, o pai da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939) (Loureiro, 2005). Freud inicia seus estudos ainda no século XIX, mas o marco do surgimento da psicanálise, enquanto teoria sobre o saber do psiquismo humano, se dá a partir da publicação de *A interpretação dos sonhos*, em 1900

(Prudente & Ribeiro, 2005). A psicanálise, enquanto uma proposta de “cura pela fala” (Foschesatto, 2011), surgiria algum tempo depois da empreitada de Wundt que havia se iniciado em 1879 (Araujo, 2009), e seria mais uma das diversas expressões teóricas, ou escolas de pensamento que se seguiriam (Schultz & Schultz, 2009).

E logo nos primeiros anos após a fundação do laboratório de Wundt, bem como de seu programa de pós-graduação, seus alunos começaram a espalhar-se pelo mundo com suas ideias, e um dos quais nos cabe fazer jus é Lightner Witmer (1867-1956) que **fundou a primeira clínica de psicologia** em 1896 na Universidade da Pensilvânia, onde tratava crianças, e **cunhou o termo psicologia clínica a partir de 1907** (Gomes & Castro, 2010; Hilgard, 1987; Pacheco, 2001).

Desta feita, o trabalho “curativo” do psiquismo humano saiu de um apartamento parisiense, passou pelos asilos e hospitais psiquiátricos, depois por uma clínica-escola infantil universitária, finalmente chegando a um famoso consultório vienense que ditaria os rumos de muitas escolas de pensamento na psicologia moderna. Tal trajetória demonstra a versatilidade da clínica psicológica, ou da psicoterapia, se assim o leitor preferir chamar.

Esta multiplicidade de “campos de atuação” da clínica psicológica não é a única situação a ser analisada, ela também representa a expressão de um problema histórico na psicologia: a noção de crise e a subsequente noção de fragmentação teórico-prática do campo.

A Crise e a Fragmentação da Psicologia

Em trabalho anterior (Santos, 2016) pesquisei sobre os discursos de crise na psicologia, e os significados históricos atribuídos a estes, bem como levantei teses iniciais

sobre a noção de como o Pensamento Complexo pode trazer uma releitura sobre o problema da fragmentação teórica que é derivado deste problema.

A primeira vez que o tema apareceu na história da psicologia, enquanto ciência moderna, foi por meio de Rudolf Willy (1855-1918), um filósofo suíço que publicou em 1897 um livro intitulado de *Die Krisis in der Psychologie*, onde aparece a primeira crítica ao projeto moderno de psicologia enquanto ciência (Mülberger, 2012; Santos, 2016). Desde então as críticas não pararam: A partir de Willy, que é um nome amplamente desconhecido pela psicologia brasileira, a clássicos da psicologia, como o soviético Vigotski (2013), e a nomes consagrados da psicologia social brasileira, Sílvia Lane (Lane, 1989), por exemplo, engrossam a fila de autores que abordaram o tema (Santos, 2016).

E talvez uma das maiores contribuições que a pesquisa anterior tenha trazido, foi de compreender que há pelo menos três **núcleos de significado** (Aguar, Soares & Machado, 2015) quando se emprega o conceito “Crise da/na Psicologia”, e que cada um destes corresponde a uma época específica e a uma geopolítica específica (Santos, 2016).

O primeiro momento em que aparecem as ideias sobre crise na psicologia vai de 1897 até 1939, é eminentemente europeu, marcado por críticas ao modelo wundtiano, falta de uma “psicologia geral”, discordâncias de modelos epistemológicos – **É uma crise de identidade e unidade.**

O segundo momento, a partir de 1940 e vai até 1969, se dá com a migração de muitos dos teóricos europeus para os Estados Unidos devido à Segunda Guerra Mundial. Neste momento, temos críticas à aparente impossibilidade de replicação de estudos experimentais, dissonância de interpretação de dados – **É uma crise de replicação.**

O terceiro momento se dá a partir de 1970 e dura até hoje, quando a psicologia começa a aparecer no “terceiro mundo”, e surgem escolas de pensamento pós-

colonialistas, marxistas, “revolucionárias”, e criticam a forma acrítica como o pensamento psicológico é apropriado em países “periféricos” e também ao colonialismo epistemológico – **É uma crise de aplicabilidade.**

Estes três momentos específicos marcam tanto uma história, significados discursivos, mas também uma geografia e uma política específica que estão relacionadas ao contexto: ao apontar que há uma crise na psicologia, via de regras, o autor irá propor uma “nova alternativa” para tentar solucioná-la, e não raramente obter algum tipo de vantagem política, acadêmica e/ou social sobre aquele tema. E estes três significados se percebem facilmente na psicologia clínica, na medida em que muitas destas percepções e propostas de superação teórica de crise se dão no campo da clínica.

Pois assim como vários autores apontaram para a noção de crise na psicologia, fazendo uma síntese dos significados históricos, propus a minha ideia de que este conceito existe porque os pesquisadores deste campo não conseguem perceber o caráter polissistêmico desta ciência (Santos, 2016): A psicologia é, em meu ponto de vista, aquilo que Morin (2013; 2015a) chama de *ciência ecológica*, por seu caráter transdisciplinar integrando em si o conhecimento de diversas disciplinas em um saber híbrido (Portela, 2008).

Desta forma, a verdadeira crise da psicologia não é o fato de ela possuir diversas possibilidades interpretativas, porque em nosso ponto de vista, tais interpretações se tratam de visões parciais de dimensões diferentes do mesmo objeto (Santos, 2016), mas sim pelo fato de isolar-se em um tipo de conhecimento hiperespecializado, recusando-se a dialogar com outras áreas, em alguns momentos.

Este é um dos princípios do Pensamento Complexo: **a realidade se expressa por múltiplos níveis** (Nicolescu, 1999) e, portanto, a visão do ser humano sobre este tema

sempre será limitada pelas condições materiais que este possui. Esta condição limitada do ser humano, além de comportar a incerteza, o erro, a ilusão (Morin, 2000a), representa um duro golpe às noções fundacionistas nas ciências

Fundacionismo na epistemologia significa que o conhecimento representa a realidade, no sentido de que a mente constrói representações do mundo externo. Desse ponto de vista, argumenta-se que os seres humanos têm acesso privilegiado à mente e por isso são capazes de compreender como ela funciona na elaboração de ideias indubitáveis e verdadeiras sobre a realidade - ideias que representam o que existe fora delas bem ali no mundo externo (Abib, 1999, p. 238).

Em relação a isto, Morin (2000a) ensina que

O conhecimento não é um espelho das coisas ou do mundo externo. Todas as percepções são, ao mesmo tempo, traduções e reconstruções cerebrais com base em estímulos ou sinais captados e codificados pelos sentidos. Daí resultam, sabemos bem, os inúmeros erros de percepção que nos vêm de nosso sentido mais confiável, o da visão. Ao erro de percepção acrescenta-se o erro intelectual. O conhecimento, sob forma de palavra, de ideia, de teoria, é o fruto de uma tradução/reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito ao erro. Este conhecimento, ao mesmo tempo tradução e reconstrução, comporta a interpretação, o que introduz o risco do erro na subjetividade do conhecedor, de sua visão do mundo e de seus princípios de conhecimento. Daí os numerosos erros de concepção e de ideias que sobrevêm a despeito de nossos controles racionais. A projeção de nossos desejos ou de nossos medos e as perturbações mentais trazidas por nossas emoções multiplicam os riscos de erro (p. 20).

Ou seja, as teorias humanas são baseadas em percepções, e estas que são dependentes das condições sociais, históricas, materiais, biológicas, antropológicas do indivíduo, e tudo isto se relaciona com a capacidade interpretativa deste. A incapacidade de compreender os antagonismos, lidar com as incertezas do conhecimento, e se perceber como uma ciência polissistêmica, levou os teóricos modernos da psicologia a uma aparentemente insolúvel percepção de crise. Todavia, ao pensarmos esta ciência em sua multidimensionalidade, por um sujeito que se expressa em múltiplos níveis de significação (Santos, 2016), chegamos a um ponto-chave aqui: A psicologia é uma ciência imanentemente hermenêutica, e precisamos de uma hermenêutica tão complexa quanto complexa esta ciência é.

A psicologia como uma ciência hermenêutica

Podemos definir a hermenêutica como a ciência e a arte de interpretação de textos (Virkler, 1998), onde no sentido amplo, texto é qualquer objeto de compreensão (Campigoto, 2003). Ou seja, tudo aquilo que é passível de ser “lido” pelo humano é um texto a ser interpretado – o ser humano, inclusive.

Apesar de a preocupação com a interpretação de textos existir desde a Grécia Antiga, já nas figuras de Platão e Aristóteles, é a partir da Reforma Protestante, momento a partir do qual teólogos protestantes passaram a defender que a interpretação da Bíblia não se daria pela “tradição” da Igreja Católica, mas que o próprio texto bíblico teria as suas chaves compreensivas – ou seja, o texto deveria ser entendido em seu próprio contexto, e, portanto, seria importante o aprofundamento neste (Gadamer, 2015).

Foi com Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1768-1834) que a hermenêutica dá um salto teórico, desprendendo-se da teologia e entrando no terreno filosófico: nascido

em Breslávia (antigo território alemão, hoje pertencente à Polônia), foi filósofo, teólogo e classicista e lecionou Teologia na Universidade Humboldt, em Berlim, e na Universidade de Halle, no estado alemão da Saxônia-Anhalt. Publicou numerosos trabalhos nas áreas de filosofia da religião, ética e hermenêutica, em parte inspirado pelo Romantismo Alemão de que era contemporâneo. Além disso, foi tradutor de Platão, um projeto iniciado em parceria com Friedrich Schlegel. Com base em sua experiência como tradutor e em suas reflexões sobre o tema, escreveu, em 1813, o ensaio “Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens” (Sobre os diferentes métodos de tradução), até hoje um dos textos mais célebres sobre a tradução (Snell-Hornby, 2012).

A ideia de Schleiermacher era que não bastava apenas conhecer as regras textuais, ou a filologia do texto, mas também era necessário compreender a intenção do autor para que a sua interpretação fosse adequada (Gadamer, 2015): assim sendo, conhecer a “psicologia do autor”, seus desejos, intenções, motivações, era importante. E não apenas isso, mas também era importante conhecer a psicologia do leitor, pois a interpretação se dava num “jogo” entre a psicologia de ambos.

Esta linha de pensamento ficou conhecida como hermenêutica psicológica, ou romântica. Schleiermacher acreditava que a interpretação correta de um texto se dava pela investigação tanto filológica quanto psicológica dos atores envolvidos no processo de construção do texto, e que esta possuía um caráter objetivo (Gadamer, 2015; Maas, 2010). Tal linha de pensamento foi a responsável por retirar a hermenêutica do campo da teologia e trazê-la para o campo da filosofia, pois esta era, a partir de então, capaz de compreender não apenas os textos bíblicos, mas qualquer tipo de texto, pois estes passaram a ser dotados de uma objetividade interpretativa jamais vista.

Outra questão interessante a se pontuar da obra de Schleiermacher é que é dele “o postulado de que *importa compreender um autor melhor do que ele próprio se*

compreendeu” (Gadamer, 2015, p. 263), deixando claro que há elementos inconscientes no processo de produção de uma obra que escapam da vontade do autor – isso faz conexão com o princípio ecológico da ação (Morin, 1996a), que retomaremos adiante.

Schleiermacher foi um dos maiores influenciadores da obra de Wilhelm Dilthey (1833-1911) pensador alemão, filho de pastor calvinista, que se dedicou ao estudo da história, das artes e da psicologia. Apropriando-se dos conhecimentos da hermenêutica, opôs ao idealismo alemão e também ao positivismo, em grande voga na época (Araújo, 2007). Este foi o primeiro grande nome da psicologia a revisitar o tema da hermenêutica.

Dilthey não foi apenas um historiador notável, desenvolveu uma epistemologia para servir de base à compreensão histórica e às ciências humanas, em geral. Dando seguimento à hermenêutica de Schleiermacher, enfatizou o aspecto psicológico da compreensão das expressões e criações culturais enquanto compreensão da vida mental nelas expressas (Sá, 2009). A sua escola de pensamento ficou conhecida como Hermenêutica Histórica, e este é um dos responsáveis pela ideia de que uma obra precisa ser compreendida levando em consideração o seu contexto histórico, social, cultural, e que este contexto nos daria pistas para a interpretação da obra.

Foi Dilthey o responsável pela divisão das ciências em dois grandes ramos: as *Geisteswissenschaft* (Ciências do Espírito) e as *Naturwissenschaft* (Ciências Naturais), colocando a hermenêutica como a base do primeiro ramo, situando-as ciências deste como compreensivas, e as ciências da natureza, como ciências explicativas (Scocuglia, 2002).

Dilthey, desta forma, situa a psicologia como uma ciência compreensiva, humana (ou do espírito, como diriam os alemães da época), e que, justamente por isso, era intrinsecamente hermenêutica: Wundt, ao mirar no projeto positivista de ciência para a emancipação da psicologia, enxergava os modelos de uma ciência experimental, talvez

não tivesse imaginado na quantidade de escolas de pensamento que teríamos hoje, e que o pensamento de Dilthey nos daria uma preciosa chave para compreensão – as diferentes escolas de psicologia que temos hoje são interpretações diferentes dos mesmos fenômenos?

Poderíamos dizer que, materialmente sim, mas conceitualmente não, haja vista que as teorias têm o poder não apenas explicativo, mas também construtivo e interpretativo, conforme já havia salientado González-Rey (2002), pois os conceitos utilizados para dar nomes aos “achados” são socioculturalmente construídos e, portanto, podem ser polifônicos e polilógicos (Morin, 2011a). Essa polifonia e polilógica é, em meu ponto de vista, o que acontece com as abordagens psicológicas, e as interpretações epistemológicas para esse fenômeno, de tradição positivista, enxergam isso como um tipo de “fraqueza”, como foi o caso de Kuhn (1998), não como uma riqueza, como já propusemos anteriormente (Santos, 2016).

Mas afinal de contas: quantas abordagens existem na psicoterapia/psicologia clínica?

Na primeira edição de um dos manuais introdutórios mais conhecidos de psicoterapia no Brasil, *Psicoterapia: abordagens atuais*, Cordioli e Grevet (2008) argumentam que

Na atualidade, existem mais de 250 modalidades distintas de psicoterapias, descritas de uma ou de outra forma em mais de 10 mil livros e em milhares de artigos científicos relatando pesquisas realizadas com a finalidade de compreender a natureza do processo psicoterápico e os mecanismos de mudança e de comprovar

a sua efetividade, especificando em que condições devem ser usados e para quais pacientes (p. 20).

Esta informação, todavia, não aparece na 4ª edição da mesma obra, lançada no ano de 2019, onde os autores citam (Cordioli & Grevet, 2019) que em uma pesquisa feita no ano de 2017, encontraram em uma busca na internet, especificamente no site da Wikipédia (a maior enciclopédia escrita no modelo colaborativo atualmente), um diretório listando 174 tipos de terapia disponíveis. Refazendo o caminho destes autores, na mesma lista, pesquisando-a no ano de 2022, encontrei 184 listadas, entre as amplamente conhecidas, até mesmos às desconhecidas e alegadamente pseudocientíficas. Tais informações, todavia, encontradas neste sítio, não parecem ser precisas suficientes para apresentar o “Estado da Arte” sobre o tema.

Outra tentativa de “catalogar” ou “listar” as psicoterapias disponíveis à época foi elaborada no livro *O paciente, o terapeuta e o Estado*, de Roudinesco (2005), onde a autora afirma que existiam, segundo a sua pesquisa/contagem, cerca de 700 abordagens teóricas de psicoterapia espalhadas pelo mundo. E estamos nos referindo a um trabalho que foi originalmente publicado em 2004 na França, há 18 anos!

Recentemente Prochaska e Norcross (2018) se lançaram também ao desafio de investigar a quantidade de abordagens ou teorias psicológicas sobre a clínica, e chegaram ao número de 500 (e crescendo), pontuando sobre a necessidade de uma análise comparativa destas escolas de pensamento.

A questão é que neste momento não sabemos quantas abordagens teóricas em psicoterapia existem, e ainda que soubéssemos, também me parece que seria extremamente difícil dizer quais destas abordagens seriam dignas de crédito, no sentido de dizer se são de fato científicas, haja vista a quantidade de pseudociências que tem

aflorado na contemporaneidade, e da ausência de uma discussão filosófica madura e não paroquialista sobre parâmetros aceitáveis para o conceito de cientificidade, de modo a contemplar a diversidade de métodos e linguagens, sem a busca por uma supremacia política do campo.

Desta feita, podemos dizer que as “abordagens” na psicologia clínica não são “descobertas” como um explorador descobre um quinhão de terra isolado do mapa, ou como um entomologista descobre uma espécie nova de inseto em alguma floresta tropical. As abordagens são criadas, e a sua criação depende de um contexto cultural, político, linguístico, técnico, econômico, etc.

As abordagens são tentativas dos pesquisadores de fornecerem propostas explicativas para fenômenos/processos muito complexos e, portanto, constituídos por diversos níveis de significação. Isso justifica que pesquisadores independentes, seguindo basicamente os mesmos roteiros de observação ou experimentação, podem chegar em conclusões totalmente diferentes em seus trabalhos, gerando uma percepção de crise (Santos, 2016; Earp & Trafimow, 2015; Lane, 1989).

Mas se as abordagens psicológicas enxergam a realidade parcialmente, tentando elaborar descrições desta conforme a bagagem cultural de seus pesquisadores, poderíamos dizer que todas elas são válidas? Ou ainda, poderíamos dizer que existem algumas que alcançam uma parte “maior” da realidade do que outras? Todas são eficientes? Quais são os critérios que definem uma abordagem como “científica” e outra não?

O dilema do Pássaro Dodô

Um dos primeiros trabalhos, e um dos mais controversos, sobre a eficácia dos diversos processos terapêuticos foi escrito por Rosenzweig (1936), onde este propõe a existência de fatores comuns implícitos em diversos métodos de psicoterapia, **inespecíficos**, que eram vinculados às capacidades do terapeuta, como suas habilidades interpessoais, perfil de personalidade, comunicação, dentre outros, independentemente dos **fatores específicos**, que eram técnicos e diziam mais respeito aos aspectos teóricos. No subtítulo deste trabalho o autor utilizou uma frase do conto de Alice no País das Maravilhas, que diz: “*Everybody has won, and all must have prizes*” (**Trad. Livre:** Todos ganharam, e todos devem receber prêmios), fazendo alusão à corrida proposta pelo personagem em que todos os participantes ganharam.

Esta frase, que ficou bastante conhecida na comunidade de psicólogos de fala inglesa como o Veredito do Pássaro Dodô, e inspirou diversos estudos comparativos sobre a eficácia das psicoterapias, como o de Luborsky, Singer & Luborsky (1975), que não encontrou diferenças significativas que justificassem o argumento de que existem propostas terapêuticas mais eficazes do que as outras. Tal resultado tem perdurado por décadas, pois é corroborado por estudos diversos, como o de Wampold et. al (1997), e o de Marcus, O’Connell, Norris e Sawaqdeh (2014), apesar deste último fazer distinção entre resultados primários (alívio de sintomas) e secundários (mudança de hábitos/vida), onde afirma que a terapia cognitivo-comportamental apresenta resultados melhores no que diz respeito aos primeiros, corrobora para as conclusões do estudo de Luborsky, Singer e Luborsky (1975), quase 40 anos depois deste.

Tais estudos, todavia, não são unanimidades na comunidade internacional de pesquisadores: DeRubeis, Brotman e Gibbons (2005) discordam do argumento dos fatores inespecíficos e providenciam evidências para a afirmação de que pelo menos

quatro transtornos mentais específicos (analisados em seu estudo), possuem resultados diferentes quando manejados em diferentes abordagens teóricas.

Um dos problemas que estes estudos apresentam, em meu ponto de vista, é que, ao tratar de problemas complexos, eles caem na velha cilada maniqueísta da lógica do terceiro excluído (“ou isto, ou aquilo”): a solução diplomática para este problema passa pela dialógica que nos convida à ideia de que a eficácia teórica pode variar conforme o problema ao qual é endereçada, bem como aos operadores (terapeutas ou clientes envolvidos), bem como diversos fatores que possam estar, intervenientemente, envolvidos.

Sobre isto, Lambert e Barley (2002) especularam sobre a **multifatorialidade da eficácia terapêutica**, retirando o problema da dicotomia que foi elaborada a partir da ideia dos fatores específicos *versus* fatores inespecíficos, desde a década de 1930. Estes autores sinalizam que existem pelo menos quatro grandes fatores que determinam a eficácia de uma intervenção terapêutica: 1) **Fatores extraterapêuticos**, responsáveis por 40% da eficácia terapêutica, que significam, por exemplo, o tipo de diagnóstico ao qual o sujeito está sujeito, a qualidade do suporte social que o paciente/cliente possui, se este está sujeito ou foi exposto a fatores estressores ou não durante o acompanhamento; 2) **Fatores comuns**, responsáveis por 30% da eficácia, representados pela qualidade da relação terapêutica, a qualidade do afeto disponível, a empatia, e a consideração positiva entre ele e o terapeuta; 3) **Fator placebo**, responsável por 15% da eficácia, que é representado pela própria expectativa que o cliente coloca sobre o terapeuta ou sobre o tratamento, bem como pela capacidade de sugestão terapêutica (hipnótica, vamos assim dizer) que existe entre terapeuta e cliente; 4) **Fatores específicos**, responsáveis por 15%, representados pela especificidade das técnicas empregadas pelo modelo teórico, bem como da capacidade da teoria de elaborar o problema específico do cliente/paciente.

Todavia, por mais que a teoria dos fatores comuns seja interessante, por fornecer uma linha de pensamento apaziguadora para o interminável conflito que ocorre pela busca da supremacia técnico-política da psicologia, há também que se considerar o argumento de Neto e Féres-Carneiro (2005)

Embora a teoria dos fatores comuns favorecesse uma interação mais amistosa entre as diversas abordagens, por outro lado promoveu certa paralisação, pois levou a se desconsiderar outros fatores presentes, como as técnicas específicas. Assim, surgiu como consequência a sensação de que qualquer esforço de aprimorar modelos e técnicas seria inútil, tendo um efeito mínimo sobre os resultados (Cordioli, 2002). Portanto, é também como uma tentativa de escapar desta situação paralisadora que se deve compreender o esforço de desenvolver novos modelos terapêuticos, explorando as consequências de novas teorias (p. 360).

Outro problema, para o qual precisamos nos atentar, é o das diferenças qualitativas entre os clientes/pacientes, que em última instância sempre serão singulares, mesmo vivendo e expressando padrões de comportamentos social e culturalmente construídos. Sujeitos históricos com problemas específicos, backgrounds específicos, contextos diferentes,

Desta forma, nos parece que os estudos quantitativos que tentam validar a eficácia das teorias e abordagens em psicoterapia, no que diz respeito aos processos de mudança de comportamento, incorrem no sério risco de reificar seu objeto: como se a técnica em si fosse, naturalmente, responsável pela mudança, e não apenas um dispositivo que possibilitasse, via qualidade relacional entre dois ou mais sujeitos, os processos de mudança. **A nossa proposta, então, não trata de avaliar a qualidade das técnicas ou teorias, mas apresentar uma nova proposta de método para a psicologia clínica que**

seja pertinente, como diz Morin (2000a), ou seja, que seja ciente do contexto, do global, do multidimensional, do complexo, gerando novas zonas de inteligibilidade sobre este campo de atuação.

Propostas qualitativas e etnopsicológicas

Citamos anteriormente diversos trabalhos estadunidenses com características intrinsecamente quantitativas, matemáticas, estatísticas, e dar-nos-emos ao direito de fazer um contraponto importante, que nasceu naquele mesmo contexto geográfico, sendo de muita importância à nossa reflexão atual: Milton Erickson (1901-1980), psiquiatra nascido em Aurum, uma cidade-fantasma no Estado de Nevada, e que se tornou um dos maiores nomes do estudo contemporâneo da hipnose.

O trabalho de Erickson foi bastante importante na medida em que evoca novas possibilidades de interpretação dos fenômenos psicológicos, bem como novas racionalidades: de caráter profundamente pragmático, sua obra é de uma característica atórica (não no sentido de não ter uma descrição, mas no sentido de sua não sistematização conforme os padrões acadêmicos de sua época) única que nos obriga a entendê-la apenas por meio do viés qualitativo que este estabelecia pelas relações com seus clientes, seja por meio do uso de histórias, metáforas ou analogias (Neubern, 2002)

Erickson não utilizava o fazer técnico de forma reificada, como um mero conjunto de procedimentos ritualísticos, mas adaptava a sua atuação conforme o contexto e os elementos que eram trazidos pela própria história de vida dos seus pacientes, estudando a vida destes e criando histórias pertinentes que serviriam como seus instrumentos de trabalho (Neubern, 2021).

De um ponto de vista clínico, pertinência refere-se à afinidade entre o que é contado na história e processos simbolicamente relevantes vivenciados pelo sujeito num dado momento da terapia (ERICKSON; ROSSI, 1979: 18). Aquilo que o terapeuta narra, na indução ou durante o transe, precisa apresentar uma semelhança ou proximidade simbólica e sentimental com o que é vivido pelo sujeito, contemplando sua singularidade a partir de suas próprias referências de sentido e não das cosmovisões ou teorias do terapeuta (Neubern, 2021, p. 28).

Ou seja, além de propor uma obra marcada pela abertura teórica, o resgate de noções como as de sujeito, acontecimento, diversidade, dentre outras (Neubern, 2004), o trabalho de Erickson estava profundamente enraizado em princípios etnopsiquiátricos que sinalizam a relação intrínseca entre a cultura e o psiquismo (Martins-Borges, Lodetti, Jibrin, & Pocreau, 2019).

Proposta por George Devereaux (1908-1985) e por Tobie Nathan (1948-) a etnopsiquiatria considera que o psiquismo humano se constrói em culturas específicas e que, portanto, as propostas terapêuticas devem levar em consideração os dispositivos culturais adotados/utilizados nestas mesmas culturas. Esta proposição é importante, pois se coloca ao lado das psicologias pós-colonialistas, que afirma o lugar de pertencimento etnológico dos sujeitos, e rechaça o imperialismo epistemológico de algumas teorias que tentam colonizar as subjetividades dos clientes e enquadrá-los nos marcos teóricos dos seus psicoterapeutas (Neubern, 2013).

Sobre isso, Morin (2011c) afirma ser necessária a elaboração de um Pensamento do Sul, ou seja, um pensamento capaz de confrontar e criticar a ideologia do Norte, do cálculo, da quantificação, da mundialização, da tecnificação, da simplificação e coisificação, estas que produziram cegueiras que levaram a humanidade a uma crise de humanidade.

Um pensamento capaz de respeitar o lugar, as subjetividades, as qualidades que não podem ser quantificadas dos sujeitos, a emoção, a vibratibilidade da vida

Nesse sentido, o pensamento do Sul seria um pensamento que religa e, por isso mesmo, estaria apto a ressuscitar os problemas globais e fundamentais. Trata-se de um pensamento que reconheceria, defenderia e promoveria as qualidades e a poesia da vida, ainda mais porque o Sul ainda permanece depositário dessa poesia que, frequentemente, é considerada pelo Norte como atraso, ou como algo reservado simplesmente aos períodos de férias, um folclore que se pode desfrutar gozando do sol e do mar (Morin, 2011c, p. 18).

Desta forma, a construção de categorias teóricas que sejam capazes de lidar com a diversidade de uma população que também vem do Sul, pois conforme Danziger (1997) salienta

As categorias psicológicas têm uma dimensão política porque elas não são puramente descritivas, mas também normativas. Adotar uma classificação particular do fenômeno psicológico, e implicitamente rejeitar uma miríade de classificações alternativas possíveis, significa estabelecer certa maneira de reconhecimento do comportamento e da individualidade humana (p. 185).
(Tradução nossa).

Sendo assim, diante de tantas abordagens, teorias, formas de pensar sobre o comportamento humano, é possível que cheguemos a um conhecimento que respeite à singularidade dos sujeitos no processo terapêuticos, ainda que estes também respondam a padrões de comportamento social, histórica e culturalmente construídos? Quais são as categorias que nos permitem elaborar um Pensamento Complexo sobre este tema?

Encontramos numa nova compreensão do peripatetismo uma possibilidade para trabalharmos este problema.

Capítulo 2 - Peripatetismo: quando vida e obra se confundem no caminho

“Caminante no hay camino, el camino se hace al caminar” Antonio Machado

Depois de dez anos dedicados à obra de Morin uma luz de compreensão se acendeu em minha consciência sobre a sua mensagem: após ler os textos introdutórios, toda a coleção d’ “O método”, e outros livros importantes de sua intelectualidade “madura”, foi somente quando finalizei a leitura de parte de seus diários que entendi o que significa o princípio da reintrodução do sujeito cognoscente (Morin, 2015b).

Tudo começou timidamente quando li “Meu Caminho” (Morin, 2010), quando compreendi globalmente a biografia de Morin, pois antes eu possuía as ideias, como se estas não tivessem sido geradas na história de um pensador, com suas inquietudes e aspirações. Esta leitura, -posteriormente, ganhou força com e se complementou com a leitura de “Meus demônios” (Morin, 2000b), quando entendi em que momento da vida de Morin cada ideia foi tomando forma, em uma caminhada repleta de progressões e disrupções. Assim, completei a minha primeira tríade biográfica de Morin quando tive acesso ao livro “Meus filósofos” (Morin, 2014a), e pude perceber de forma objetiva as referências teóricas que perpassaram pela caminhada do filósofo francês.

A leitura destes três exemplares me ajudou a compreender como as ideias se imiscuíam na vida do homem que dedicou décadas ao Pensamento Complexo, e como estas se fizeram inseparáveis uma da outra. Realmente, para minha experiência só foi possível compreender ambas quando foram religadas, autor e obra, sujeito e objeto, vida e escrita.

Uma semana antes de realizar minha qualificação no doutorado em Psicologia Clínica e Cultura, pela Universidade de Brasília, ainda lutava comigo mesmo para apaziguar meu coração em relação ao método que iria usar, pois ressoava em minha mente uma frase que ouvi de minha orientadora de graduação, anos atrás: “É muito difícil se desvencilhar dos métodos positivistas pelos quais fomos ensinados” (V. L. A. Peres, comunicação pessoal, 2013). Percebia que não faria sentido propor uma revisão bibliográfica com busca em base de dados por meio de descritores, com um passo-a-passo para replicação, pois tal método, ainda que válido, não contemplava a ideia de que por mais que o procedimento pudesse ser replicado, havia processos hermenêuticos que nenhum outro sujeito poderia acessar qualitativamente, porque eu mesmo enquanto sujeito daquele processo, possuía uma construção histórica singular.

Lembrei-me que essa angústia não era uma mera inquietação filosófica individual, mas também do ponto de vista da história metodológica da psicologia, pois desde a década de 1970 os pesquisadores se preocupam com a questão da replicação em estudos psicológicos (Lane, 1989; Earp & Trafimow, 2015; Makel, Plucker, & Hegarty, 2012). Assim sendo, o que fazer? Como realizar uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, que esteja alinhada aos princípios do Pensamento Complexo? A resposta para isto sobreveio-me apenas quando, por um *insight*, entendi o valor do “Diário da Califórnia” (Morin, 2012a), “Um ano sísifo” (Morin, 2012b) e “Chorar, amar, rir, compreender” (Morin, 2012c), quando o filósofo francês narra, cronológica e sistematicamente, por meio de diários, as suas inquietudes, encontros e desencontros, e como estes se desdobraram em suas ideias. Assim fora comigo: “Ora, se não posso replicar meu caminho, posso registrá-lo!”, pensei.

E assim surgiu a ideia de fazer um diário de pesquisa, para que eu pudesse registrar o meu caminho, as minhas emoções, as minhas ideias, as dificuldades, dores, e quaisquer

passos que representassem tanto a minha singularidade na produção do conteúdo, tanto aqueles procedimentos padrão na pesquisa científica. Rejeitando assim a escrita impessoal, em terceira pessoa do plural, implico-me nas linhas deste trabalho, não como parte de uma pesquisa comum, mas de uma vida, uma pesquisa-vida, um pensamento itinerante.

Assim, como ensina Morin (2008), num misto de prosa e poesia, estas linhas se inscrevem na persecução de algum tipo de sabedoria, conhecimento, às vezes em linguagem objetiva, às vezes em devaneios, quebrando a quarta parede, mas em uma caminhada original visando entender um pouco mais sobre como ocorre a construção do conhecimento do conhecimento no espaço da clínica psicológica, sob o ponto de vista do Pensamento Complexo.

A busca bibliográfica estruturada: um dos caminhos

Procedi primeiramente a busca pelo descritor em língua portuguesa “peripatetismo” no indexador da SciELO e ele retornou com zero resultados. A busca foi mais satisfatória no Redalyc que trouxe 174 artigos em língua portuguesa. Inicialmente omiti qualquer resultado em língua inglesa ou espanhola, idiomas que tenho domínio de leitura, com o único objetivo de entender o que existia na língua portuguesa até aquele momento, especialmente disponível na internet, a maior “biblioteca” da atualidade por conter materiais diversos em vários espaços.

Em relação a esta quantidade de trabalhos encontrados, fiz o procedimento de *scamming*, uma técnica de leitura dinâmica que consiste na busca por informações específicas dentro do texto, tentando entender se o conceito de peripatetismo estava aplicado no texto, ou se era uma mera referência, e posteriormente fiz a utilização do

procedimento de *skimming*, que consiste em uma leitura rápida do texto para que se pudesse determinar se o mesmo é uma leitura relevante ou não para o objetivo deste trabalho (Ur, 2009; Brown, 1994).

De forma geral, os trabalhos encontrados serviram para traçar um panorama sobre o que se construiu na literatura acadêmica sobre o conceito, mas estão longe de apresentar um estudo de “Estado da Arte”, coisa que eu também não busco fazer. Todavia, os artigos científicos em língua portuguesa, sejam da filosofia, história, psicologia, sociologia, antropologia, comunicação ou qualquer outra área, apenas apresentam o tema de uma forma *en passant*, ou seja, não o situam histórica ou conceitualmente de forma mais restrita.

Ainda que o meu interesse neste capítulo seja apenas introduzir histórica e conceitualmente a noção de peripatetismo, entendo que seja importante apresentar o que se tem sobre o tema na academia para que eu possa apresentar uma visão alternativa sobre ele, trazendo uma releitura sobre o conceito. Digo isto porque entendo que o trabalho criativo pode atribuir novos sentidos sobre conceitos já existentes, mas que é um imperativo ético registrar os sentidos originais atribuídos a este conceito, de modo a não distorcermos a origem dos mesmos.

Desta feita, entendendo que os trabalhos em língua portuguesa não realizaram uma discussão exaustiva sobre o conceito, utilizei posteriormente a língua inglesa na busca pelo descritor “peripateticism pdf” no Google, o maior site de buscas da atualidade, com objetivo de encontrar trabalhos acadêmicos na grande rede que estivessem em periódicos que não estivessem nas bases de dados brasileiras. Utilizei com o nome em inglês a terminação “pdf” para sinalizar ao buscador mais avançado da atualidade o formato de material que estava buscando. A finalidade é a de preencher qualquer lacuna que não estivesse feita em língua portuguesa, bem como apresentar definições que, segundo a

minha experiência pessoal, costumam ser mais facilmente encontradas em literatura científica de língua inglesa.

Como este trabalho não é uma revisão sistemática de literatura, não vou apresentar uma lista ou tabela com todos os trabalhos encontrados, até porque muitos deles nem faziam qualquer discussão sobre o tema, mas simplesmente citavam um clássico livro brasileiro nas suas referências, o que sinalizava o artigo na busca do indexador. Assim sendo, apresento nas próximas páginas uma leitura sintética do resultado encontrado nesta etapa da pesquisa.

Peripatetismo: conceito, etimologia, fundação e história

O peripatetismo é, **conceitualmente**, um movimento filosófico que representa uma série de pensadores, dentre os quais Aristóteles (384-322 a.C.) foi o primeiro e mais significativo deles. Natural de Estagira, uma pequena cidade costeira na região de Tessalônica, 600 quilômetros distantes de Atenas, cidade que recebeu o filósofo em sua vida adulta como um *Metic*: um estrangeiro livre para viver e trabalhar na cidade, mas sem direitos de adquirir propriedades. Por isso, reunia-se com seus seguidores em um local público que ficava fora dos muros da cidade, o santuário do deus Apollo, chamado Lyceu (Furley, 2016).

A origem **etimológica** do termo vem do vernáculo grego *peripatói*, que significa caminhada, pois Aristóteles tinha o hábito de filosofar caminhando por entre os jardins do templo de Apollo. Não se sabe, todavia, se isto se dava por mera estética ou método do filósofo, ou se era por de fato não ter um lugar específico para “chamar de seu” – foi apenas por meio de seus discípulos que esta situação se modificou (Furley, 2016).

A figura de Aristóteles foi bastante importante, pois foi um filósofo prolixo, autor de vários tratados importantes em política, ética, metafísica, lógica, mas aqui devo destacar: foi o autor do primeiro tratado que conhecemos sobre o psiquismo humano que se têm notícias no ocidente: *Peri Psyche* (Gr. ΠΕΡΙ ΨΥΧΗΣ), que ficou famoso por seu nome latino *De Ânima*, era uma obra que discorria sobre dois problemas fundamentais daquilo que os gregos na época entendiam por alma, aquilo que dava movimento aos vivos: 1) do que é feita a alma? 2) Ela é um ente monolítico, ou seja, possui uma única parte ou é divisível?

Três pontos importantes

Destaco três coisas historicamente interessantes no que diz respeito às características do peripatetismo enquanto escola filosófica em sua interlocução com a psicologia moderna: 1) O primeiro **tratado teórico** sobre o psiquismo humano que se tem notícias veio desta escola, pelas mãos de seu fundador; 2) O emprego de **método mais amplo** do que o meramente especulativo, anteriormente empregada por Platão, mentor de Aristóteles; 3) O **método** de ensino/filosofia que era feito caminhando, ou seja, empregando uma dinâmica sensório-motora e geográfica diferente dos modelos discursivos estáticos.

Tratado teórico sobre a alma

Sobre a questão da alma, tema de importante relevância para nossa discussão na psicologia, Araújo (2021) demonstra que já existia um protoconceito desta no século IX a.C., com Homero que a nomeava como um tipo de “força vital” que animava o humano, todavia sem muito discorrer sobre a ideia. Em Platão, todavia, a discussão sobre a alma começa a ganhar força, mas ainda de forma esparsa, cabendo a Aristóteles o papel de fazer o primeiro tratado sistematizando ideias sobre o tema.

Mas esta não foi a única discussão importante de Aristóteles, sendo que este filósofo empreendeu importantes elaborações teóricas nos campos da lógica, metafísica, ética, zoologia, botânica, dentre outros. A sua obra constitui textos importantes para o entendimento histórico da filosofia, da psicologia, da ciência em geral, cujo mérito não entrará em discussão por não se tratarem do objeto deste trabalho. Mas para pontuar que foi um dos mais prolíficos e maiores nomes da filosofia clássica grega, e é aquele considerado o pai desta escola de pensamento.

Foi a longa tradição de elucubrações sobre este tratado que deu nome à disciplina “psicologia”: Araújo (2021) aponta que a primeira vez que o termo foi empregado, por volta de 1520 pelo filósofo croata Marko Marulic (1450-1524) foi na obra *Psichiologia de ratione animae humanae*, ainda que não tenhamos encontrado até agora uma cópia desta obra. Portanto, a obra mais antiga conhecida que emprega a palavra Psicologia, foi do Filósofo alemão Johann Thomas Freigius (1543-1583), no livro *Questões Lógicas e Éticas*, de 1574.

E sem entrar no mérito da riquíssima obra aristotélica, o “livro” fundador de nossa psicologia, com mais de 2 mil anos antes desta ser “declarada” ciência por um professor alemão em um laboratório universitário, é talvez o maior ilustre desconhecido de nossos universitários: a psicologia começou enquanto um braço da filosofia, emancipando-se depois ter cumprido os pré-requisitos de sua maioria à época, para ser aceita pela comunidade de pesquisadores – ela precisava ter a cara daquilo que se iniciava como uma filosofia de ciência estruturada, o positivismo (González-Rey, 1997).

Mas sem antecipar a linha cronológica, o interesse aqui é pensarmos a cronologia deste movimento filosófico e da sua importância na história da filosofia, para posteriormente apresentar os desdobramentos deste no que diz respeito à psicologia.

Método Ampliado

Conforme apontado por Spinelli (2009), é comum que alguns comentaristas modernos atribuam a Aristóteles a simplificação da alcunha de realista, ou mesmo empirista, sendo que uma análise mais profunda de sua obra indicaria que o mesmo entende que o conhecimento acontece por meio de três momentos: o estético (sensação), o empírico (experiência) e o noético (raciocínio).

Para Aristóteles, o nosso primeiro contato com a realidade se dá por meio da via sensitiva e, portanto, ocorre em um nível mais superficial da realidade, ou seja, a um tipo de percepção daquilo que é aparente – seria um tipo de operação cognitiva a qual o sujeito não precisaria realizar qualquer forma de elaboração descritiva.

A partir da sensação, elabora-se a experiência humana, ou seja, um conjunto sucessivo de contatos com o fenômeno específico que acumulou a capacidade de descrever tal objeto de forma mais ampla ou coerente do que a primeira, que se dava apenas pela vida sensitiva.

O conjunto de experiências humanas, quando elaborado sob o crivo das “meditações” filosóficas, do escrutínio público, gera a capacidade de descrever, explicar, compreender, sistematizar ideias sobre o distinto objeto.

É a partir destas ideias que podemos dizer que Aristóteles entendia que o conhecimento se dava não meramente por uma única via, mas se dava na interrelação entre estética, experimentação e raciocínio lógico (Spinelli, 2009). Estes aspectos são fundamentais para a nossa discussão por ser uma “semente” do Pensamento Complexo, por entender que o real não se apresenta ou se constrói na experiência humana por uma única via, mas se dá no entremeio de uma teia de múltiplos fios.

Método caminhante

Não sabemos com certeza sobre quais foram os motivos que levaram a Aristóteles fundar uma escola de pensadores “caminhantes”, se foi por questões pragmáticas e/ou burocrática de não terem uma sede própria (Furley, 2016) ou se esta prática era herança de Sócrates (Lenoir, 2012), que já filosofava por entre as ruas décadas atrás.

O que acontece é que o ato de caminhar e filosofar influenciou uma série de pensadores, desde os clássicos até os mais contemporâneos, como veremos neste trabalho. Desta forma, por mais que possamos chamar de Peripatetismo a escola de pensamento fundada por Aristóteles, nosso interesse aqui não é discorrer sobre as categorias teóricas desta escola, mas abrir uma nova zona de inteligibilidade (González-Rey, 1997) sobre o **conceito do peripatetismo, nomeando-o como um método de intervenção sobre o psiquismo humano.**

Nosso objetivo não é estudar sobre as minúcias do pensamento de Aristóteles e de seus seguidores, **mas demonstrar e nomear o método que se faz no caminho, que se faz fazendo, que se autoproduz, como método peripatetista,** descrevendo quais são os princípios e processos que estão implicados neste método.

Assim sendo, Aristóteles nos servirá como um ponto de partida apenas, uma inspiração, e sobre quem depositamos todo nosso respeito por sua contribuição por iniciar a iniciativa de filosofar caminhando. Portanto, após tê-lo apresentado, e sobre três importantes contribuições de sua obra para esta discussão, faremos um passeio pela história deste movimento no passar dos séculos, bem como as suas implicações atuais, para que, no fim, eu possa dar a minha contribuição à história, e quem sabe, ao futuro deste conceito.

Depois da fundação: uma cronologia do movimento

Esta pesquisa nos ajudou a perceber que, desde o surgimento do movimento peripatetista com Aristóteles, no século IV a.C., existiram pelo menos três diferentes momentos da história em que podemos compreender como este se construiu: 1) O período grego; 2) O período árabe; 3) O período escolástico.

O período grego se inicia na fundação do movimento, com Aristóteles, e depois é desenvolvido por meio de seus discípulos. Inicialmente o movimento, que era centrado na figura de seu fundador, reunia-se no templo de Apolo, no Lyceu, justamente pela impossibilidade da aquisição de qualquer propriedade em Atenas, conforme já explicado. Foi apenas por meio de Teofrasto (372-287 a.C.), discípulo e sucessor de Aristóteles no comando da escola peripatética, que com a ajuda de Demétrio de Falero (350-280 a.C.), este último cidadão atheniense, que os filósofos adquiriram a primeira propriedade da escola (Furley, 2016; Laércio, 2020).

Teofrasto foi sucedido por Estratão de Lâmpsaco (340-268 a.C.), que passou o comando do Lyceu para Lyco de Troas (299-225 a.C.), e este para Aristo de Kea (III a.C. – II a.C.) que dirigiu a escola até 190 a.C., onde depois desta data a linha sucessória fica historicamente nebulosa. Some isto ao fato de que o imperador Justiniano fechou a academia de Platão em 529 d.C., inviabilizando não somente esta linha de pensamento, mas também outras gregas, como a aristotélica, por exemplo (Almeida, 2015; Zago, 2017).

Apesar de Agostinho de Hipona (354 – 430 d.C.) ter sido o grande responsável pela primeira organização da filosofia católica, trazendo sobre ela os conceitos de Platão que dominaram a cristandade o século XIII, foram os **filósofos árabes** Alfarabi (870-950 d.C.), Albattani (858 – 929 d.C.) e Averrois (1126-1198 d.C.) três dos grandes

responsáveis pela conservação do trabalho de Aristóteles no ocidente (Almeida, 2015; Zago, 2017).

Uma conexão que se pode fazer entre esses pensadores é a influência que sofreram do movimento neoplatônico, inspirado principalmente em Plotino (séc. III EC), mas também em Proclo (século V EC), entre outros nomes. Esses neoplatônicos da Antiguidade, séculos mais tarde, foram estudados pelos árabes, como Al-Farabi, Al-Battani e Averroes. Esses estudiosos, comentadores de Aristóteles e de neoplatônicos, também conhecidos como peripatéticos árabes, possuíam discussões filosóficas que em partes convergiam, e em outras divergiam entre si e que ocorreram nos debates públicos entre judeus e cristãos. A natureza divina de Deus, o conceito de emanção, a multiplicidade do Intelecto e a indivisibilidade do Uno foram temas constantes no pensamento desses autores (Silveira & Schmitt, 2020, pp. 517-518)

Os autores árabes foram os grandes influenciadores do **movimento da escolástica**, especialmente por Tomás de Aquino (1225-1274 d.C.), representante da segunda fase deste movimento, que introduziu uma mudança nas concepções filosóficas católicas da época, posicionando Aristóteles no lugar que antes pertencia a Platão no seio da filosofia católica e elaborando um grande sistema filosófico (Araujo, 2021; Zago, 2017).

Foi Tomás de Aquino que trouxe importantes elaborações filosóficas a ponto de diferenciar o pensamento aristotélico da Renascença de outro projeto distinto

Se tomarmos, por exemplo, o modelo estabelecido por Santo Tomás no século XIII, podemos dizer que, em linhas gerais, a *scientia de anima* desenvolve-se no Renascimento entre dois polos opostos. De um lado, um aristotelismo pluralista:

o entusiasmo com as novas explorações médico-fisiológicas da vida mental e a tentativa de refutar a tese da imaterialidade e imortalidade da alma. De outro, um aristotelismo tomista: uma reaproximação e reafirmação da filosofia aristotélico-tomista, incluindo aí a chamada "segunda escolástica" (Araujo, 2021).

As ideias de Tomás de Aquino foram tão bem elaboradas, que se destacaram e sobreviveram teórica e/ou abertamente até a assunção de René Descarte (1596-1650 d.C.), que deu o golpe final neste período onde ele faz a disjunção das noções de vida e alma, que até aquele momento faziam parte de um movimento praticamente simbiótico (Araújo, 2021).

Depois do Apogeu, a queda: os portugueses e os jesuítas

Fundada por um conjunto de estudantes na Universidade de Paris, inicialmente liderados por aquele que seria conhecido Padre Inácio de Loyola, a Companhia de Jesus iniciou-se com um grupo de estudantes e, por isso, uma de suas principais características era a erudição. Foram os grandes responsáveis pelo estudo e assistência médica entre os séculos XVI e XVIII, especialmente nas universidades italianas e portuguesas, grandes centros médicos e onde as obras de Aristóteles tinham grande influência (Rodrigues & Fiolhais, 2013; Rebollo, 2010).

Justamente por ser considerada uma ordem que privilegiava a intelectualidade e a assistência médica, a Companhia de Jesus foi muito bem recebida em vários países da Europa, tornando-se politicamente uma entidade bastante forte tanto entre o povo quanto entre os governantes. De tradição tomista, o pensamento jesuítico foi um dos importantes pilares da cultura portuguesa entre os séculos XVI e XVIII, ditando a ideologia e o ensino daquele reino (Silva, 2012), haja vista que a coroa portuguesa era católica e naquela

época, uma das mais influentes do mundo. A filosofia escolástica era bastante presente naquela época, e os jesuítas eram os principais defensores deste modelo de educação, sendo os expoentes do peripatetismo naquela época. Uma grande celeuma se dava à época pois

Até então, os saberes médicos, apesar de se constituírem ao lado e separadamente das práticas teológicas, eram submetidos às suas finalidades: uma vida terrena ausente de pathos, longe dos pecados e em direção à salvação da alma, de modo que a assistência aos doentes assumia preponderantemente essa perspectiva cristã. Desse modo, essa medicina peripatética e tomista se mantinha controlada como espaço de um agente da apatheia cristã, mesmo quando seu objeto principal era conservar a saúde ou a cura de doenças por si mesmas. Apesar de Galeno não se apresentar como uma unanimidade entre os médicos portugueses, que criticavam essas limitações desde o início do século XVIII, e a medicina não representar as mesmas finalidades que a religião, o tomismo era um importante paradigma, uma encruzilhada teórica sob a qual os médicos portugueses produziam suas reflexões ante a tutela da Igreja (Pugliese, 2020, p. 234).

Assim sendo, a medicina da época se converteu em um problema porque, de forte tradição “filosófica” o peripatetismo jesuíta se encarregava mais de realizar reflexões em nível teórico, especulativo, era voltado para a reflexão bibliográfica, enquanto as ideias do iluminismo começavam a chegar do exterior para Portugal.

Foi no que conhecemos por período pombalino entre 1750 e 1777, quando Sebastião José de Carvalho e Melo, vulgo Marquês de Pombal, foi nomeado primeiro-ministro português. Que ocorreram importantes reformas educacionais no ensino superior português, impedindo a filosofia peripatetista de ser lecionada, e banindo os jesuítas de todo o reino e confiscando seus bens e propriedades (Carvalho, 2020). No lugar,

implantou ideais iluministas modernos, cujas ideias experimentalistas e naturalistas rapidamente ganharam lugar na mentalidade médica portuguesa (Abreu, 2006; Boto, 2010).

Tais ideias, como já pontuei anteriormente, foram inspiradas pelo pensamento de Descartes, que levantou os problemas do dualismo alma/corpo e do paralelismo psicofísico, de forma que estes passaram a ser, talvez, os principais problemas dos próximos séculos na psicologia, que naquele momento ainda que não fosse uma ciência, se colocava como um ramo da filosofia (Descartes, 2005).

Um hiato-histórico sobre o peripatetismo

Depois de alguns séculos onde as ideias dos filósofos se fizeram bastantes frutíferas no ambiente acadêmico, a partir do movimento Iluminista no século XVIII caíram em desuso. O que encontramos então na literatura acadêmica de hoje sobre este movimento a partir desta data?

Para além de fazermos uma reconstrução histórica do conceito e do seu significado original, apresentamos também uma **breve análise de conteúdo**, a partir de outros materiais encontrados em língua portuguesa disponíveis nos indexadores de busca, na virada dos anos de 2022 para 2023.

Peripatetismo e a universidade moderna

Welch (1973, citado por Gimenez & Bonacelli, 2018) relata que o termo “**Universidade Peripatética**” é usado para designar o movimento iniciado em 1850 nas Universidades de Oxford e Cambridge (Inglaterra), que levava o ensino por meio de cursos e palestras para ambientes externos às universidades, como escolas, sindicatos,

dentre outros, naquilo que seria uma prévia do que hoje conhecemos como programa de extensão universitária, que se popularizariam no mundo todo posteriormente com a criação de departamentos inteiramente dedicados a esta prática.

Estudos diversos em biografias e história da filosofia

Também encontramos trabalhos que passam pelo tema do peripatetismo ao explicar sobre a vida e obra de diversos personagens da filosofia, como Eurípedes de Sátiro (Grazzinell, 2014), traduções de trabalhos filosóficos (Lima, 2014), explicações da obra de Thomas de Aquino (Mota, 2014).

Silva (2022) ao realizar uma reflexão sobre o problema da continuidade/descontinuidade na historiografia aponta que o peripatetismo foi uma corrente filosófica que, no século XVII, fez oposição ao pensamento de Galileu Galilei, e cita o nome do filósofo italiano Cesare Cremonini como expositor desta vertente.

Por sua vez, Bastos (2010) apenas cita o nome do filósofo Paul Feyerabend por sua característica de ser um moderno pensador itinerante, que rompeu a geografia de seu tempo, vivendo e ensinando em vários países do mundo, mas não aprofunda sobre o conceito de peripatetismo.

Lima, Castro e Carvalho (2000) aponta que a escola peripatética (Aristóteles), em conjunto com a acadêmica (Platão) e a estoica (Zenão), foi uma das precursoras do modelo universitário que hoje possuímos, quando se fundiram na Universidade de Atenas. Mas não apenas isto, outros foram também os trabalhos que apresentaram...

... Estudos em Educação e História da Educação...

... alguns dos quais citam o peripatetismo em estudos sobre a história da educação, como, por exemplo, no que diz respeito à educação portuguesa do século XVIII (Lima, Costa, & Menezes, 2019), como já pontuado anteriormente neste trabalho.

Kanamaru (2014) cita o peripatetismo como uma analogia às aulas-passeio formuladas por Célestin Freinet, um pedagogo francês cujo método intencionava

anular o isolamento de educandos em salas de aula e, principalmente, estimular a observação sensível e a descoberta da realidade e da natureza, bem como das atividades produtivas (SAMPAIO, 1989) existentes na aldeia em torno da escola e dos Alpes Marítimos. Procurava, nessa técnica, também a aproximação mútua entre escola e comunidade por meio de rudimentos da pesquisa de campo, o estudo do meio, coerente à noção do educando como sujeito ativo nesse processo didático (p. 774).

E aqui destaco como interessantes as ideias de exploração do mundo, rompendo com o isolamento produzido por um modelo “salista” de aula, ao propor liberdade de movimento para os estudantes e a utilização da observação sensível.

Em outra linha de pensamento, Barreto, Becker e Ghisleni (2019), ao apresentarem a gamificação como um modelo educacional que descrevem como 3.0, situam o peripatetismo como o primeiro grande modelo educacional, que nomearão como Educação 1.0, cujo período se estende desde Aristóteles (384-322 a.C.) até a Revolução Industrial, no século XVIII. Todavia, os autores citam Sócrates (469-399 a.C.) como o grande precursor do método, e também apontam Platão (427-347 a.C.) como um filósofo que contribuiu para este movimento.

Estudo em Comunicação

Na área de comunicação encontrei o trabalho de Ferreira e Prado (2010) que faz uma analogia entre o microblog do Twitter e as práticas peripatéticas, no que diz respeito aos estudos da comunicação, ressaltando que este se converteu em uma espécie de ágora virtual onde todos podem, usando seu *smartphone*, falar e andar, encontrar e seguir pessoas e ter uma espécie de memorial disponível virtualmente. Foi o único estudo encontrado no escopo das ciências da comunicação.

Estudos em Psicologia

Finalmente, encontramos uma quantidade relativamente grande de trabalhos acadêmicos na psicologia que fazem menção ao conceito de peripatetismo, e todos eles estão vinculados ao trabalho inicial de Lancetti (2006), que funda no Brasil aquilo que chama de “clínica peripatética” – estes trabalhos estão geralmente centrados em temas como programa de saúde da família, consultório de rua, clínica em movimento e reforma psiquiátrica (Portugal, Mezza, & Nunes, 2018; Borges & Duarte, 2017; Simões & Jesuino, 2017; Freire, Araujo, Souza, & Marques, 2013; Gonçalves & Barros, 2013; Pereira & Muñoz, 2012; Lemke & Silva, 2011; Pádua & Morais, 2010).

Outros trabalhos foram encontrados por meio do descritor peripatetismo, mas apenas traziam nas referências bibliográficas a citação da obra de Antônio Lancetti, já referenciada anteriormente. Estes trabalhos, por não trazerem o conceito/termo em seu texto, não foram referenciados aqui.

O conceito de peripatetismo que também aparece de alguma forma vinculado ao trabalho de Lancetti (2006) é o tema da drogadição, dependência química e as diversas

estratégias para seu enfrentamento no âmbito da clínica/saúde mental (Souza, Kantorski, Luis, & Oliveira, 2012; Fernandes, et al., 2011).

Ainda que Lancetti continue sendo a principal referência sobre este conceito na psicologia brasileira, também encontramos referência que vinculasse o conceito ao método cartográfico proposto por Deleuze e Guatarri (1995), como no Carvalho e Franco (2015). Esta associação também é feita pelo trabalho original de Lancetti (2006), no capítulo primeiro de sua obra.

Quem foi Antônio Lancetti e quais foram as suas contribuições para o tema

Psicanalista argentino, exilado no Brasil no ano de 1979, Antônio Lancetti (1949-2016) foi uma das figuras mais importantes da história do movimento da luta antimanicomial, pois foi um dos responsáveis pela primeira cidade no país a abolir manicômios, Santos – SP, (Conselho Regional de Psicologia do Paraná, 2016).

Foi no contexto de intervenção na Casa de Saúde Anchieta, que surgiram os Núcleos de Assistência Psicossocial (NAPs), na cidade de Santos, onde Lancetti foi figura chave (Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 1998).

Advogando pela inovação e por processos de desinstitucionalização na luta antimanicomial que surgiram as ideias que embasam a obra Clínica Peripatética (Lancetti, 2006), onde o autor expressa suas ideias numa interlocução das clínicas de tradição psicanalítica e esquizoanalítica. Foi a partir desta experiência que a ideia de uma clínica feita fora das paredes, longe do conceito hópice, inspirou a noção de uma clínica ambulante, itinerante.

O autor retira as suas ideias das suas interlocuções entre Deleuze e Guatarri, embora também aponte inspirações em Freud e Nietzsche. Lancetti (2006) também deixa

claro que o nome veio de Aristóteles, mas que de nada mais se apropria das ideias do filósofo grego. Assim sendo, o próprio argentino deixa claro que não pretende fazer uma releitura ou se filiar à filosofia aristotélica, mas apenas toma emprestado o nome para basear a sua ideia. Desta forma, assim como este autor faz sua apropriação do termo de forma honesta, indicando que não se filiara à filosofia aristotélica, mas trazendo uma nova zona de sentido sobre o conceito, também apresento as minhas conjecturas sobre o tema nesta tese.

Capítulo 3 – Princípios do Pensamento Complexo e suas Relações com o Peripatetismo

Nascido na França, em 08 de julho de 1921, Edgar Nahoum é de uma família judia sefardita, formou-se em direito, história e geografia no ano de 1942, ficou internacionalmente conhecido por seu pseudônimo Edgar Morin. Passou quase 30 anos de sua vida dedicado à sua obra-prima, *O método*, dividido em seis volumes (Morin, 2013) (Morin, 2015a) (Morin, 2015b) (Morin, 2011a) (Morin, 2012d) (Morin, 2011b).

O primeiro trabalho acadêmico de Morin foi *O ano zero da Alemanha* (Morin, 2009), publicado em 1946, onde o autor faz uma análise da reconstrução daquele país pós-Segunda Guerra Mundial, sobre os desafios enfrentados e as esperanças do povo para superar a dor e barbárie da guerra. Porém, talvez seja *O homem e a morte* (Morin, 1997), publicado originalmente em 1951, a primeira obra onde os traços do Pensamento Complexo começavam a se manifestar: para compreender este fenômeno que tanto lhe causara dor, inicialmente com o trauma do falecimento de sua mãe, aos 10 anos, buscou por meio de várias fontes, várias ciências, articulando diferentes ideias para chegar a uma compreensão particular sobre a morte.

Morin passou anos posteriores de trabalho árduo em temas sociais, culturais, cinema, dentre outros no *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) em Paris, até que seu pensamento, em contato com o fervilhar de ideias presentes em um ambiente multidisciplinar, em conjunto com várias outras experiências de vida, o levaram à concepção d' *O método*, sua obra de maior projeção (Morin, 2010).

Em sua primeira obra da hexalogia d' *O método*, intitulada *O método 1: a natureza da natureza*, Morin (2013) faz uma profunda interlocução com temas da física, química, teoria do caos, teoria dos fractais, cibernética, teoria da informação e biologia, sem perder

o fundo epistemológico. Em meu ponto de vista é uma obra tão densa quanto genial, que exige leitura atenta e constantes releituras, sendo o ponto de partida para a compreensão das outras obras, embora os demais tomos possam ser lidos e compreendidos separadamente, como o próprio autor pontua.

O segundo livro, *O método 2: a vida da vida* (Morin, 2015a) é dedicado a reflexões sobre a vida e a sua organização, é o mais “biológico” da hexalogia, mas há profundas conexões com temas da sociologia, antropologia, por exemplo.

Em sua terceira obra, *O método 3: o conhecimento do conhecimento* (Morin, 2015b), as reflexões giram ao redor de como ocorre o processo de conhecer, e as relações dos sistemas de informação, cultura, com a biologia, filosofia, antropologia, sociologia.

O método 4: as ideias, habitat, vida, costumes, organização (Morin, 2011a) é baseado em reflexões sobre o sistema de ideias que possuímos, sejam eles teorias, doutrinas, mitos, lendas, etc. Trata sobre cultura e a relação autonomia-dependência que estes sistemas de ideia possuem em relação ao humano.

O método 5: a humanidade da humanidade (Morin, 2012d) trata sobre a identidade humana, fazendo importantes reflexões sobre as noções de sujeito, indivíduo, sociedade, espécie, e como o homem se constitui na intersecção entre estes conceitos.

O método 6: ética, trata sobre o tema homônimo, fazendo reflexões sobre as relações humanas, política, amor, convivência, perdão. É talvez o mais poético dos seis tomos de Morin, e também o de leitura mais fluída, diferentemente, por exemplo, dos dois primeiros que demandam maior atenção.

Não apenas nestes livros, mas em toda sua obra, Morin se propõe a investigar sobre a natureza, a vida, o conhecimento, a humanidade, as ideias, em uma obra que não

pretende refundar a ciência, mas em ampliar a forma como olhamos para ela, como a conhecemos e concebemos

Eu partia de uma constatação: em nossas escolas, em nossas universidades, certamente nos ensinam a compreender as coisas, mas elas são separadas, isoladas. Não somos ensinados a religá-las e, portanto, a enfrentar nossos problemas fundamentais, globais. Eu devia, então, elaborar um pensamento complexo, ou seja, uma forma de pensar não apenas as ciências, não apenas a filosofia, não apenas a política, mas, também, a vida cotidiana, a vida de cada um de nós (Morin, 2010, p. 216).

Neste sentido, o objetivo da obra de Morin é o de religar saberes que foram historicamente separados por um método disjuntivo, reducionista, mecanicista, para desta forma, encontrar novas possibilidades, conhecimentos, explicações.

Não é o objetivo de Morin negar o conhecimento que adveio com métodos cartesianos, positivistas, ou tradicionais, por assim dizer. Pelo contrário, Morin reconhece que os modelos científicos que possuímos foram e são muito importantes, mas sua empreitada consiste em fornecer uma nova perspectiva: se até este momento nós alcançamos muitos avanços reduzindo e separando, também podemos alcançar novos avanços ampliando e religando.

Logo, Morin não intenciona negar o método científico, muito menos o paradigma newtoniano-cartesiano, mas apontar a sua insuficiência para fazer leituras de Fenômenos Complexos, que são aqueles que são multifacetados, existindo em um emaranhado de ações, interações e retroações (Morin, 1996a). Portanto, afirma

O pensamento complexo não é o pensamento onisciente. Pelo contrário, é o pensamento que sabe que sempre é local, situado em um tempo e em um momento.

O pensamento complexo não é o pensamento completo; pelo contrário, sabe de antemão que sempre há incerteza (Morin, 1996a, p. 256)

Dito isto, o Pensamento Complexo nos ensina a considerar os fenômenos, objetos, processos, sistemas, sob vários ângulos, propondo princípios de pensamento, não “leis universais” como pensado pelos modelos modernos de ciência.

Princípios para o Pensamento Complexo e o Peripatetismo

O modelo positivista de se fazer ciência se estabeleceu com base na crença de que a ciência era uma atividade linear, baseada na capacidade de fazer leituras sobre um universo que se comportava de forma igualmente linear, ordenada, que respondia a leis universais (Martínez, 2005).

A noção de “lei” foi introduzida na física, biologia, matemática, química e várias outras ciências para representar o caráter regular com que determinados fenômenos naturais ocorrem (Cid, 2013), e faz sentido em perspectivas positivistas, mas do ponto de vista de um paradigma que advoga pela reintrodução da noção de incerteza, irregularidade, incompletude, talvez não represente a ideia que faça o melhor sentido explicativo.

Pesquisadoras como Moraes e Valente (2008) e Suanno (2015) chamam de operadores cognitivos do Pensamento Complexo o conjunto de princípios descritos e/ou utilizados por Morin (2005a) para articular sua noção de método. Este autor que vos escreve prefere apenas o vocábulo princípios para descrever estes processos, por entender que princípios guardam certa relação com a noção de leis, sem se reduzir-se a elas – pelo contrário, os princípios são a base sobre a qual se estabelecem as leis, sendo categorias mais “fluídas” sob o ponto de vista epistemológico.

Assim sendo, o método peripatetista nos convida ao olhar para o fenômeno sobre diversos ângulos possíveis. Um exemplo de como isto era aplicado, ainda antes mesmo de Aristóteles, foi por meio de Sócrates e sua maiêutica: o filósofo questionava as pessoas sobre suas certezas, fazendo-as refletirem sobre diferentes pontos de vista de um objeto, fazendo simples perguntas (Platão, 2001a; 2001b; 2017).

Estes princípios são guias pelos quais podemos perceber se as propostas teórico-metodológicas a serem desenvolvidas nas ciências correspondem à Epistemologia da Complexidade (Morin, 1996a). Assim sendo, apresentaremos os princípios do Pensamento Complexo e as suas consequências para uma compreensão peripatetista da clínica psicológica.

Em um primeiro momento, Morin descreve sete princípios em sua obra (Morin, 2003), mas posteriormente apresenta adendos à sua “lista” trazendo outros novos (Morin, 2005a). O trabalho de Moraes e Valente (2008), por sua vez, também apontam outros princípios na obra de Morin, que não foram diretamente nomeados por aquele autor. Assim sendo, proponho nas próximas linhas uma breve sistematização dos princípios pelos quais o Pensamento Complexo se expressa, aproveitando para articular a forma como um método peripatetista se relaciona com tais princípios.

Princípio Sistêmico-Organizacional

Nas perspectivas tradicionais, temos uma noção de “objeto de estudo”, cujo conceito pode ser entendido como um ente com a qualidade de expressar a realidade tal como ela é, de forma estática. Ou seja, um objeto teria em si a qualidade de expressar o real, sendo uma unidade indivisível de sua existência, que deveria ser acessada por meio da experimentação sensorial do humano (González-Rey, 1997).

Todavia, Morin (1996a) afirma que “todos os objetos que conhecemos são sistemas, ou seja, estão dotados de algum tipo de organização” (p. 278), elencando que um ente é dotado de conexões que podem se arranjar e rearranjar formando múltiplos níveis de organização, constituindo-se em sistemas, polissistemas, ou subsistemas, por exemplo, que favorecem a geração de emergências

é por meio da organização que o todo se constitui em algo mais do que a mera soma das partes ou, dito de outra forma, que um todo organizado (sistema) produz ou favorece o aparecimento de certo número de qualidades novas, ausentes nas partes separadas: as *emergências* (Morin, 2015c, p. 110) [grifo meu].

Um sistema pode ser considerado um conjunto de elementos interconectados, complementarmente autônomos e interdependentes, auto-organizados, de forma a buscarem a sua identidade e autopreservação através do tempo (Maturana & Varela, 1995). É a forma como estes elementos se organizam que gera uma “configuração”, fazendo com que haja variabilidade no sistema.

Se levarmos em consideração o ser humano, por exemplo, podemos perceber que ele é, ao mesmo tempo, indivíduo, espécie e sociedade, biológico, psicológico, social, espiritual, político, econômico, etc. Várias são as possibilidades de arranjos na perspectiva de entender os objetos não mais como entes estáticos, mas como entes vibrantes, em movimento. Se levarmos, todavia, em consideração o aspecto “indivíduo”, por exemplo, temos ali diversos papéis (sistemas) como, por exemplo, sendo um homem: filho, pai, marido, trabalhador, estudante, etc.

O princípio sistêmico-organizacional é o princípio que nos traz a possibilidade de rearranjos, criações, recriações, mostrando que todos os objetos estão conectados no

mundo por meio de inúmeras relações possíveis, entre o todo e as partes, e nos remetendo ao princípio hologramático (veremos adiante).

Um método não é um sistema isolado, ele faz parte de um contexto, um sistema maior do qual este mesmo se constitui um subsistema: o método é acompanhado por um conjunto de conceitos, princípios lógicos, objetos, princípios éticos, estática, etc.

Quando olhamos para a clínica psicológica, por exemplo, conforme já pontuei em trabalho anterior (Santos, 2016), vemos que ela se constitui em um conjunto de sistemas que são, ora conflitantes, ora confluentes, mas sempre diferentes. As próprias abordagens que temos se converteram em subsistemas, orbitando de forma acêntrica um corpus de conhecimento socialmente conhecido como psicologia.

Permanece a pergunta: “Diante de uma ciência com tantos objetos, métodos, sujeitos e conceitos distintos, como podemos dizer que sabemos o que de fato é psicologia clínica?” (Santos, 2023, p. 104). Se com tantos conhecimentos e teorias diferentes, e por diversas vezes opostas, como sabemos o que de fato é psicologia clínica se cada uma está amparada em posições discursivas diferentes?

É neste sentido que afirmo que a psicologia clínica é um sistema que comporta outros sistemas, e que, como afirma Morin (2013) consequentemente, “comporta e produz antagonismo junto com complementaridade” (p. 152). Assim sendo, as discussões políticas entre as abordagens, as disputas por poder ou espaço social, as disputas teóricas, dentre outras, são antagonismos típicos previstos na existência de um sistema. Todavia, há que se ressaltar que é “preciso que, na organização sistêmica, as forças de atração, as afinidades, as ligações, as comunicações, etc., predominem sobre as forças de repulsão, exclusão, dissociação, que elas inibem, contém, controlam, enfim, virtualizam” (Morin, 2013, p. 151).

Assim sendo, entendemos que é necessário que trabalhemos para operar reações não apenas do sistema “psicologia” para com outros sistemas “externos”, como outras ciências, por exemplo, mas que também possamos religar os saberes “internos” deste sistema, apontando caminhos de semelhança e dessemelhança entre diversas formas de pensar.

Nesta tarefa, o Pensamento Complexo não se propõe a ser uma “nova abordagem” para a clínica psicológica, mas uma metalinguagem, um metaponto de vista, na busca por uma nova forma de inteligibilidade sobre este fenômeno de crise e dispersão de pensamento: “a verdadeira racionalidade é inacabada, aberta, necessitando uma lógica inacabada, aberta. Todo sistema racional inclui questões às quais não pode responder, se requer necessariamente a procura de um metaponto de vista sobre si próprio” (Morin, 2011b, p. 260). E ainda prossegue argumentando, sobre o papel do observador neste processo

O observador não deve apenas praticar um método que lhe permita passar de um ponto de vista a outro e conceber a polimáquina; ele precisa também de um método para acessar o metaponto de vista sobre os diversos pontos de vista, inclusive o seu próprio ponto de vista de sujeito inscrito e enraizado em uma sociedade (Morin, 2013, p. 224).

Ou seja, em nosso trabalho não buscamos desenvolver uma nova abordagem, ou estamos propondo “novas técnicas”, mas antes de tudo uma nova disposição, uma nova leitura sobre aquilo que já está posto. Digo isto porque, é comum que vejamos trabalhos acadêmicos fazendo, por exemplo, “leituras analítico-comportamentais sobre o conceito de inconscientes para Freud” ou então, “a visão psicanalítica da do ensaio-comportamental” (apenas alguns exemplos figurados que poderiam ser quaisquer outros), onde uma das teorias acaba por “canibalizar a outra”.

Buscamos uma forma transversal de como podemos fazer uma clínica psicológica aberta, que realize trocas, tanto com o meio quanto com seu interior. Buscamos apresentar uma leitura de **processos transversais que ocorrem na clínica psicológica, mas que são, muitas vezes, ignorados ou subexplorados por conta da falta de articulação destes princípios que aqui discorremos.**

Somente um pensamento aberto seria capaz de nos dar subsídio para tal empreitada, e encontramos isso nas elucubrações da vida e obra de Morin, que nos forneceu um conjunto de reflexões e referências para esta empreitada, pois assim como estamos elaborando sobre o princípio sistêmico-organizacional, há diversos outros princípios que precisam ser articulados para chegarmos à nossa noção particular de método.

Princípio Hologramático

Durante muito tempo, a ciência estava preocupada em sua busca pela unidade mínima, indivisível dos objetos da natureza humana, e para isso utilizava-se de instrumentos e estratégias para reduzir ao máximo o seu nível de observação – este movimento foi chamado de atomismo (González-Rey, 1997). A estratégia cognitiva dos pesquisadores era a de dividir o objeto, cindi-lo, e buscar na unidade mínima deste a explicação para o seu comportamento.

As limitações desta forma de pensar já foram apresentadas anteriormente por Vigotski (2003), por exemplo, quando este apontava a existência de dois métodos para analisar as relações entre pensamento e linguagem

O primeiro método analisa os todos psicológicos complexos em *elementos componentes*. Pode-se compará-lo à análise química da água em hidrogênio e

oxigênio, sendo que nenhum deles apresenta as propriedades do todo, e cada um tem propriedades que não estão presentes no todo. O estudante que utilizar este método para tentar explicar alguma propriedade da água – porque ela apaga o fogo, por exemplo – descobrirá, com surpresa, que o hidrogênio queima e que o oxigênio alimenta o fogo. Essas descobertas não o ajudarão muito a solucionar o problema (pp. 3 – 4).

O segundo método, conforme ele propõe, é um método de *análise por unidades*, onde afirma que unidade é “o produto de análise que, ao contrário dos elementos, conserva todas as propriedades básicas do todo, não podendo ser dividido sem que as perca” (Vigotski, 2003, p. 5).

Estes conceitos vigotskianos guardam uma relação interessante com o princípio hologramático, posteriormente elaborado por Morin (2013), que trata sobre a relação entre o todo e as partes, sendo que ambos possuem qualidades distintas, onde a articulação entre estes pode gerar inúmeras *qualidades que só existem como produtos desta relação*, que são as **emergências**.

O todo possui propriedades que só existem quando está arranjado como todo, as partes, por sua vez, também possuem propriedades que só podem ser verificadas quando estas se encontram isoladas. E o constante rearranjo destas relações produz novas propriedades, as emergências.

Esta noção de emergência evoca a ideia de algo que surge, que emerge, vem à superfície após a interação entre dois objetos/sistemas, sendo algo de fácil constatação: é comum, por exemplo, em terapia de casais e famílias, que existam dificuldades individuais, isto é, de um parceiro ou de outro, mas também existem dificuldades que só

surtem quando ambos estão em conjunto. Ou seja, a interação entre estes dois sujeitos/objetos/sistemas gera novos produtos que só existem graças a esta interação.

O exemplo dado se encontra no campo das relações humanas, mas pode ser observado em níveis da física microscópica, da biologia, etc. Desta forma, dizemos que os processos organizacionais favorecem diferentes tipos de configurações, que se reconfiguram e gera, emergências constantemente.

Na tentativa de enxergar o todo, algumas das escolas da psicologia promoveram um reducionismo ao todo, desprezando também as partes. Para Morin (2013) “não deve haver aniquilamento do todo pelas partes ou das partes pelo todo. Importa então esclarecer as relações entre partes e todo, em que cada termo remete ao outro” (p. 158).

Tentativa anterior de superar esse reducionismo promovido por métodos positivistas foi realizada na Gestalt-terapia, por exemplo, quando esta invoca o holismo (Smuts, 1996; Goldstein, 2000) como possibilidade teórica, afirmando que o todo é maior do que a soma de suas partes, e que só seria possível conhecer as partes ao conhecer o todo. Todavia, a proposta de Morin (2013; 2015a) difere desta, na medida em que entende que a informação sobre o todo está distribuída nas partes do sistema, de maneira interconectada e interdependente, onde o todo faz o papel do todo, as partes fazem papel de partes, e as partes estão inscritas no todo, mas, ao mesmo tempo, o todo está inscrito nas partes.

O método simplificador enfoca na redução do todo à sua parte indivisível e consegue extrair deste movimento uma compreensão que não seria viável ao fazer uma análise desta parte em sua totalidade, por isso um método complexo nos convida a um movimento de ampliação, onde possamos analisar não só a parte, não só o todo, mas também as relações possíveis entre estes.

O princípio hologramático nos convida a olhar não apenas para a materialidade, mas para as virtualidades que são entes reais, porém imateriais, como as relações, as informações, as ideias, a vida.

Princípio Retroativo

Os constantes processos de transformação que geram configurações que se reconfiguram a todo momento são ancorados no princípio retroativo, que reconhece a existência de processos reguladores, onde os resultados (ou consequências) também agem sobre as causas. Esse princípio “rompe com o princípio de causalidade linear: a causa age sobre o efeito e o efeito age sobre a causa, como no sistema de aquecimento, em que o termostato regula o andamento do aquecedor” (Morin, 2003, p. 94). Reconhece a causalidade circular, feedbacks, processos de retroalimentação, fornecendo possibilidades de autorregulação.

Ou seja, há constante processo de ordem, desordem e organização, que se dão por meio da interação, conforme Morin (2013) propõe em seu tetragrama organizacional para que o sistema consiga a sua estabilidade. Alguns exemplos podem ser dados para ilustrar o princípio retroativo, como o da panela de pressão que regula a temperatura de sua fonte de calor por meio de um termostato, ou o aparelho de ar condicionado que mantém a sua capacidade de trocar calor com o meio porque seu termostato registra que a temperatura do ambiente já está na desejada, fazendo com que o aparelho não abaixe mais a temperatura e só mantenha a que está.

A psicoterapia é outro exemplo de como o princípio retroativo funciona: a quantidade de feedbacks e de retroalimentações que o terapeuta recebe, acabam por interferir na sua conduta clínica: ele pode ser mais ou menos enfático, mais ou menos

contentivo, mais ou menos sociável, por exemplo, na medida em que entender como está indo na relação terapêutica e das devolutivas oferecidas por seu cliente.

Nesta perspectiva, o terapeuta também tem consciência de sua insuficiência e que, como qualquer objeto/ser da natureza, está passível de erro, engano, ilusão. Assim sendo, o erro e o desvio passam a ser fontes criadoras e não apenas objetos de descarte, afinal de contas, aprender com os próprios processos, aperfeiçoá-los, mas também compreender aquilo que não funcionou, ao invés de simplesmente rechaçá-lo.

Aqui podemos destacar como exemplos os processos de *homeostase* e *homeorrese* (Morin, 2015a), que são aqueles pelos quais um sistema/organismo promove para a manutenção de seu equilíbrio interno e externo, respectivamente: o organismo precisa de referências tanto do meio quando de seu próprio comportamento para que ele possa se autorregular.

Os processos psicológicos, como fenômenos complexos que são, estão cheios de exemplos em que estes processos de influência causa-efeito são tratados não de forma linear, mas circular – um exemplo disto é o conceito de *profecia autorrealizadora* (Merton, 1948), fenômeno estudado desde a década de 1940 que acontece quando as expectativas que uma pessoa tem sobre o comportamento de outra podem influenciar o comportamento destas, de modo que reforcem o teor destas mesmas expectativas: por exemplo, uma professora pode ter a impressão de que um aluno é mais “lento”, e por isso passa a tratá-lo afetiva e cognitivamente diferente dos demais da turma, fazendo com que ele, percebendo essa diferença de tratamento, fique mais indiferente aos conteúdos e não aprendendo, reforçando a crença inicial da professora.

Este princípio da retroatividade é comumente ligado ao princípio autogerativo, pois enquanto o princípio retroativo enfatiza a interdependência e a retroalimentação

entre as partes e o todo de um sistema, o princípio autogerativo enfatiza a capacidade que os sistemas possuem para se organizarem e criarem meios para gerarem a si próprios.

Princípio Autogerativo

Baseado nas observações que Morin faz dos trabalhos de Humberto Maturana e Francisco Varela, especificamente derivado do conceito de autopoiese (Maturana & Varela, 1995), este princípio compreende que “os produtos e os efeitos são, eles mesmos, produtores e causadores daquilo que os produz” (Morin, 2003, p. 95).

Segundo a ideia central da autogeratividade, a natureza, a realidade, a vida, por exemplo, operam criando processos autoprodutivos que agem baseados em uma dinâmica circular, onde efeito e causa se confundem, incidindo um sobre o outro. Sobre este ponto, (Morin, 2013) afirma que o princípio autogerativo “produz os elementos e efeitos que são necessários à sua própria geração ou existência, processo circuitário pelo qual o produto ou o efeito final se torna o elemento primeiro ou causa primeira” (p.231).

Exemplo largamente conhecido disto é a ideia amplamente difundida nas ciências sociais que afirma que o homem é produto e produtor da sociedade. Este ponto é importante porque nos ajuda a entender que uma noção que, inicialmente surge na biologia do final da década de 1960, expande-se também para as ciências humanas.

Aqui há um ponto muito específico, pois Morin (2013) faz distinção entre os “seres-máquina”

Falei desde o início de seres-máquinas. Esses seres, quando artificiais, são gerados pela megamáquina antropossocial. Mas os outros seres-máquinas, físicos ou biológicos, são gerados de si mesmos, segundo um processo *sui generis*. A máquina natural se produz, a máquina artefato produz (p. 260).

A questão aqui é que, estando tratando de um método, poderia ele ser considerado algum tipo de “ser”? A resposta é dada, posteriormente, por Morin (2013)

A ideia de ser não é uma noção substancial. É uma ideia organizacional. Não há ser onde há dispersão, há emergência de ser ali onde há organização. Mas a ideia de ser só toma sua densidade fenomenal onde há organização ativa, ou seja, autonomia e práxis. É por isso que as máquinas, mesmo sendo artificiais, são seres (p. 261).

Ou seja, um método é um ser, pois é dotado de organização, e em se tratando de um conjunto de ideias, ou seja, uma entidade noológica (ou noética), é um ente relativamente autônomo (Morin, 2011a), operando em uma relação simbiótica com o seu “hospedeiro” (Morin, 2015a). Este ser, por sua vez, não se produz magicamente, mas é produzido na relação entre dois seres-sujeitos que se produzem.

Os métodos, como elementos noológicos, são produzidos em uma relação simbiótica por seres que se produzem. Aqui parece existir três seres, pois são três elementos dotados de organização: sujeito, método e relação, que se encontram em uma dinâmica de organização (figura 1).

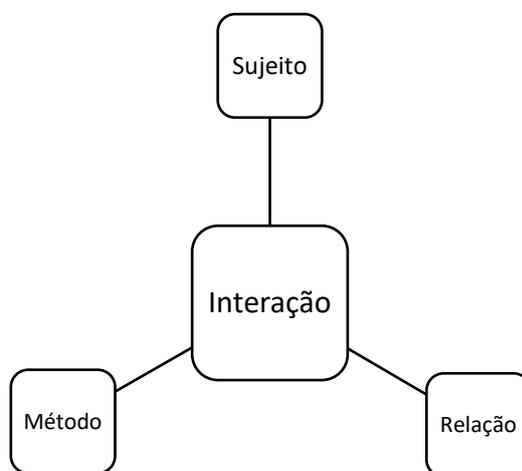


Figura 1- Representação da interação noológica do método

É a relação entre os sujeitos que estão dispostos em um processo de mútua influência que favorece a emergência de um método terapêutico, neste caso, o peripatético. E assim sendo, aqui o método é vivo, e não meramente um conjunto reificado e estático de procedimentos a ser seguido.

Princípio da Auto-eco-organização

Em sua obra, Morin (2013) afirma que a característica fundamental de um sistema é o fato de ele ser dotado de algum tipo de organização, ou seja, uma relação dinâmica entre elementos interdependentes que se estruturam para atingir objetivos específicos. E para mostrar isso, propõe o tetragrama organizacional (Ordem – Desordem – Organização – Interação).

É o princípio que opera na relação contraditória e complementar da autonomia/dependência entre os elementos de um sistema: enquanto seres humanos, por exemplo, somos relativamente independentes em algumas circunstâncias, mas também dependente do clima, cultura, ambiente, etc.

Somos, ao mesmo tempo, autônomos, mas dependentes, no velho dilema conhecido pela filosofia, das relações entre livre-arbítrio e determinismo: Morin (2013; 1996b) resolve este impasse demonstrando que a nossa autonomia está condicionada às possibilidades que temos disponíveis em nosso ambiente.

Mas não apenas a questão da autonomia está em voga neste princípio, mas também que praticamente todos os objetos estão ligados entre si de alguma forma, e sendo assim, nosso comportamento pode afetar o comportamento do outro a depender contexto.

Morin (1980/2015a) elenca um conjunto de exemplos onde o ser humano, por exemplo, está vinculado à natureza e por esta também é condicionado: o ciclo circadiano, por exemplo, que mostra a nossa relação com nosso meio ambiente através do Sol, que serve como um regulador de humor, disparador de vitaminas no organismo, e regula a nossa atividade sono/vigília. As nossas ações estão vinculadas a um contexto maior, mais amplo, e são, por este contexto, atravessadas.

O princípio da auto-eco-organização é um dos responsáveis por contextualizar os objetos no mundo, situá-los em seu meio ambiente, destacando a importância de observarmos as relações que podem ser estabelecidas entre os diversos elementos que compõe a realidade. Quando propomos um método peripatetista, cabe ressaltar que ele cumpre plenamente este critério, na medida em que mantém uma relação constante dos sujeitos com o meio.

Quando os filósofos que propuseram, inicialmente, o método, iniciaram suas peregrinações geográficas, estavam atentos aos elementos que estavam ao seu redor para propor suas mensagens ou realizar seus feitos. A utilização de elementos disponíveis no ambiente não é coisa nova na psicologia: Moreno (2003) já ressaltava há décadas a importância e a possibilidade da utilização dos elementos do ambiente para a criação de uma cena psicodramática; Erickson, por exemplo, também usava as imagens dos elementos que os seus pacientes possuíam em sua história de vida para promover suas intervenções, fazia atendimentos nas ruas, hospitais, nas casas das pessoas (Erickson & Rosen, 1982); Lancetti (2008), também propunha “ativar os recursos disponíveis na comunidade” (p. 110).

Um método peripatetista opera entre a singularidade e os padrões de comportamento impostos pela cultura do indivíduo, ou seja, é aquele que sabe visitar os

elementos idiossincráticos do sujeito, mas também reconhece as regularidades impostas pela formação sociocultural presente em um tempo histórico específico.

O princípio da auto-eco-organização nos ensina que há relações não apenas internas, no que diz respeito às nossas ciências, mas que elas também estão sujeitas a forças exteriores, como, por exemplo, a condição socioeconômica dos sujeitos envolvidos na produção do conhecimento, as questões biológicas e culturais. O sujeito não está sozinho no mundo, assim como a psicologia também não, e precisamos entender as relações que existem entre os diversos elementos que os cercam. Traçar relações, estabelecer diálogos... é sobre isso que se trata o próximo princípio.

Princípio Dialógico

Parcialmente derivada das noções de dialética (Morin, 2005a; Morin, 2011a), é o princípio definido por Morin (Morin, 2015b) “como a associação complexa (complementar/concorrente/antagônica) de instâncias necessárias em conjunto à existência, ao funcionamento e ao desenvolvimento de um fenômeno organizado” (p. 110), sendo entendido como “uma unidade simbiótica de duas lógicas que, ao mesmo tempo, se alimentam, competem entre si, parasitam-se mutuamente, se opõem e se combatem até a morte” (Morin, 2013, p. 105).

O termo dialógico quer dizer que duas lógicas, dois princípios, estão unidos sem que a dualidade se perca nessa unidade: daí vem a ideia de "unidualidade" que propus para certos casos; desse modo, o homem é um ser unidual, totalmente biológico e totalmente cultural a um só tempo (Morin, 2005a, p. 189).

Morin (2014a) afirma sua inspiração no pensamento de Heráclito para derivar esta noção em contraposição à dialética hegeliana, pois a primeira comporta a insolubilidade,

e a possibilidade de não haver síntese. Essa é uma diferença central entre os conceitos de dialética e dialógica, pois a noção de dialética está fundada em uma ideia de oposição, contradição, e a noção de dialógica está pautada sobre as ideias de comunicação e complementaridade, na busca por compreensão e integração.

A noção de dialógica é bastante ampla e possui diferentes significados: na psicologia, por exemplo, ela é mais comumente associada ao trabalho de Buber (1974) quando este desenvolve a sua ontologia relacional, enfocando a ideia de diálogo como construtor das relações e posicionando este como um “momento de encontro”, alcançando a dimensão interpessoal e ética do sujeito por meio de uma relação de reconhecimento da alteridade (eu – tu).

Por sua vez, a noção de dialógica de Morin (2005a, 2011a, 2011b, 2013) é um pouco mais ampla, compreendendo não apenas o aspecto relacional, mas o aspecto do funcionamento da natureza, da vida, da lógica. A ênfase aqui é nos processos de complementaridade que se dão por meio de duas lógicas que se comunicam, sem necessariamente promoverem uma síntese (como a dialética), pois os antagonismos permanecem.

Enquanto Buber (1974) coloca a dialógica como um momento, Morin (2005a, 2011a, 2011b, 2013) coloca-a como um processo – ou seja, ambas as perspectivas, em meu ponto de vista, se complementam, pois, um processo é composto por momentos, bem como momentos são integrados em uma lógica processual, ocorrendo dentro destes.

Creio que a palavra não poderia ser mais feliz, no sentido de expressar dois elementos fundamentais que são o diálogo e a lógica, pois opera a integração de uma nova forma de pensar que rompe com o pensamento excludente e opera o pensamento incluyente. Morin (2015b) propõe a ruptura do padrão de lógica binária do pensamento

“ou” “ou” e propõe o pensamento “e” “e”, contestando o princípio lógico aristotélico do terceiro excluído por meio da introdução do terceiro incluído, no que diz respeito à complexidade dos fenômenos da vida, da natureza, da humanidade.

Neste sentido, entendo que durante toda a história da psicologia, esta ciência foi pautada por uma lógica de buscar “a resposta correta”, frustrando-se toda vez que encontrava divergências – *transformando a diversidade em adversidade e o diferente em divergente, a psicologia foi construindo crises em sua história e fragilizando a sua identidade* (Santos, 2016).

Uma psicologia baseada nos princípios do Pensamento Complexo seria capaz de articular estas diferenças por meio de um pensamento aberto, e uma capacidade fundamental é o diálogo, não apenas em relação aos sujeitos que ocupam seus espaços, mas também entre suas teorias.

Princípio da Reintrodução do Sujeito Cognoscente

Utilizamos muito a palavra sujeito em nosso trabalho, e para um navegante desavisado ela possa parecer uma palavra desprovida de sentido teórico-conceitual, mas não é: Morin (1996b) elabora conceitualmente a diferença entre as noções de indivíduo e de sujeito.

Para Morin (1996b), o indivíduo é o resultado do encontro sexuado entre dois outros seres. Por sua vez, o sujeito é “uma qualidade fundamental, própria do ser vivo, que não se reduz à singularidade morfológica, ou psicológica (...) É uma realidade que compreende um entrelaçamento de múltiplos componentes” (p. 52). No que diz respeito ao sujeito humano, sobre estes múltiplos componentes, podemos destacar os vários

“caráteres” que o homo pode levar consigo na sua caminhada pela vida: *sapiens, demens, lúdens, faber, socius, economicus, poeticus, politicus, religiosus*, etc.

A noção de sujeito, conforme argumenta Morin (1996b) é extremamente controversa, pois, ao mesmo tempo em que se apresenta de formas “evidentes” também traz inúmeras questões que apontam para a sua não-evidência: Onde está o sujeito? Do que ele é feito? Ele existe de forma objetiva ou material?

Este tema é ardoroso na filosofia, passando por nomes como Descartes, Kant e Foucault, por exemplo (Morin, 1996b), também chegou ao campo das ciências psicológicas com nomes como Freud, Lacan, dentre outros. Apesar de vários autores na história da psicologia terem feito propostas sobre a noção de sujeito que se aproximassem de um Pensamento Complexo (Santos, 2016), foi por meio da obra de Fernando Luis González-Rey que este tema ganhou envergadura na psicologia nas últimas décadas (González-Rey, 2003).

Apontando como o tema do sujeito foi marginalizado pela psicologia contemporânea, González-Rey elabora as noções de subjetividade, sentidos subjetivo e sujeito (González-Rey, 2003) como categorias centrais de sua teoria, articulando ideias entre a Teoria Histórico-Cultural e o Pensamento Complexo, elaborando a Teoria da Subjetividade (Santos, 2020).

Para Morin (2000a) o conhecimento é uma reconstrução da realidade, que parte da tradução de um pensador, que está em uma tradição específica de pensamento e que, portanto, também pode representar uma traição ao seu pensamento.

As noções de sujeito para González-Rey estão alinhadas com a proposta de Edgar Morin (Martínez, 2005), situando-o como um ente ativo, reflexivo, co-construtor da realidade: neste sentido, a sua relação com o conhecimento difere de propostas baseadas

no modelo newtoniano-cartesiano, onde o conhecimento é uma “revelação/descoberta da realidade”, onde para Morin (2000a) o conhecimento “é fruto de uma tradução/reconstrução por meio da linguagem e do pensamento [...], o que introduz o risco do erro na subjetividade do conhecedor, de sua visão de mundo e de seus princípios de conhecimento” (p. 20), pois este ser, este “dispositivo” observador está implicado e situado em um contexto social, cultural, biológico e antropológico (Morin, 2005).

Ou seja, a ciência não seria uma empreitada isolada, neutra e reificada, onde a interpretação não teria lugar. A ciência é uma atividade interpretativa e, portanto, é preciso refletir sobre o lugar do sujeito que produz tal conhecimento, e a respeito das condições pelas quais este possui como ponto de partida para o ato de conhecer.

Um estudante de psicologia de uma universidade Ivy League¹, por exemplo, talvez disponha de mais ferramentas tecnológicas, financeiras, infraestrutura, biblioteca qualificada do que um estudante de uma universidade de um país subsaariano pouco desenvolvido economicamente. Todavia, o belo da condição de sujeito é que, mesmo que existam diferenças ou “desvantagens” em alguma área, isso não determina que o estudante da Ivy League terá melhor capacidade ou habilidade para produzir algum conhecimento pertinente – os sujeitos partem de lugares diferentes, mas cada um encontra formas de lidar com as suas condições e não se reduzir a elas.

Talvez o estudante de um país menos desenvolvido economicamente precise e possa desenvolver mecanismos psicológicos muito mais criativos para lidar com as limitações tecnológicas que um estudante de um país desenvolvido financeiramente nem pense existir.

¹ Grupo de oito das mais tradicionais e prestigiadas universidades dos Estados Unidos, ampla e internacionalmente reconhecidas por estarem no topo dos rankings de melhores universidades do mundo.

O problema de correntes teóricas que tratam o sujeito sobre uma perspectiva objetivista é o de nivelar todos em uma massa uniforme, desprezando a sua subjetividade, as singularidades produzidas no processo de sua existência: desprezam que a história de vida de cada sujeito possui elementos que eliciam pontos de inflexões e de interesses na sua jornada acadêmica, científica, intelectual.

Quem conhece a obra de Morin, especialmente suas reflexões autobiográficas (2000b; 2010; 2021), entende quais foram os contextos e movimentos que o motivaram a desenvolver um pensamento para além do convencional: não fosse o trauma da morte que o rondou tão cedo, pelo falecimento de sua mãe, não teria desenvolvido um ávido interesse por compreender este fenômeno sob diversas perspectivas que não somente a filosófica, mas também a biológica, sociológica, psicológica, etc., não tendo desenvolvido o livro *O homem e a morte* (Morin, 1997), um marco inicial para sua disposição inter e transdisciplinar na busca pelo conhecimento. Não fosse, por exemplo, a oportunidade de conviver com o ambiente propício no Salk Institute no final dos anos 1960, talvez não tivesse elaborado *O método 2*, com tão denso conteúdo sobre biologia, ecologia, química, por exemplo (Morin, 2015a).

Este princípio retira as cortinas da reificação e da massificação do conhecimento, como se ele fosse uma coisa feita de forma neutra, objetiva, em que a história do sujeito que o produziu não contasse em nada no que diz respeito às suas influências. Este princípio nos convida a olhar para o sujeito e nos questionarmos sobre a partir de quais lugares ele transita, quais são seus predicados.

Em nosso entendimento, um método peripatetista para a psicologia, em especial para a clínica psicológica, sempre leva em consideração os lugares dos sujeitos envolvidos no processo psicoterapêutico: tanto o cliente/paciente quanto o profissional

têm histórias de vida, trajetórias, percepções que transcendem a técnica e se expressam por meio da sensibilidade da interação – são devires.

E neste sentido, assim como Morin (2000a) brinca com as palavras tradução e tradição, e podemos, neste contexto, ainda incluir a noção de traição – pois o conhecimento, além de ser uma tradução da realidade que parte da tradição de um pensador, também pode se configurar uma traição ao pensador, na medida em que este nem sempre consegue alcançar a totalidade de possibilidades que o seu pensamento pode evocar. É a partir deste ponto que passamos ao...

Princípio Ecológico da Ação

É aquele que afirma que “toda ação escapa da vontade de seu autor quando entra no jogo das inter-retroações do meio em que intervém” (Morin, 2000a, p. 88), ou seja, o próprio autor de um ato pode não se dar conta dos seus desdobramentos possíveis, pois as ideias, as ações, as consequências possuem uma dinâmica própria que se tornam auto-determinadas. Desta forma, é possível que um pesquisador não consiga captar a extensão de sua obra, ou os desdobramentos de suas construções teóricas, pois estas podem adquirir contornos, explicações, aplicações que para este talvez não estivessem acessíveis naquele momento. É o princípio que permite a teorização sobre a vida das ideias (Morin, 2011a).

Assim sendo, por exemplo, podemos entender que muitas vezes, em uma intervenção terapêutica, por mais que o profissional planeje as intervenções, ele nunca saberá com certeza qual foi a extensão desta na vida do cliente. Em minha experiência, por exemplo, é comum que alguns terapeutas se gabem de grandes “intervenções poéticas” ou de “chavões” (clichês clínicos ensaiados) que foram apresentados em

sessões de terapia, mas que muitas vezes se surpreendam com falas de seus clientes trazendo momentos aleatórios das sessões ou mesmo, falas totalmente sem propósito consciente empregadas pelo terapeuta, mas que fizeram sentido para o cliente.

Para além do fato de a ação humana estar ecologicamente encadeada, ela ecoa de diferentes formas em diferentes ambientes e sujeitos. Ou seja, nos convida a ter uma hermenêutica complexa, que leve em consideração não apenas a intenção do mensageiro, com a qual ele dota o seu ato de sentido original (Virkler, 2001), mas também o lugar do sujeito que escuta, o teor da mensagem, o contexto, a emoção do momento, dentre outros.

Assim sendo, é importante que em um método peripatetista o clínico possa explorar os diversos sentidos que uma mensagem, ato ou comportamento possa evocar por meio de um processo de negociação entre os sujeitos envolvidos no processo terapêutico, haja vista que o mundo das interações sociais, onde ocorre a ecologia da ação, submete-nos à possibilidade do erro interpretativo.

Interessante frisar também é que este princípio também opera fortemente no que diz respeito à temporalidade dos processos terapêuticos: não se sabe quando, nem em quanto tempo uma ideia irá frutificar no processo terapêutico, bem como que uma ideia que não faz sentido hoje, possa fazer amanhã e/ou vice-versa.

Assim sendo, a psicoterapia, nesta perspectiva, se constitui num sistema vivo que, por mais que seja dependente da atividade de dois sujeitos, possui relativa autonomia em relação a estes, pois é comum que nunca se saiba o que cada sessão irá trazer ou como irá decorrer. A psicoterapia se constitui num fluxo vivo de acontecimentos que se alternam em processos emergenciais distintos: é comum que o cliente vá à terapia, diversas vezes, afirmando que “não sabe o que vai falar hoje” e que ao final da sessão relata ter vivenciado processos reflexivos intensos.

Desta feita, é preciso que o psicoterapeuta tenha flexibilidade suficiente para permitir que o processo terapêutico flua com liberdade e espontaneidade, de modo que o processo terapêutico não se constitua como um conjunto de procedimentos burocráticos sem vida e que não acesse nem o simbólico e nem o emocional do cliente.

Princípio da Enação

Uma das formas de deixar com que o processo terapêutico flua em um movimento livre e espontâneo é por meio do reconhecimento do princípio da enação, cujo termo foi cunhado pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela no final da revolução cibernética (Varela, Thompson, & Rosch, 1993), que foi posteriormente desenvolvido e enfatizado Varela, aponta todo o conhecimento é fruto de uma atividade perceptiva, ou seja, o conhecimento se dá na relação entre os sistemas biológico e antropossociocultural do sujeito (Morin, 2014a).

Segundo este princípio, “o movimento do pensamento guiado pelo princípio da enação compreende que toda ação cognitiva é uma ação perceptivelmente guiada [...]. Percepção e ação são inseparáveis e evoluem juntas” (Suanno, 2015, p. 102), seguindo a lógica do ser computante (*computo, ergo sum*) e formando uma espécie de paradoxo concorrente e complementar à ideia de auto-eco-organização, de um ser que guia e é guiado em seu próprio corpo.

As ideias de enação foram diretamente influenciadas pelo trabalho de Merleau-Ponty (1999) quando este afirma que a percepção não é um processo mental isolado, mas que se dá com todo o corpo. Em linhas gerais, somos um corpo psíquico e precisamos reconciliar o corpo nos processos terapêuticos.

Um método peripatetista transcende a temática da linguagem verbal, levando em consideração toda a corporeidade dos indivíduos – durante muitas décadas a psicologia se manteve cativa, com um grande fetiche por temas de linguagem ou questões narrativas, deixando de considerar diversos outros elementos ou dimensões do real (Neubern, 2001).

E aqui quando falamos de corpo, falamos tanto do aspecto biológico, mas também do aspecto antropológico, do corpo histórico, cultural, político, social – da relação indivíduo, espécie, sociedade, anterior e amplamente elaborada por Morin (2015a).

Princípio Ético

Morais e Valente (2008) autoras apontam a existência de um princípio ético ao qual, segundo Morin (2011b), “a finalidade ética tem duas faces complementares. A primeira é a resistência à crueldade e à barbárie. A segunda é a realização da vida humana” (p. 202). Este princípio elaborado por Morin (2004) vincula a consciência intelectual à consciência moral, como um convite de religação do humano à natureza, a uma consciência planetária.

A temática da ética, para Morin é tão importante que para ela foi dedicado um livro inteiro de reflexões do autor sobre este conceito, onde o autor aponta, por exemplo, a dificuldade que a maioria dos cientistas tem em reconhecer os limites e as dificuldades da própria prática – a ciência foi idealizada nos ideias positivistas de “ordem, amor e progresso”, mas ela também foi capaz de entregar “desordem, ódio e regresso”, como, por exemplo, na utilização dos conhecimentos físico-químicos para a construção de uma bomba atômica.

Ou seja, reconhece que a ciência tem grande poder para contribuir com a humanidade, mas que esta também pode construir dificuldades. Um exemplo desta

dificuldade, em escala individual e trazendo para o terreno da psicoterapia, é como a utilização de nossos conceitos epistemológicos previamente concebidos pode ser uma forma de violência epistemológica contra o sujeito, quando atribuímos a ele ideais que não fazem parte do seu arcabouço simbólico, prático e cotidiano, incorrendo em processos iatrogênicos (Neubern, 2013; 2018a; 2018b).

O princípio ético nos convida a uma reflexão sobre as limitações do nosso próprio pensamento, das nossas condutas, e em como precisamos religar-nos 1) uns aos outros, porque é nos outros que temos condição de regular socialmente o nosso próprio comportamento, sendo que o outro nos serve como um espelho pelo qual podemos ver os nossos pontos-cegos (ninguém vê o próprio rosto sem o auxílio de um instrumento) em prol de uma cidadania terrena (Morin, 2015c); 2) religar-nos à terra-pátria, à noção de humano, como forma de resistir à barbárie e fazer frente aos desafios da era planetária em que vivemos (Morin & Kern, 2003); 3) religar saberes em prol de uma educação do futuro, que nos ensine, dentre muitas coisas, a enfrentar as incertezas, criticar o próprio conhecimento, a compreensão humana, a nossa identidade terrena, a compreender o outro e a diversidade humana, a complexidade do mundo e a ética do gênero humano (Morin, 2000a).

Quando propomos um método peripatetista, estamos falando da capacidade de articular, de religar o sujeito ao outro, a si, ao mundo. É uma ética da religação que permite o reconhecimento de si e do outro no mundo.

Princípio da Universalidade-Contextual

Durante muito tempo a psicologia se perdeu entre dicotomias diversas, e uma delas também se refere ao método: o que é particular e o que é universal? Ou ainda, o que

é singular e o que é generalizável? E para além das questões de cunho filosófico ou epistemológico, também se colocou na dicotomia metodológica, dividida entre métodos qualitativos e quantitativos.

Apesar de, conforme aponta González-Rey (1997; 2002), os métodos qualitativos terem sido duramente reprimidos na história da psicologia, foram bastante prolíficos na história desta, desde as proposições clínicas freudianas, aos estudos etnológicos e aos posteriores trabalhos na própria Teoria da Subjetividade, proposta por este (Martínez, González-Rey, & Puentes, 2019; Tacca, Martínez, González-Rey, & Coelho, 2019).

E no meio destas discussões a psicologia perdeu-se num looping beligerante de discussões que por um lado advogam pela validade apenas dos conhecimentos que podem ser considerados universais, perdendo a dimensão do sujeito, da subjetividade e da singularidade; e do outro lado, perdeu-se em discussões muitas vezes solipsistas que desprezam a existências de padrões de comportamentos que são social e culturalmente definidos.

Em sua obra, ao analisar a questão da universalidade do conhecimento, Morin (2005a) afirma a “validade, mas insuficiência do princípio de universalidade. Princípio complementar e inseparável de inteligibilidade a partir do local e do singular” (p. 332). Ainda que Morin não “nomeie”, ele afirma que há um princípio do Pensamento Complexo que condiciona as generalizações a tempo e espaço, que o religa em seu contexto.

Aqui há duas noções em dialógica, a de universalidade e a de contextualidade, que se complementam e contrapõem, num modo de pensar que relaciona o ser e o meio, texto e contexto. Ou seja, o autor nos ensina a situar os nossos processos interpretativos em contextos mais amplos do que apenas aquele aparente, mas de tentarmos ampliar as nossas percepções, desta forma ampliando a nossa capacidade de fazer religações.

Quando falamos deste princípio, em uma clínica peripatetista, estamos nos referindo à capacidade de transitar entre figura e fundo, texto e contexto, idiosincrasia e nomologia. Ou seja, integrar o particular e o universal como fases distintas dos processos de produção de conhecimento e saúde na clínica psicológica: exemplo disso é como os momentos empíricos e os momentos teóricos podem ser facilmente “casados” em uma pesquisa, sendo momentos distintos desta, como afirmam González Rey e Martínez (2017).

Princípio da Multicausalidade

Em modelos clássicos de ciência entende-se que cada fenômeno tem uma causa específica, mas quando observamos fenômenos complexos, ou seja, aqueles dotados de múltiplas camadas de organização, ou ainda, compostos por múltiplos subsistemas, podemos perceber que vários processos ocorrem e colaboram na sua gênese.

Fenômenos complexos não são objetos monólitos, ou seja, possuem diversos níveis de organização, e, portanto, podem ser gerados por diversos outros processos antecedentes que colaboraram para que esta formação viesse à tona: Morin (2005a) argumenta sobre uma “causalidade mútua inter-relacionada (Maruyama), inter-retroações, atrasos, interferências, sinergias, desvios, reorientações. Princípio da endo-exo-causalidade para os fenômenos de auto-organização” (p. 332).

Vários exemplos de fenômenos complexos podem ser dados aqui, no sentido de entendermos a multicausalidade: a esquizofrenia, por exemplo, fenômeno que foi alvo de um amplo processo de revisão bibliográfica por Ratner (1995), pode ser eliciada por diversos processos, dentre os quais, condições socioeconômicas desfavoráveis, pressões

sociais atribuídas à papéis de gênero, imigração, eventos traumáticos, situações sociais deletérias normativas duradouras, genética, dentre outros.

Outro fenômeno social igualmente interessante, multidimensional e causado por múltiplos fatores é a pobreza: Crespo e Gurovitz (2002) apontam que diversos fenômenos ocorrem e colaboram para a formação deste fenômeno social, como, por exemplo, fatores psicológicos, infra-estruturais, ausência de poder, propensão à doença, falta de ativos físicos, sociais e ambientais e maior exposição e vulnerabilidade ao risco.

E este princípio de multicausalidade é deveras importante para a psicologia, na medida em que estamos lidando constantemente com objetos que são, ao mesmo tempo, sujeitos, processos, fenômenos, devires. Este objeto pode ser enxergado por vários ângulos, descrito por vários tipos de linguagem, considerado em relação a diversos atributos.

Justamente por esta multiplicidade de pontos de vistas possíveis sobre os objetos, é que se faz possível uma grande confusão epistemológica, ontológica e metodológica na psicologia: vislumbrar parcialmente um objeto multicausado e multidimensional. Fenômenos que são complexos, cuja característica da multidimensionalidade não é vista, são retalhados e reificados. Logo, o princípio da multicausalidade nos convida a um olhar ampliado sobre os nossos objetos de estudo, e para mantermos nossa intelectualidade aberta para a possibilidade de pontos-cegos.

Em suma, o princípio da multicausalidade aponta para que os mesmos objetos podem ter múltiplas causas que podem operar de forma conjunta ou isolada. Isso quer dizer que pode haver um encadeamento de causas distintas para formar um único evento, ou ainda, os mesmos fenômenos podem ser gerados por causas diferentes isoladas.

Princípio da Distinção Eco-ontológica

O modelo clássico de se fazer ciência também é caracterizado por uma separação radical entre sujeito e ambiente (González-Rey, 1997), e especialmente em relação ao ser humano, enquanto sujeito, ainda que seja um animal, na maioria das vezes é tratado como se estivesse “suspenso” na natureza, ininfluenciável.

Morin (2005a) afirma a existência de “distinção, mas não de separação, entre o objeto ou o ser e seu ambiente” (p. 333), pois segundo ele todo o conhecimento do ser depende de sua relação com seu contexto, ambiente ou ecossistema. Ele também afirma que

Nosso ponto de vista supõe o mundo e reconhece o sujeito. Melhor dizendo, ele coloca a ambos de maneira recíproca e inseparável: o mundo só pode aparecer como tal, isto é, como horizonte de um ecossistema de ecossistema, horizonte da *physis*, para um sujeito pensante, último desenvolvimento da complexidade auto-organizadora (Morin, 2005c, p. 39).

Ou seja, ainda que precisemos fazer uma distinção entre “fenômenos humanos” e “fenômenos da natureza”, sob o ponto de vista pedagógico, ambos estão intrinsecamente ligados e são interdependentes: natureza e cultura influenciam-se mutuamente, e encontram no humano uma síntese se não perfeita, muito interessante.

Sob o ponto de vista da psicologia, durante muito tempo pensou-se o sujeito psicológico isolado de seu contexto, até que esta começou a preocupar-se com este, dando-lhe nomes como ambiente, meio, cultura, etc. Então, desde meados da década de 1920, quando surgiram as primeiras escolas que enfatizavam o lugar do ambiente/cultura na constituição do humano, como, por exemplo, a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski (González-Rey, 2010), iniciou-se uma tendência na psicologia que passou a

observar essas relações contextuais na constituição do psiquismo humano, passando por Skinner, em sua concepção de comportamento, atribui ao ambiente um lugar de destaque (Skinner, 2009) e outros autores das ditas “terapias contextuais” (Vandenberghe, 2007), por exemplo.

Mas ainda que a psicologia tenha reintroduzido a noção de ambiente/meio/cultura para compreender a formação do comportamento/mente/subjetividade humanas, ela mesma enquanto ciência não se submeteu à autoanálise sob o ponto de vista cultural, ficando cega muitas vezes para os processos políticos, econômicos, culturais, sociais, demográficos que a construíram.

Sobre isto, posso pontuar dois exemplos interessantes: Farr (2010) realiza uma interessante análise sobre as raízes da psicologia social moderna e nos mostra uma importante conclusão de que a psicologia social estadunidense construiu a sua tendência à individualização, ou a construção de processos e linguagens que analisavam os fenômenos sociais focados em categorias individuais, pois, sob a ótica das disputas políticas e econômicas da guerra-fria, não fazia sentido para os políticos daquele país aprovarem financiamentos para pesquisas de temas “sociais”, pois esta palavra era facilmente confundida com “socialismo” e isso fechava as portas para qualquer iniciativa.

E o segundo exemplo, mais notável ainda, é sobre onde, como e porque a psicologia moderna: não fosse a influência da reforma protestante em 1517 na região da Saxônia, não haveria um ambiente cultural propício para o surgimento do idealismo e romantismo alemão, que culminaram num retorno aos estudos hermenêuticos, classicismo grego, com a releitura de filósofos importantíssimos para o resgate das noções filosóficas de psiquismo, que acabaram por desembocar na criação de um laboratório experimental na cidade de Leipzig, em 1879, apenas 50 quilômetros distante da catedral

onde foram afixadas as 95 teses de Lutero. Estas relações entre a história, a religião, a filosofia, ainda parecem pouco exploradas na historiografia da psicologia moderna.

Ou seja, o que quero pontuar com estes exemplos é que a própria psicologia, ainda que enxergue a importância do contexto e da cultura sobre a formação dos sujeitos e das ideias, ainda não parece suficientemente convencida disso sobre si própria. E esta análise do contexto na formação das ideias e teorias da psicologia é muito importante, inclusive para a clínica psicológica: Ora, não seria importante entender o contexto vitoriano onde a psicanálise é formada? O contexto de guerra-fria onde o behaviorismo radical nasce? Ou ainda, sobre a diáspora de psicólogos da Gestalt que, em contato com o pragmatismo de terras estadunidenses, ajudou a formar tanto as teorias sistêmicas, cibernéticas e cognitivas na região de Palo Alto, na Califórnia?

Neste sentido, uma psicologia peripatetista precisa olhar para si mesma, fazer autoanálise, uma leitura de sua própria história e movimentos que a conformam, no sentido de entender que qualquer proposta psicoterapêutica é um instrumento cultural como qualquer outro. Assim sendo, estar atenta e amplamente sensível para os elementos que existem no seu entorno, pois estes são, de forma ampla, seu próprio *setting* terapêutico – o que coaduna com a noção de pragmática que desenvolveremos adiante.

Princípio da Incompletude e Incerteza

Derivado das observações filosóficas dos trabalhos de Tarski, Heisenberg e Gödel, evidencia as limitações da lógica, e possibilidade da existência de aporias do conhecimento, demonstrando a impossibilidade real da afirmação de algumas certezas sejam elas plenas, imutáveis e universais no processo de construção do conhecimento (Morin, 2005a).

As observações sobre a não-linearidade comum aos fenômenos Complexos, cuja crença é comum em perspectivas newtonianas-cartesianas, fazendo com que o universo seja visto como um continuum de fenômenos regulares, lineares, regidos por leis bem estabelecidas. Assim, o método para alcançar a verdade sobre estes fenômenos deveria, por consequência, ser baseado nestas mesmas crenças.

Quando estamos tratando de fenômenos Complexos, necessitamos de um método que seja igualmente capaz de captar esse caráter irregular, não-linear da natureza, do conhecimento, da vida, enfim destes fenômenos Complexos. Assim sendo, demandamos de um método capaz de compreender as **singularidades** presentes nos processos Complexos.

Na psicologia, por exemplo, entender que por mais que existam padrões sociais de comportamento, há em cada indivíduo uma capacidade transgressora que, gerando rupturas nos padrões, fazem emergir singularidades.

Capítulo 4 – Processos da clínica psicológica Peripatetista e Complexa

Em propostas modernas de ciência, pensa-se que a subjetividade do observador é uma fonte de erro e de engano, que deve isolar-se do processo de produção de conhecimento, ou que o conhecimento é algo *ex nihilo* que surge de impressões objetivas do seu observador (González-Rey, 1997). Estas assunções são negadas pelo Pensamento Complexo, na medida em que, pensando por meio do Princípio da Reintrodução do Sujeito Cognoscente no processo de produção do conhecimento (Morin, 2000a), a história de vida, os valores, as percepções, impressões, o conhecimento prévio, as leituras deste, são fatores intervenientes na sua forma de fazer proposições teóricas.

Assim sendo, em minha caminhada de mais de 10 anos de prática clínica, bem como as centenas de obras técnicas, filosóficas, científicas, prosaicas e poéticas que fazem parte de minha constituição teórica, muitas das quais de tão emaranhadas em minha experiência se tornam indissociáveis de meu pensamento, pude perceber as seguintes categorias teóricas, que são, em meu ponto de vista, processos que ocorrem na construção de um método peripatético da clínica psicológica.

Criatividade

Apesar de muitos trabalhos acadêmicos nomearem a importância da originalidade na produção de conhecimento científico, como, por exemplo, na elaboração de teses ou artigos científicos (Vagarinho, 2019), vejo que pouco se fala sobre por meio de qual processo se dá a construção desta originalidade: a criatividade.

Segundo (Martínez, 1997) “criatividade é o processo de descoberta ou produção de algo novo que cumpre exigências de uma determinada situação social, processo que,

além disso, tem um caráter personológico” (p. 54) e esta definição é especialmente interessante neste trabalho porque, além de situar as questões da produção de novidade, bem como da valorização social deste produto, vincula estas questões ao papel ativo do sujeito do conhecimento. É no papel da atividade criativa, segundo a autora, que o sujeito pode expressar-se por meio da indissolúvel relação de elementos afetivos e cognitivos.

A clínica psicológica demanda a integridade do sujeito em seu processo produtivo, pois não basta apenas a expressão de elementos cognitivos, como, por exemplo, a inteligência do terapeuta para formular hipótese ou traçar raciocínios, muito menos a mera capacidade de memorização de dados e/ou fatos, ou então uma boa expressão da atenção concentrada enquanto função psíquica. É preciso que o clínico também seja capaz de integrar seus afetos, seu humor, sua consciência do eu, vincular-se afetivamente ao sujeito que com ele interage. Isso sem contar ainda sobre a clínica como expressão dos desejos de ambos, seja de um desejo de progresso, ganho de benefícios ou qual for a motivação para estar ali.

E como a autora também salienta, criatividade não se trata somente do fato de criar algo novo para satisfazer alguma necessidade, mas também da capacidade de visualizar ou elaborar os problemas onde outros não conseguem fazê-los (Martínez, 1997). Quando nos referimos à psicologia clínica, estamos falando de um conjunto de processos de influência social que demandarão de muita criatividade para solução de problemas.

A criatividade na clínica psicológica é a expressão da singularidade dos sujeitos que nela transitam, bem como o resultado de seu caráter irregular, ou seja, da não-linearidade dos processos que nela ocorrem. É comum que nos manuais de psicologia clínica encontremos a descrição de um rol de técnicas, com indicações para as suas aplicações em contextos específicos, desconsiderando que as relações terapêuticas e as

problemáticas trazidas à clínica psicológica, por mais que respondam a determinados padrões sociais ou culturalmente determinados, também possuem um caráter imanentemente singular.

Assim sendo, em perspectivas tradicionais da clínica psicológica, a técnica é vista como num modelo fordista de uma linha de produção de máquinas, onde se prezando pela regularidade na clínica psicológica, desconsidera-se a dialética da expressão da personalidade do sujeito, que se dá entre fatores idiográficos e nomotéticos (Tavares, 2003). Sobre isso, González-Rey (2007) adverte que “as **escolas tradicionais**, de maneira bastante geral, haviam se convertido em um espaço perpetuador da produção de identidades e de formas instrumentadas de práticas, o que tem ocultado a produção subjetiva diferenciada do terapeuta” (p. 152)(grifo meu).

Um **modelo peripatético e complexo** de clínica psicológica só é possível por meio da expressão da criatividade dos sujeitos na clínica psicológica, pois esta é uma constante produtora de processos singulares, rupturas e novidades.

Essa definição nos obriga a trazer nossa concepção de clínica, que está amparada, em partes, na compreensão trazida por González-Rey (2011a)

Em primeiro lugar, pensamos que a clínica é um campo de práticas profissionais e produção de conhecimento, que não se deve “sujeitar” a uma escola ou linha teórica. A clínica apoia-se na representação do mundo do clínico e em seus referenciais teóricos, os quais passam a ser ferramentas para gerar inteligibilidade nas práticas, sobretudo, na prática da psicoterapia (p. 195).

A clínica psicológica, para além de um lugar de produção de conhecimento, também é um espaço para promoção de saúde. Nesta perspectiva, o conceito de saúde, e aqui trataremos especialmente daquilo que a maioria das escolas de pensamento

convencionam chamar de “saúde mental”, deve ser compreendido não como uma categoria estanque, mas em seu caráter processual. Sobre esta definição, González-Rey (2011b) salienta que “a saúde psíquica não se define pela ausência de conflitos, mas pela possibilidade de gerar novos processos de subjetivação no decorrer dos mesmos” (p. 313), afirmando o caráter processual.

Ora, se compreendermos que o pensamento de González-Rey se configura como uma expressão do Pensamento Complexo, conforme afirma Martínez (2005), um dos papéis do terapeuta seria auxiliar o sujeito na clínica na geração destes processos de subjetivação. Note-se que a palavra gerar é sinônimo amplamente utilizado na língua portuguesa para a palavra criar – a criatividade é elemento fundamental na prática do terapeuta para operar estes processos de geração de novos sentidos subjetivos.

Criatividade diz respeito a habilidade do sujeito operar constantes processos de organização e reorganização em seu sistema de conhecimentos, pois como já dissemos anteriormente, é muito mais do que a capacidade exploratória, digo, de “descobrir coisas”, mas de promover novas conexões, ligações em seu raciocínio. Assim sendo, o pesquisador, o clínico que compreende e vivencia o **princípio sistêmico-organizacional** proposto por Morin (2013), tem como uma de suas disposições a busca por novas ligações, religações, experimentações.

Com esta disposição cognitiva, o clínico promoverá ou buscará novos ajustes, arranjos, possibilidades hermenêuticas, retóricas, vivenciais, enfim, por entender que a realidade opera de formas caóticas. Buscará compreender o sistema de referências simbólicas do sujeito e, por meio deste, proporá atividades que façam sentido à experiência daquele sujeito, ainda que para isto precise utilizar-se de instrumentos que sejam construídos naquele momento, para aquela finalidade específica.

Sobre isso, me lembro, por exemplo, em uma das sessões que eu conduzia, em que minha cliente (preciso ainda encontrar um termo melhor para descrever meus sujeitos da clínica, mas ainda penso que este termo seja melhor que “paciente”) estava em um frenético rompante discursivo, e o conteúdo deste discurso era tentando desqualificar o seu ex-esposo na medida em que tentava lidar com a dissonância cognitiva de ser “abandonada” por ele. Ela falava prolixamente e não dava abertura para que pudéssemos refletir sobre o que ela estava dizendo. Até que numa epifania ou *insight* (chame como quiser), peguei um fio dental que ficava na gaveta de minha mesa, e enquanto ela falava, amarrei-o em uma borracha escolar (daquelas de apagar escritas de lápis), e comecei a fazer um movimento de pêndulo, balançando a borracha enquanto ela falava... Fiquei neste movimento por uns cinco minutos, escutando-a e olhando fixamente para ela, até que a mesma parou de falar e me perguntou o que eu estava fazendo... E eu respondi: “Esta é você, buscando equilíbrio, saindo de um extremo e indo para o outro sem parar no centro. Às vezes você só precisa parar de fazer força”. Ela olhou aquilo, começou a chorar, e depois de alguns minutos de solução entendeu como transitava com facilidade entre extremos de idealização e desvalorização do outro.

Exemplo este da minha prática, não fora premeditado, e não se encontra em um livro qualquer com técnicas de psicoterapia, e muito menos pretende se tornar uma técnica prescrita para qualquer pessoa – foi produto de uma inspiração intuitiva que naquele momento e naquele contexto, usando o mecanismo de minha criatividade, serviu para gerar um processo reflexivo na vida daquela pessoa específica.

Autores como Erickson (1958; 1980; Erickson & Rossi, 1979; Erickson & Rosen, 1982) e Neubern (2018a) exemplificam bem esta habilidade, na medida em que promovem ações/intervenções clínicas singulares que evidenciam e partem do próprio

sistema de referências dos sujeitos da clínica. O exercício da criatividade na clínica psicológica eleva o atendimento a um sofisticado nível de singularidade.

A criatividade na clínica psicológica, nesta perspectiva, é condição necessária para uma atividade que não reifique os sujeitos e nem os processos na clínica psicológica, pois é ela que permite responder de forma genuína à singularidade expressada pelo sujeito na clínica. É a criatividade que permite com que a intervenção se adapte às emergências do sujeito (Morin, 2013), favorecendo os processos de...

... Improvisação

Como veremos adiante, talvez a improvisação seja um dos pontos mais importantes no que diz respeito à espontaneidade da relação terapêutica, que é um elemento fundamental para a criação do vínculo entre o terapeuta e o cliente. A improvisação é um dos elementos da relação terapêutica pelo qual se faz possível a emergência de novos sentidos subjetivos.

Improvisar (in-pro-videre) – o im-pre-visto e o im-pro-viso – é a negação do previsto, do planejado, daquilo que se faz com o proviso pelo conhecido, e do controle do passado sobre o presente e o futuro. O fazer sem ser conduzido pelo “como se faz” nem informado pelo “conhecer” – esses outros nomes do passado, do já visto – abre caminho para uma arte que não é nem um ofício, nem uma tecnologia que possam ser dominados. Não há nenhuma mistagogia do domínio ou da maestria capaz de entorpecer o improvidente ser-agora, nem há história alguma que o in-forme (Keeney, 1995, p. xiii).

A improvisação nos processos psicoterapêuticos ocorre na medida em que o clínico consegue entender que a técnica não pode ser empregada de forma linear em todo

o momento, como preveem algumas teorias de caráter positivista, mas que esta responde às variações contextuais, dos sujeitos envolvidos no processo, do encadeamento da própria lógica clínica que é singular ao processo de cada sujeito, dentre outros. Neste sentido, ela só é possível na medida em que o terapeuta entende que ele opera em um ecossistema que age, interage e retroage sobre as suas ações, conforme anuncia o **princípio ecológico da ação** (Morin, 2000a; 1996a).

A improvisação ocorre quando o terapeuta consegue acompanhar o curso caótico das ações do processo terapêutico e adaptar suas pontuações/intervenções levando em consideração a dialógica processo/momento: falamos sempre de processos terapêuticos, mas também temos que nos lembrar que existem momentos disruptivos neste processo. Ou seja, a improvisação também é uma característica do terapeuta que consegue operar no complexo **princípio dialógico** da psicoterapia (Morin, 2015b).

Ao pensarmos também a psicoterapia sob o prisma do **princípio sistêmico-organizacional** (Morin, 2013), se considerarmos a psicoterapia como um sistema aberto, sujeito ao caos, em constante processo de ordem, desordem e (re)organização, veremos que a técnica, dentro deste, é um momento que emerge da relação terapêutica e que, por mais que se relacione com padrões de comportamentos de grupos ou de indivíduos, sua aplicação é singular em cada processo terapêutico. A teoria psicoterapêutica que se apega a um padrão ou ideal linear de comportamento humano reificará a técnica a um mero conjunto de receitas que enquadram e colonizam epistemológica e metodologicamente o sujeito.

Sobre o papel da técnica, Neubern (2018a) aponta

A técnica não é um objeto impessoal e externo. Ela só ganha vida na subjetividade do terapeuta que dela se apropria dando-lhe cor, sentimento e forma por meio de

tudo aquilo que brota de seu próprio ser. Por isso, não pode ser concebida como mero recurso, nem como estratégia de manipulação (p. 19).

A improvisação se faz possível na psicoterapia somente se a entendermos como um processo que flui a partir dos referenciais do pesquisador no contexto psicoterapêutico e que ganha sentido na vivência do cliente, caso contrário será somente uma tentativa inócua de manipulação do comportamento alheio. Foi neste sentido que Erickson (1958) propôs que a técnica fosse adaptada ao cliente e não o contrário, como comumente ocorre, e que é neste processo de adaptação da técnica ao sujeito da terapia onde se faz possível a utilização dos recursos próprios do cliente em seu próprio favor, com elementos que não estariam, inclusive, nem no escopo da consciência dos sujeitos.

Neste sentido, há que se pontuar que quando falo de improvisação não estou me referindo a um salvo-conduto para fazer qualquer coisa numa proposta *laissez-faire* ou numa prática descontextualizada, mas em permitir-se criar artefatos, ações, estratégias, retóricas, processos que ganhem sentido na relação entre os sujeitos da clínica, que estejam amparadas em uma lógica baseada no **princípio da universalidade-contextual** (Morin, 2005a), que considere a dialógica do embasamento teórico, mas que situe o singular e o local nesta lógica. Dizendo de outra forma, um ponto teórico pode ser exemplificado ou demonstrado por meio de diferentes formas, e no contexto terapêutico, cabe ao clínico buscar aquele que faça sentido na experiência do sujeito naquele momento.

E um ponto de importante atenção é que o trabalho de Milton Erickson no campo da hipnose, também ajudou a mostrar que a “clínica não se faz essencialmente pela explicação e conscientização, mas pela utilização dos próprios recursos do paciente a seu favor” (Neubern, 2004, p. 60), sejam eles conscientes ou não. Ou seja, em algum

momento os processos terapêuticos podem fazer ou pertencer a processos maiores do que a nossa própria capacidade para descrevê-los.

Quando falamos de processos maiores do que nossa capacidade para descrevê-los, estamos nos referindo à historicamente importante temática do inconsciente, que segundo González-Rey (2003) pode ser definido como o “resultado da configuração complexa de processos emocionais inacessíveis de forma linear aos significados conscientes produzidos pelo sujeito” (p. 89).

Ou seja, uma clínica psicológica no modelo que propomos está diretamente ligada à capacidade de interpretar não apenas os epifenômenos comportamentais, mas também processos psicológicos que estão inacessíveis ao primeiro contato dos sentidos fisiológicos e subjetivos dos sujeitos. O que nos leva a refletir sobre as percepções processadas no ambiente terapêutico, como verdadeiras emergências que ocorrem na relação entre os sujeitos que ali vivenciam emoções diversas.

O que quero dizer com isto, que o inconsciente, ou inconsciência, se apresenta não apenas como uma instância a ser intelectualmente percebida ou elaborada, mas também para ser perceptiva e emocionalmente vivenciada. Portanto, entendemos que existem percepções vivenciadas pelos sujeitos na clínica psicológica que, por quaisquer motivos diversos, são incapazes de serem descritas inicialmente.

A essas percepções que não podem ser acessadas pela consciência linearmente, chamamos de...

... Intuição

Assim como um conjunto de outros termos, intuição é um conceito subutilizado na psicologia: visto algumas vezes de forma mística ou sobrenatural, outras vezes

ignorado ou mal compreendido (Guimarães, 2005), mas é um conceito legítimo e que possui grande lastro na psicologia e na história da filosofia (Abbagnano, 2007).

Desde Platão há ideias sobre noção de intuição, passando por filósofos como Tomás de Aquino, Kant e Descartes, por exemplo (Abbagnano, 2007). Mas foi realizando um paralelo entre o trabalho de Bergson (1974) e Ratner (1994) que consegui compreender/desenvolver a minha concepção do significado da intuição.

Para Bergson, existem dois tipos de conhecimento, sendo eles a **inteligência** e a **intuição**, sendo a primeira endereçada à resolução de problemas práticos e cotidianos da materialidade do dia a dia, e a segunda voltada a um processo reflexivo de interioridade voltado para a sensibilidade e que abstrai da matéria. Ou seja, para Bergson, a inteligência se ocuparia da matéria, a intuição do espírito

A inteligência, quando destinada à satisfação de interesses materiais, isto é, aplicada ao terreno prático, é eficaz; o problema se coloca quando ela se propõe a dar a chave do conhecimento do real tal como ele é em si. Pois, para Bergson, a realidade se apresenta como um processo contínuo de fluxo e transformação, e a inteligência, ao fixar o real em representações esquemáticas, enquadrando as em categorias fixas e imutáveis, perde o movimento que o caracteriza. O erro da inteligência é pensar que o real já está dado. Ao contrário, ele devém a cada momento, e o faz diferenciando-se. Nesta instância, a inteligência engendra ilusões causadas por se generalizar ideias que só se aplicam ao terreno prático e circunstancial (Guimarães, 2005, p. 324).

Esta incapacidade que a inteligência possui de fazer leituras “exatas” do mundo, enquadrando-o em categorias estanques coaduna com Morin (2013) quando este afirma que “todo sistema que pretende encerrar o mundo na sua lógica é uma racionalização

demente” (p. 33), ou seja, reafirmando a incompletude lógica da lógica e da racionalidade. Sendo que, por sua vez

A intuição apresenta-se sempre como uma totalidade, sob a forma de síntese, mas logo em seguida vem o pensamento racional para elaborar, comparar e analisar aquilo que foi intuído, recorrendo ao conhecimento que o sujeito já possuía anteriormente: nisto consiste o Método Intuitivo proposto pelo autor. Essas duas formas de pensamento não são, portanto, excludentes, mas sim complementares. Convém esclarecer que não estamos opondo razão à intuição, a razão está presente tanto no pensamento intelectual quanto no intuitivo, só que no primeiro caso ela está pautada em ideias previamente concebidas e no segundo, a razão está a serviço da intuição (Guimarães, 2005, p. 325).

A questão interessante que aqui cabe ressaltar é que existem processos na formação do conhecimento que fogem da esfera da racionalidade: González-Rey (1997) por exemplo, pontuou que o modelo newtoniano-cartesiano havia feito uma cisão e separação dos processos afetivos na construção do conhecimento, e Morin (2015b) também já salientou a importância da imaginação neste processo, coisa que havia sido desconsiderada por muito tempo.

Ou seja, o inconsciente, segundo a perspectiva cartesiana, seria uma impossibilidade lógica, mas se acreditarmos nessa premissa, Descartes cairia em um solipsismo infundável, que filosoficamente seria uma falácia que reduziria tudo ao absurdo. Há entes no mundo que não cogitam, mas que existem, pois a premissa cartesiana é “penso, logo existo”, não “existo, logo penso”.

Mas tal impossibilidade lógica da existência de um inconsciente, segundo a perspectiva cartesiana, dá-se somente quando pensamos em uma mente cindida,

compartimentada: Freud (1996a), por exemplo, topografou sua noção de mente em consciente, pré-consciente e inconsciente. Morin (2015b) assume a noção freudiana em sua obra, fazendo uma releitura recursiva da constituição desta mente, e também assume o seu caráter social e histórico, crítica que também vemos em Ratner (1994).

A concepção freudiana do inconsciente é falha porque separa o inconsciente da consciência e da vida social. A noção de um mundo arcano de ideias e mecanismos primordiais, naturais e quase físicos segregados da consciência foi vigorosamente atacada por William James (1890/1950, pp. 164-176), neofreudianos e existencialistas. Sartre (1943/1956, pp. 47-54) argumentou que a atividade psicológica fora da consciência é uma impossibilidade. Um sentimento que não é sentido ou uma ideia que não é conhecida é um oxímoro. Sartre argumenta que ideias e sentimentos são aspectos da consciência. Eles não são formas de energia primordial fora da consciência (pp. 324-325).

Se assumirmos uma concepção monista de mente, acaba-se o problema. Mas ainda há um segundo ponto a se considerar: a mente pode operar processos distintos! Em nosso ponto de vista faz sentido afirmar que as operações da consciência se dão por meio da capacidade de estabelecer relações entre objetos, ou seja, do processo que podemos chamar de **raciocínios** ou **intelecções**, que dizem respeito à razão. Todavia, as operações inconscientes fogem da linearidade dos processos de raciocínio, impedindo com que o sujeito seja capaz de descrever estas operações no momento em que elas estão ocorrendo, sendo operações sensitivas que orientam o sujeito para uma ação – as **intuições**.

É comum que escutemos no dia-a-dia que as pessoas fazem coisas sem perceber, falam coisas sem pensar, ou que sintam coisas que não conseguem descrever. Estas percepções inconscientes também são poderosos agentes capazes de motivar comportamentos humanos.

Dá a aproximação entre duas definições interessantes de inconsciência/inconsciente, como a de González-Rey (2003) que o afirma como o “resultado da configuração complexa de processos emocionais inacessíveis de forma linear aos significados conscientes produzidos pelo sujeito” (p. 89), e a posição analítico-comportamental, que dessubstancializa a ideia de inconsciente como *locus* e o advoga como a incapacidade de descrever as contingências que governam o comportamento do indivíduo (Silveira & Almeida, 2010).

E há uma interessante citação de Skinner (2002)

Diz-se amiúde, particularmente os psicanalistas, que o behaviorismo não pode haver-se com o inconsciente. O fato é que, para começar, ele não se avém com outra coisa. As relações controladoras entre o comportamento e as variáveis genéticas e ambientais são todas inconscientes, uma vez que não são observadas (p. 133).

Há no ser humano a capacidade traçar relações de forma não consciente, e em nosso ponto de vista estas relações podem ser chamadas de intuições, e na medida em que elas se transformam em epifanias (ou *insights*, chame da forma como preferir), elas se tornam raciocínios, portanto conscientes. Ou seja, em nosso ponto de vista, corroborando com as ideias anteriormente elaboradas sobre este tema por Bergson (2005; 2010; 2020) a intuição é uma forma de apreensão de algum objeto sem a mediação prévia dos processos linguísticos, estes que aparecerão apenas ulteriormente.

Ainda que o próprio Bergson reconheça a necessidade da utilização da linguagem para que a intuição seja conceituada, busca romper as limitações impostas por esta por meio dela mesma (Silva, 1994), buscando tal proeza por meio da utilização de imagens e metáforas (Vieillard-Baron, 2007). Tal pensamento faz sentido se analisarmos, por

exemplo, os trabalhos em que Erickson (Erickson & Rossi, 1979) utilizava-se de metáforas para que os clientes pudessem chegar a vivências de processos inconscientes por meio do transe hipnótico.

Cabe ressaltar que não apenas o cliente/paciente está sujeito aos processos inconscientes na clínica psicológica, mas também o terapeuta - este, por sua vez, tem como tarefa estar atento não apenas às suas percepções objetivas, isto é, suas intelecções, mas também às percepções que não lhe advém de forma linear, ou seja, suas intuições. Assim sendo, a ideia de intuição não se trata de uma “fonte de erro” que precisa ser rechaçada, mas de uma parte do processo terapêutico que precisa ser reintegrada ao todo.

E veja bem, aqui não estamos dizendo que a atividade da clínica psicológica deva se guiar única e exclusivamente por processos intuitivos, mas sim que precisamos considerá-las em conjunto com outros indicadores e processos clínicos. Via de regras, intuições são emergências importantes da relação entre os sujeitos no processo terapêutico.

E outro ponto interessante a se notar é que intuição parece estar diretamente envolvida com uma dinâmica sensório-motora dos indivíduos: o sujeito primeiro faz algo, depois tentará buscar explicações, justificativas ou racionalizações para tentar entender o que se passou, ou então, será impelido por alguma “voz interior” para fazer ou dizer algo, e depois é que entenderá o porquê disto. Esta força que impele o sujeito, de forma inconsciente, a se mover, de alguma forma, para algum ponto, para fazer alguma coisa, é uma intuição, e esta, muitas vezes, está presente no processo de construção do conhecimento.

Isso **coaduna com o princípio da Enação**, cunhado por Varela, Thompsom e Rosch (1993) que compreenderá a mente como uma ação incorporada, ou seja,

diretamente ligada ao organismo do indivíduo, destacando que “as estruturas cognitivas emergem de padrões sensório-motores recorrentes que permitem que a ação seja guiada pela percepção” (Baum & Kroeff, 2018, p. 209).

Desta forma temos uma relação que se constrói da seguinte forma: consciência/inteligência/raciocínio/razão e inconsciência/intuição/sensação/ação, agindo de forma recursiva. O que quero dizer com isso? É que existem processos inconscientes operados na dinâmica da construção do conhecimento, e estes, em se tratando da psicologia clínica, que é um processo de interação entre dois sujeitos, são fundamentais na construção terapêutica e de estratégias de ação/intervenção. Ou seja, *a clínica psicológica também é uma atividade intuitiva*.

E quando falamos de intuição, que fique bem claro que não estamos dizendo de algum tipo de “iluminação” que brotou na atividade do psicólogo clínico *ex nihilo*, mas de um conjunto de processos que foram sendo moldados social e historicamente de vida deste sujeito e que acabam por emergir da/na relação terapêutica. Ela faz parte do processo de desenvolvimento natural dos sujeitos: Piaget (1999) afirma que a intuição é uma etapa no processo de desenvolvimento cognitivo da criança, precedendo o período das operações lógicas da mesma – “há uma coisa surpreendente no pensamento da criança: o sujeito afirma todo o tempo, sem nunca demonstrar” (p. 33).

Para Piaget (1999), as intuições “são apenas esquemas perceptivos ou esquemas de ação, esquemas senso-motores, mas transpostos ou interiorizados como representações. São imagens ou imitações da realidade, a meio caminho entre a experiência efetiva e a “experiência mental”, não se constituindo ainda em operações lógicas e passíveis de serem generalizadas e combinadas entre si” (p. 35). Para este autor, todavia, esta fase intermediária será “suplantada” pela fase das operações lógicas que se instalará no processo de desenvolvimento da criança.

Note que a noção de intuição de Piaget coaduna com a que estamos propondo neste trabalho, à diferença que, em nosso ponto de vista, elas não deixam de ocorrer com o desenvolvimento lógico e verbal da criança: elas ocorrem em todo o tempo, mas muitas vezes são ofuscadas justamente por estes processos que culturalmente preconizam a racionalidade e rechaçam a sensibilidade.

A intuição também é um processo que se dá circunscrito a uma singularidade proposta pelo **princípio da auto-eco-organização** (Morin, 2013), na medida em que o sujeito que intui está imerso em uma realidade da qual é inseparável, conforme aponta o princípio da **distinção eco-ontológica** (Morin, 2005a). Ou seja, em todo momento este sujeito está “captando” e “entregando” informação do/para o seu meio, mas que não necessariamente o faça em todo tempo de forma consciente. Especialmente quando falamos de relações interpessoais que estão intimamente ligadas aos processos de...

... Reciprocidade

Este tema que tem como um de seus maiores expoentes o filósofo existencialista Martin Buber (1878-1965) posiciona que toda “relação é reciprocidade” (Buber, 1974, p. 8) de dois seres que se encontram no mundo.

Todo processo de produção de conhecimento sobre o mundo comporta a subjetividade de um sujeito que se relaciona com este mundo – ele recebe, mas, ao mesmo tempo, devolve algo ao mundo com sua ação. Sobre isso, já tratamos a questão da reintrodução do sujeito do conhecimento no processo de construção deste, de modo que, o conhecimento que eu recebo do mundo é, dialógica e dialeticamente, o conhecimento que eu construo (entrego ao mundo).

Quando falamos de processos comunicacionais, sociais ou terapêuticos, temos exemplos interessantes quando Sócrates propunha seus diálogos, em que trocava conhecimento com seus interlocutores não por meio de discursos (monólogos ensaiados e prontos), mas por meio de perguntas que acabavam por evidenciar as contradições discursivas dos sujeitos interpelados.

A reciprocidade é um fenômeno particularmente interessante para a psicologia, e seus efeitos já foram pesquisados na psicologia social experimental desde a década de 1960 (Rodrigues, Assmar, & Jablonski, 2015) bem como, mais especificamente, em estudos sobre os processos de persuasão nas relações interpessoais (Cialdini, Green, & Rusch, 1992; Cialdini, et al., 1975): conclui-se que quando alguém faz algo por outra pessoa, cria-se, geralmente, uma espécie de débito moral que demandará alguma atitude para ser quitado posteriormente.

Interessantemente, a filosofia da reciprocidade moral existe há mais de 2 mil anos com um filósofo peripatético, amplamente conhecido na sociedade por seu caráter espiritual, mas pouco estudado na academia por seu caráter educativo: Jesus de Nazaré. Uma das bases de sua filosofia se constituía no imperativo moral de fazer aos outros aquilo que se deseja para si - vide em Mateus 7:12 (Bíblia de Estudo Arqueológica - NVI, 2013).

Assim sendo, fala-se muito nas salas de aulas universitárias sobre a clínica psicológica como um lugar de troca, mas a minha impressão geral (e aqui eu peço licença para trazer uma impressão, não um dado de pesquisa), é que este tema é tratado de uma forma tão abstrata que parece apenas mais um jargão psicológico que não se materializa na prática, pois o que vejo em minha experiência de professor e supervisor, são psicólogos fugindo de se apresentarem de forma autêntica em seus consultórios.

A clínica psicológica é um espaço onde o sujeito, muitas vezes, procura o terapeuta na busca de construir uma nova forma de **autorreferencialidade** por meio do acesso a processos de **heterorreferencialidade**, ou seja, o sujeito partirá para a autonomia a partir da relação heterônoma que estabelece com seu terapeuta, conforme já teorizava Piaget (1994). Apesar de se falar muito de relação terapêutica, contraditoriamente, muito também se fala de que o terapeuta deve se manter em uma postura neutra para “não influenciar o cliente”. Ora, que tipo de relação é esta onde apenas um dos lados se entrega? Nada mais do que resquícios do positivismo na clínica psicológica, que advogava por uma postura neutra e um distanciamento entre sujeito/objeto.

É no mínimo um ato de humildade epistemológica do psicólogo clínico assumir que, ao encontrar-se com seu cliente no processo terapêutico, também sai transformado por este: positiva (quixá) ou negativamente! É ali que ele aprenderá a lidar com aquele caso específico, mas talvez também aprenda algo sobre padrões de comportamento para se inspirar em próximos casos clínicos semelhantes que se apresentarão.

Mas aqui há também uma ressalva: reciprocidade não pressupõe necessária nem automaticamente igualdade. Há que se entender que no processo terapêutico, bem como em cada momento da vida, cada ente/sujeito possui um papel específico que se desenvolverá no decorrer do tempo. Não cabe ao terapeuta tentar igualar-se ao sujeito/cliente, ou colocar-se na postura de amigo, subalterno ou empregado (por mais que esteja prestando um serviço a este). Mas trata-se de ser genuinamente acessível dentro das possibilidades e limites técnicos, éticos e profissionais.

Assim como Neubern (2013) critica a cisão esquizoide que muitos terapeutas fazem entre sua vida espiritual (crenças, fé e confissão religiosa) e sua vida profissional, a mesma situação se aplica a psicólogos que tentam separar o **eu-pessoal** do **eu-**

profissional, como se o primeiro vestisse e desvestisse uma capa (ou uma fantasia) do segundo. E mais uma vez ressalto que não se trata de não existirem papéis distintos, mas sim de que as fronteiras entre estes são mais tênues e permeáveis do que se costuma supor.

Desta forma, é importante que o profissional de psicologia também assuma seu lugar de sujeito no processo terapêutico e que incorpore suas percepções, emoções, intuições ao processo terapêutico, porque elas são geradas neste, como emergências que fluem da relação.

Outro ponto a se considerar na questão da reciprocidade é sobre os discursos que recebemos sobre a postura empática do terapeuta, que se expressam nas diversas abordagens por meio de vários autores (Sampaio, Camino, & Roazzi, 2009), como um mantra de que o psicólogo deve aprender a “se colocar no lugar do cliente/paciente”.

No que diz respeito à Psicologia, o primeiro autor a traduzir o termo *Einfühlung* por *empathy* foi Titchener, em 1909. Na concepção desse estruturalista norte-americano, o conceito de *Einfühlung* descrevia a capacidade de conhecer a consciência de outra pessoa e de raciocinar de maneira análoga a ela por um processo de imitação interna, sendo que, por meio dessa capacidade, pessoas com o mesmo nível intelectual e moral poderiam compreender umas às outras (Sampaio, Camino, & Roazzi, 2009, p. 213).

Mas, se pensarmos o conceito de relação terapêutica na psicologia clínica, vemos que a noção de empatia está carregada de um ideal moral de um terapeuta “bom samaritano” que vai até a zona da dor do outro para socorrê-lo. Ora, se a *empatia se trata de*, como diz o ditado espanhol, “colocar-se nos sapatos dos outros”², ou seja, *ir até o*

² “Ponerse em los zapatos del otro” é um ditado espanhol que poderia ser traduzido para “colocar-se no lugar do outro”, no sentido de uma relação de empatia.

lugar psicológico do outro, podemos definir dialogicamente e dialeticamente um conceito importante: *simpatia – como a capacidade de trazer o outro para perto de si*.

Esta definição de simpatia que estou propondo aqui, de forma clara e precisa, é desconhecida **na psicologia** contemporânea: até hoje não há trabalhos em língua portuguesa ou inglesa sobre o conceito. O mais próximo que encontramos sobre o assunto foi na obra de Foucault (2000), quando este autor faz uma descrição sobre as similitudes entre o pensamento, saber e linguagem, colocando a simpatia como um tipo de processo onde coisas semelhantes são atraídas para si. Ou seja, Foucault ressalta, ainda que de forma bastante simples, os processos de atração, identificação e similaridade. Também encontramos trechos *en passant* na obra de Rogers (1997) tratando de simpatia, mas sem definição.

Apesar de o termo não ser definido contemporaneamente, já foi tratado por autores hipnotizadores como Braid (1843) e Erickson (1980), todavia, fazem a discussão apontando para a importância deste tema, como, por exemplo, de sua funcionalidade para gerar um ambiente de confiança terapêutica, ou então para ajudar na quebra de objeções, mas o tratam de forma autoevidente, sem fornecer uma definição epistemológica mais precisa deste conceito.

Na clínica psicológica, quando o cliente se sente atraído por alguma característica que julga positiva em seu terapeuta, vincula-se a ele com maior facilidade e favorece o processo de reciprocidade – daí a importância do conceito de simpatia, pois ele favorece a troca interpessoal entre os sujeitos na clínica psicológica. E neste sentido, ao entendermos que o processo de influência psicológica se inicia na clínica a partir da dialógica empatia/simpatia, precisamos levantar o **princípio ético** elaborado por Morin (2011b) para pensarmos sobre os limites que esta influência nos impõe.

Os sujeitos da clínica psicológica possuem zonas de confluência, e também, como diria Freud (1996b), projeções, transferências, identificações, e estas precisam ser compreendidas e podem ser elaboradas em processo terapêutico – tudo isso nos remete a uma ética do gênero humano e uma ética planetária, como pontuado anteriormente por Morin (2011b).

Simpatia trata de trazer o cliente para perto de sua experiência afetiva, de forma positiva, gerando confiança, diálogo, afeto e consideração positiva pela figura do terapeuta, gerando atração, identificação e adesão do cliente à proposta terapêutica. Este conceito parece ser importante no contexto de nossa discussão e também bastante vinculado à noção de...

... Espontaneidade...

... tema este que foi largamente elaborada por Jacob Levi Moreno (1889-1974) e Zerka Toeman Moreno (1917-2016) como um conceito complexo que articula as noções de ação dramática, originalidade, criatividade e adequação de resposta (Moreno, 2003; Moreno & Moreno, 2014).

Este conceito, definido por Moreno (Moreno, 1975) como uma expressão da autenticidade, pureza e liberdade que estão presentes na personalidade de um indivíduo. Em vários momentos de sua obra, Moreno (1975) associa o conceito de espontaneidade às noções de liberdade e criatividade, pontuando que é a forma que o sujeito possui de experimentar de forma plena o seu presente, o seu *hic et nunc*.

Esta noção me parece interessante na medida em que se articula diretamente à qualidade de ser sujeito, ativo, determinante. O sujeito espontâneo é aquele que está presente no *hic et nunc*, em um constante processo autogerativo que incorpora as

situações sociais que se contrapõe ao indivíduo. Ou seja, é um devir que surge na percepção das necessidades do sujeito para agir no mundo.

A ação espontânea do sujeito é original na medida em que, mesmo tendo referenciais históricos, sociais e culturais, ela é mediada pelo próprio sujeito: seu próprio poder de decisão diante dos elementos determinantes do meio, na singularidade de suas vivências. Também podemos dizer que a ação espontânea do sujeito é sempre parte de um contexto mais amplo, ela precisa estar ajustada às condições do meio, e parte de um processo livre, porém consciente do sujeito, caso contrário, será apenas um ato de impulsividade. Este conceito se articula com o princípio da auto-eco-organização (Morin, 2003), na medida em que o sujeito espontâneo precisa promover constantes processos de ajustamentos-criativos em relação ao meio que interage e que, ao mesmo tempo, impõe limitações aos sujeitos.

Em relação às limitações diante do meio, em uma de suas obras clássicas, Frankl (1985) afirma que o ser humano tem a capacidade de ser “determinante”: ele acreditava que o ser humano não era meramente um produto das forças ou circunstâncias externas, mas um ser ativo em sua capacidade de escolher o que fazer diante de suas limitações. Coisa semelhante se encontra na obra de Sartre (2014), quando este autor trata da dinâmica da liberdade existir dentro das possibilidades, e que a consequência da liberdade é a responsabilidade.

Neste sentido, espontaneidade e sensibilidade caminham juntas, na medida em que é preciso ser bastante sensível às condições da relação terapêutica, sabendo responder à estas com criatividade e leveza. É apenas uma relação espontânea que permite com que as irregularidades, as incertezas e as não-linearidades emergem no processo terapêutico.

Em uma perspectiva positivista, prezando pela regularidade, reifica-se a técnica e facilmente o terapeuta tenta promover processos de enquadramento do sujeito a um conjunto de procedimentos preconizados por uma teoria impessoal, anulando as singularidades dos sujeitos ali presentes. Neste contexto, é preciso uma importante reflexão sobre o lugar da técnica.

A técnica não é morta. Por habitar o coração da clínica – a relação entre seus protagonistas – ela precisa de condições para dialogar com o contexto e a singularidade [**princípio da universalidade contextual** (Morin, 2005a)] dessas pessoas, tornando-se elemento orgânico desse complexo processo.

A técnica não é um objeto impessoal e externo. Ela só ganha vida na subjetividade do terapeuta que dela se apropria dando-lhe cor, sentimento e forma por meio de tudo aquilo que brota de seu próprio ser. Por isso, não pode ser concebida como mero recurso, nem como estratégia de manipulação (Neubern, 2018a, p. 19).

E o autor continua sua reflexão pontuando sobre a importância da negociação, do vínculo, da parceria entre os sujeitos no processo terapêutico, demonstrando que a técnica não é um mero instrumento de poder para a manipulação do comportamento do outro, mas uma via que facilita os processos de libertação dos sujeitos por meio do acesso aos recursos que eles mesmos possuem (Neubern, 2018a).

Nesta perspectiva Complexa e Peripatetista de clínica psicológica, a técnica não é um mero instrumento, mas é o resultado da emergência dos processos da espontaneidade do terapeuta na relação com as necessidades concretas e temporais do cliente. E quando falamos da espontaneidade do terapeuta, note-se que não estamos necessariamente afirmando que ele precise criar novos instrumentos a todo o momento, mas sim que ele terá a sensibilidade suficiente para promover os ajustamentos criativos necessários à

relação terapêutica no determinado momento específico, fazendo referência ao **princípio retroativo** (Morin, 2003; 2013), na medida em que a psicoterapia como sistema/processo encontrará na condição dos sujeitos a capacidade para regular-se, refazer-se, corrigir-se, reconfigurar-se na medida em que a relação circuitaria causa/efeito ou intervenção/resultado derivar-se da relação terapêutica. O que isto quer dizer? Que a espontaneidade na relação terapêutica é uma construção que se dá na medida em que há abertura relacional para que isso ocorra.

A psicoterapia assume então um caráter vivo, produtora de emergências, na medida em que não se estabelece uma relação de poder que tenta colonizar epistemologicamente os sujeitos por meio da imposição de categorias teóricas pré-definidas (Neubern, 2013; 2018a). Mobilizar os conteúdos, o simbólico presente na experiência do sujeito do processo terapêutico em favor do próprio sujeito (Neubern, 2018b), faz parte da...

... Pragmática...

... Da clínica psicológica.

O termo *pragmático* pode ter vários significados, dentre os quais aquele trazido pelo senso comum como sinônimo de uma coisa ou pessoa guiada pela praticidade; um termo que deriva da obra de Políbio (200 – 120 a.C.), como a parte da filosofia/história que estuda os fatos concretos, não os mitos, lendas ou costumes (como era comum na época, fundir a cosmogonia e a mitologia na história); ao campo de estudo do contexto da linguagem; ou como uma derivação do pragmatismo, filosofia anglo estadunidense inaugurada por Charles Peirce (1839-1914), e posteriormente ampliada por autores como William James (1842-1910), Ferdinand Schiller (1864-1937), John Dewey (1859-1952),

que se refere à validade de uma ideia se dá na medida em que seu êxito é observado na prática cotidiana (Abbagnano, 2007; Japiassú & Marcondes, 2006). Em suas origens, pode ser entendido como um movimento filosófico que enfatiza a importância da experiência, ação e utilidade, levando em consideração que o conhecimento é dependente do contexto e está em evolução constante (Dewey, 2007).

Apesar de não estarem historicamente ligadas, podemos ver que existem conexões possíveis entre a filosofia pragmatista e a etnopsiquiatria, escola de pensamento fundada por George Devereux (1908 – 1985) e que foi posteriormente desenvolvida por Tobie Nathan (1948 -) cujo foco era a compreensão das diferenças culturais para o real entendimento das experiências, especialmente as dificuldades psicológicas dos pacientes (Martins-Borges, Lodetti, Jibrin, & Pocreau, 2019).

Entender o simbólico que existe na vida dos sujeitos da clínica é fundamental para qualquer intervenção/ação, demonstrando respeito pela história e vida do sujeito - este simbólico é a fronteira do cultural com o psíquico, está emaranhado na forma de pensar e sentir do sujeito. Desta forma, o próprio sujeito traz parte dos recursos necessários para seus processos de transformação.

Notemos que quando me refiro à “traz parte dos recursos” o faço por entender que, apesar de seu simbólico ser uma fonte incalculável de possibilidades, há também o papel e o lugar do terapeuta, com seu mundo simbólico também, e é neste sentido que os universos de ambos precisam se encontrar, e como diz Neubern (2013), entrarem em um processo de negociação.

A ideia de usar os elementos que estão presentes na própria vida/história/simbólico dos sujeitos é relativamente nova na psicologia/psiquiatria, mas muito antiga no que diz respeito à filosofia e espiritualidade: Buda, Sócrates e Jesus, três

figuras distintas, em épocas e lugares distintos, mas cujas similaridades foram tantas que eles despertaram o interesse do filósofo francês Frederic Lenoir, que analisou a vida e obra destes três personagens

Entre os pontos comuns de suas vidas, um é bastante singular e merece de saída ser ressaltado: Buda, Sócrates e Jesus não deixaram nada escrito. No entanto, muito provavelmente, os três sabiam ler e escrever, como era usual entre os jovens de suas épocas e de seus meios — mesmo que, na Índia do Buda, no século V a.C., o emprego da língua escrita fosse muito reduzido, restringindo-se às trocas comerciais e administrativas. O desejo de se limitarem a um ensinamento oral sem dúvida não é inocente. O ensinamento que transmitem é uma sabedoria de vida. Ela se transmite de modo vivo, pela força do exemplo, da precisão do gesto, da palavra viva, da entonação da voz. Ela se transmite, antes de tudo, a um círculo estreito de discípulos, embora Jesus gostasse de falar às multidões. Transmite-se a homens e mulheres que, em alguns casos, abandonaram tudo para seguir os passos daqueles que consideram mestres de sabedoria, e que se empenharão em transmitir sua vida e sua palavra. Alguns desses discípulos escreveram, outros continuaram a transmitir um ensinamento oral até que discípulos mais afastados registrassem seu testemunho (Lenoir, 2012, p. 6).

Três personagens historicamente conhecidos por, em seus ensinamentos, empregarem os elementos que tinham ao seu redor para entregarem a sua mensagem, que era feita de modo relacional, não por meio de códices, que na época se resguardava apenas à leitura de poucos instruídos.

Quando Jesus, por exemplo, um dos referenciais filosóficos de Morin, falava com pescadores, por meio de parábolas, usava a imagem do pescador de almas; para agricultores, usava o joio e o trigo; para coletores de impostos, falava sobre a moeda

perdida (que naquela época valia um dia de salário); contava histórias, arguia retoricamente seus seguidores e inquiridores – mas sempre o fazia na linguagem em que o povo podia conhecer e usando os elementos que estavam disponíveis naquele momento (Lenoir, 2011).

Por sua vez, Sócrates, com sua maiêutica e ironia, explorava as contradições dos discursos de seus interlocutores por meio de perguntas simples, porém sagazes, mostrando que as certezas com que se apegavam eram muito frágeis, exemplo foi dado em sua investigação sobre o amor e a natureza do belo (Platão, 2017).

Buda, o mais caminhante dos três, era adepto dos grandes sermões, e nos 45 anos em que durou a sua vida de “despertado”, sabe-se mais a respeito dos seus cinco primeiros anos, um pouco sobre os 20 subsequentes e quase nada dos últimos 20. Cercado por muitos discípulos, conta a tradição que morreu velho, de causas naturais (Lenoir, 2012).

Além de ter em comum o fato de serem caminhanes, mestres considerados sábios, pessoas que transformaram não apenas mentalidades individuais, mas cada um promoveu um paradigma cultural mundial (o acadêmico-clássico, o judaico-cristão e oriental), e também eram focados na difusão de conceitos caros à filosofia até hoje, como, por exemplo, a verdade, a liberdade e o amor (Lenoir, 2012).

Estes três exemplos antiquíssimos da história da humanidade foram trazidos para ilustrar como a filosofia de caminhanes, contadores de história, pessoas que viviam dispostos a encontrar pessoas, a compartilharem suas ideias, o seu pão, mas acima de tudo isso, usar os elementos da vida cotidiana das comunidades que frequentavam para deixar suas mensagens, foi importante na constituição de nossa subjetividade social (González-Rey, 2004).

Posteriormente, Erickson (1958) e Neubern (2018a) referir-se-ão a isto como usar os elementos simbólicos do próprio sujeito, seus recursos psicológicos, em seu próprio favor. Desta feita, quando falamos de pragmática no contexto do peripatetismo, estamos nos referindo à utilização dos elementos que estão no contexto do caminhante, e são utilizados para gerar processos de reflexão e transformação. E isto foi brilhantemente conduzido por vários pensadores, desde os mais antigos como Sócrates, Jesus, Budas, até aos mais contemporâneos, como, por exemplo, Erickson, Lancetti e Neubern.

Isso nos remete ao **princípio ecológico da ação** (Morin, 2000a), na medida em que o terapeuta não tem controle pleno dos processos que ocorrem quando o simbólico do sujeito é mobilizado, ou seja, ele pode intencional alguma coisa com a sua intervenção, ter algum objetivo, mas é somente quando a intervenção do terapeuta acessa o sistema simbólico do sujeito e que temos noção do real impacto de sua ação. Tal proposição também está intimamente relacionada com o **princípio da incompletude e incerteza** (Morin, 2005a; 2013) na medida em que o terapeuta, além de não poder precisar a intensidade, profundidade ou consequência de suas palavras/ações no contexto clínico, também não é detentor, em si, de todos os recursos que podem acionar processos de transformação na vida do sujeito, necessitando mobilizar algum tipo de processo afetivo/volitivo/cognitivo no contexto simbólico deste sujeito.

Quando nos referimos à habilidade de mobilizar este simbólico, se trata de usar aquilo encontrado no caminho, mas para isso, é importante caminhar, por isso um novo ponto desta peripatetista é o da...

... Itinerância

É comum que aqueles que tenham uma prática peripatetista, independentemente de sua tradição de pensamento, teoria, ciência ou ideologia (no *lato sensu* da coisa) sejam amantes do movimento – seja ele físico ou simbólico.

Neubern (2018), por exemplo, relata em suas pesquisas sobre a hipnose no contexto clínico e sobre a importância do terapeuta em ajudar a modificar as referências espaciais do sujeito, evocar movimentos mínimos. Mas para além do espaço terapêutico, no âmbito educacional também se coloca para fora: não posso deixar de citar que em um dos momentos de reflexão, no processo de doutoramento, em uma das disciplinas que ministrava (e que assisti como estudante), nos conduziu até o café da universidade para que pudéssemos sair da sala de aula, termos uma aula ao ar livre, fora dos muros de concreto que enformavam os pensamentos e ações de seus estudantes – se isto teve algum efeito simbólico na minha experiência psicológica?! Obviamente, senão não estaria no meu horizonte mnemônico.

O fato é que o movimento é gerador de vida, *eppur si muove*, pois mesmos “parados” em repouso sobre a face da Terra, estamos nos movendo pelo sistema solar a uma velocidade média de 107 mil km/h, e se levarmos em consideração a velocidade que o nosso sistema solar têm em relação a via láctea ou que a via láctea têm em relação ao universo, essa velocidade certamente aumentará (Nasa, 2023).

Para além do fato de ser impossível não se mover, pois tudo está em movimento, este também é uma fonte de estimulação neurocognitiva, pois na medida em que nos movemos em um processo de aprendizado, estamos estimulando não apenas a região frontal de nosso cérebro, mas também a pré-frontal, a parietal e a somestésica, e não apenas sentados, ouvindo com uma atenção concentrada um mestre ao centro de uma sala.

Mas a questão aqui não é simplesmente de movimento espacial, mas também um convite para que as pessoas possam mover-se pelo tempo! E isso pode ser exemplificado, dentre outros espaços, no processo de transe hipnótico onde os referenciais de tempo podem ser distorcidos (Neubern, 2018a).

Morin passa cerca de três décadas escrevendo sobre “o caminho”, em sua obra *O método*, nos mostrando de forma densa (porém com uma estética impressionante) e incrivelmente elaborada qual foi seu caminho até chegar a uma compreensão do que significa Pensar Complexo.

Jesus, Sócrates e Buda, por exemplo, eram caminhantes que ensinavam por todos os cantos por onde iam (Lenoir, 2012). Outros, como Frankl (1985) falam de um caminho de busca por sentido da existência. Lane e Codo (1989), como outro exemplo, versavam sobre o homem em movimento, em sua psicologia social. Enfim, vários são os exemplos que colocam a psicologia em um constante movimento e também simbolicamente se contrapondo a uma psicologia estática e estatizante, que enquadra e engessa os sujeitos na clínica psicológica.

Há também que se atentar para o aspecto ético, que foi também foco da obra de Morin (2011b), e neste caso aqui também fazer menção à Lancetti (2008) no sentido de apresentar a psicologia como ferramenta de libertação, transcendendo ao território do consultório, abrindo novas áreas de comunicação com a comunidade, apresentando-a aos necessitados.

A clínica psicológica não se reduz ou se resume ao espaço do consultório, ela é um campo do saber que pode ser aplicado à diferentes espaços, lugares, e não apenas à tradicional liturgia de uma sala confortável com 60 minutos de sessão. Autores como Antônio Lancetti que inspiraram práticas como o consultório de rua, ou como Moreno

que realizava suas sessões de sociodrama públicas (Moreno, 1959), que levaram a clínica psicológica para fora das quatro paredes.

Mas voltando à questão do movimento físico, do deslocamento, quando os filósofos caminhantes da antiguidade se moviam pelas cidades, conversando com as pessoas, ministrando seus sermões ou tendo seus encontros, o caminho trazia os elementos que seriam utilizados como exemplos, alegorias, inspirações para metáforas, etc. Poética e literalmente podemos dizer que o caminho traz o simbólico e os recursos necessários para as transformações na vida dos sujeitos.

O meio ambiente, ou contexto, tem o poder de trazer novos elementos na medida em que há um **princípio de multicausalidade** (Morin, 2005a) que opera processos de construção de multirreferencialidade na experiência subjetiva dos sujeitos implicados no processo terapêutico. Ainda sobre isso, com uma interlocução com o **princípio da incompletude e incerteza** (Morin, 2005a), não sabemos quais elementos que de fato podem mobilizar o simbólico ou o afetivo dos sujeitos da clínica.

Destronando a crença na racionalidade ou do controle pleno do terapeuta sobre o processo terapêutico, podemos afirmar que os momentos de transformação, insight ou geração de sentidos subjetivos podem, e geralmente ocorrem, independentemente à vontade do terapeuta, afirmando novamente o **princípio ecológico da ação** (Morin, 2005a). E na medida em que se caminha pelo processo com uma racionalidade aberta (Morin, 2013), os elementos do caminho vão emergindo ao terapeuta como instrumentos de reflexão para o processo terapêutico, podendo ser propostos ao sujeito da clínica, cabendo a este aceitá-los ou rejeitá-los.

Nesta proposta, o sujeito da clínica não é um mero “paciente”, pois este pode recusar solenemente ou não as propostas do terapeuta: me lembro de uma vez em que,

quando estava começando a utilizar da hipnose na clínica, uma cliente que tinha dificuldades interpessoais com a sogra saiu do transe tão rapidamente como entrou, quando foi sugerida a imagem da sogra na intervenção – ela abriu os olhos, e com estes bem arregalados, disse “não quero tratar disso agora não!”, tamanha a resistência. Ilustrou naquele momento que o sujeito da clínica não é um agente passivo e que, ativamente, pode também recusar as intervenções propostas. Isto nos mostra o **princípio da reintrodução do sujeito cognoscente no processo de construção do conhecimento** (Morin, 1996b; González-Rey, 2003) com seu caráter ativo, reflexivo, dinâmico, determinante.

Em suma, quando se caminha, pelo espaço ou pelo tempo, o contexto traz novos elementos que podem ajudar na construção de novos sentidos subjetivos, mostrando novos ângulos, novas ideias, novas possibilidades interpretativas. E dito isto, o sentido subjetivo não é algo que está posto, não é algo in natura, se dá em um processo construtivo e interpretativo por parte do sujeito em seu modo de vida (González-Rey, 2003; 2017), e justamente por isso, um método peripatetista deve se atentar à...

... Polissêmica...

... que é a capacidade que um ato, uma palavra, uma situação, tem de gerar diferentes processos interpretativos. Sobre isso, Morin (1996b) aponta o **princípio ecológico da ação**: toda atividade no mundo social está sujeita a um conjunto de ações e retroações que dotam a atividade de múltiplos sentidos.

E paradoxalmente, por mais que uma ação esteja ecologicamente organizada, hermeneuticamente quem dota de intenção uma ação é o ator inicial desta – isto é o que alguns hermeneutas, como Virkler (2001) chamam de *princípio da determinação do*

sentido. Ou seja, há uma dialética entre a intenção primeiramente vinculada a um ato, e as interpretações que lhe são garantidas pela sua ecologia. Justamente por isso, o sentido de um ato deve ser social e culturalmente refletido.

Um dos grandes mestres desta capacidade era o já citado Jesus de Nazaré, que ministrava suas ideias por meio de parábolas: um conjunto de histórias abertas, alegóricas, indiretas, que envolvem comparações, linguagem figurada e que envolve certo conteúdo moral ou comportamental. Ele levava seus discípulos e seguidores à compreensão de suas ideias por meio desta capacidade de identificação, de projeção dos sujeitos. Bem como Sócrates que, por meio da ironia de sua maiêutica, mostrava a necessidade de abertura mental e o não-saber de seus interlocutores, sem precisar interpelá-los diretamente – os sujeitos construía cognitiva e afetivamente o sentido por meio do simbólico elaborado em contato com os seus mestres. Assim, Milton Erickson, já citado anteriormente, era notável por realizar suas induções ao transe hipnótico por meio de histórias, sejam elas metáforas ou alegorias, por sua grande capacidade de comunicar sentido (Neubern, 2021).

Os sujeitos chegavam à compreensão de temas muito profundos por meio de um processo construtivo, não de forma passiva, receptiva. Por isso que, em uma proposta peripatetismo, um dos caminhos é o da exploração das inúmeras possibilidades interpretativas que estão postas diante de uma situação ou questão problema.

González-Rey (2003), ao tratar da noção de saúde, define-a como “capacidade do sujeito de produzir novos sentidos ante seus conflitos” (p.239), e isso significa que este sujeito precisa aprender a explorar a multiplicidade de possibilidades interpretativas para suas questões de vida. Sendo assim, um método peripatetista é sistemicamente aberto, construtivo, interpretativo, polissêmico, e um psicólogo clínico deve se atentar à tarefa de criar um cenário para tal.

Muitas vezes os métodos tradicionais de psicoterapia operam na busca de um único elemento explicativo que dê sentido a tudo, pois estão calcados em um paradigma adepto de um certo realismo ontológico psíquico: como se o psicólogo fosse um explorador em busca da descoberta de um sentido, e não como se este fosse um dos construtores deste sentido.

Segundo nossa perspectiva, um mesmo fenômeno pode ser gerado por múltiplas causas, ou ainda, uma única causa pode gerar múltiplos efeitos, daí o **princípio da multicausalidade** (Morin, 2005a). Justamente pela existência deste princípio é que esta realidade pode ser acessada por múltiplos instrumentos, bem como atingir múltiplos ou diferentes níveis desta realidade. E também entender que diferentes sujeitos podem acessar diferentes níveis desta realidade, ou acessá-la por diferentes ângulos – assim sendo, há que se pensar nos **sujeitos que estão envolvidos na produção destes conhecimentos da/na clínica**.

O psicólogo pode se esforçar bastante para promover intervenções belas ou inspiradoras, pode julgar que está fazendo pontuações assertivas ou mesmo que está “se saindo bem”, e nada estar fazendo sentido para o cliente. Do contrário, às vezes uma mera interjeição ou frase espontânea, dita sem o menor sentido para o terapeuta, pode fazer completamente a diferença na vida do indivíduo: em última instância, por mais que o terapeuta planeje, ele nunca terá controle sobre a vida do cliente, ou sobre o destino que a relação terapêutica tomará.

É justamente essa compreensão que deve fazer com que o psicólogo reflita politicamente sobre as ideias e/ou fetiche de poder que ele possua, pois por mais que ele calcule ou planeje as suas sessões, sempre haverá a presença do imprevisto, do inesperado, da novidade, da incerteza, do caos.

A interpretação é um aspecto fundamental nesta proposta, pois, numa perspectiva Complexa, a realidade se apresenta por meio de múltiplos níveis de inteligibilidade. Costumo dizer que o ser humano é um grande texto a ser lido, em seu contexto e apesar de qualquer pretexto. Assim sendo, a psicologia é uma ciência imaneamente hermenêutica, ou seja, dotada de uma inata capacidade interpretativa.

A interpretação do terapeuta deve fazer sentido ao sujeito que está sendo “alvo” do processo analítico, pois muitas vezes a terapia acaba se convertendo em um processo de assujeitamento do cliente/paciente em prol de um suposto saber do terapeuta, que afirma as suas categorias aprioristicamente desenhadas e acabam por determinar o sentido alheio em uma espécie de violência epistemológica (Neubern, 2013).

Desta forma, o resultado da análise psicológica é um processo descritivo, explicativo e compreensivo negociado entre cliente/paciente e terapeuta, e justamente por isso, precisa passar por diversos momentos de negociação e interpretação numa dinâmica relacional, valorado por este primeiro (o cliente) como algo positivo para a sua vida.

Conclusão?

Neste trabalho procurei demonstrar não uma descrição completa, mas uma leitura possível daquilo que eu chamo de Peripatetismo: uma forma de fazer-fazendo a clínica psicológica. Todavia, não propus esta forma de fazer pesquisa com base em minhas impressões pessoais, mas pela articulação de um conjunto de princípios filosóficos baseados no Pensamento Complexo (Capítulo 3), com categorias psicológicas que observo e dialogo epistemologicamente há mais de 10 anos (Capítulo 4).

Defino nesta tese a noção de peripatetismo como um *método autogerativo que emerge no processo de interação entre os sujeitos na clínica psicológica, que parte de uma forma de pensamento filosófico específico que assume a complexidade como uma característica fundamental do real, é de caráter singular, relacional e busca estabelecer-se por meio de um conhecimento pertinente e coerente.*

O nome *peripatetismo*, especificamente, faz sentido em sua raiz etimológica, histórica e epistemológica: é um pensamento caminhante. Ou seja, parte da premissa que o próprio caminho trará os elementos que far-se-ão necessários à sua construção. Assim sendo, é um método de pesquisa que presa pela qualidade da informação que é construída, interpretada, traduzida no processo relacional entre sujeitos históricos específicos.

Diante de tantas escolas de pensamento, abordagens, teorias psicológicas, métodos e técnicas psicológicas, que partem de tradições epistemológicas, ontológicas e metodológicas distintas, cada uma advogando e militando politicamente para defenderem suas próprias bandeiras e quinhões, o que proponho é um método aberto, com categorias transversais, que foram elaborados a partir de reflexões transdisciplinares, pois tem como fundamento o imperativo de religar saberes que foram historicamente separados por um modelo reducionista e hiperespecializado de fazer ciência (Morin, 2000a).

Não busco com esta tese “fechar” ou “abrir” alguma questão; quero, na verdade, reorganizar o que já foi aberto! E justamente por entender que o Pensamento Complexo não é o pensamento completo (Morin, 1996a), não quero transformar esta tese em um conjunto de procedimentos reificados a serem seguidos, mas fazer como Morin (2013) ensina

O que adquirimos aqui são ideias-guias. A ideia de que todo conceito, toda teoria, todo conhecimento, toda ciência deve, de agora em diante, comportar dupla ou múltiplas entradas (física, biológica, antropossociológica), duplo foco (objeto/sujeito) e constituir um circuito. A ideia de que o fechamento não é uma amarra, mas uma transformação. A constituição de um campo novo de saber não se constitui abrindo as fronteiras, como acreditam os ingênuos, ele se constitui transformando aquilo que gera as fronteiras, ou seja, os princípios de organização do saber (p. 469).

Desta feita, busco a articulação de princípios para a construção de conhecimentos clínicos de uma forma indissociada da prática clínica, onde teórico e empírico coexistem qualitativamente, pois como afirma Morin (2013) “não é fora da práxis que um novo saber se constituirá, mas em uma metapráxis que será ainda uma práxis” (p. 469).

Assim, coloco em evidência que, como cada sujeito no processo terapêutico é singular e experimenta processos singulares, é constituído por múltiplas camadas de realidade, sendo um ente multicausado revela-se e, portanto, pode ser “lido” por múltiplas lentes interpretativas – é daqui que surgem e ainda surgirão inúmeras propostas teóricas para a psicologia., pois como defendo em minha dissertação de mestrado, a psicologia é uma policiência, ou seja, um sistema constituído por um conjunto de outros sistemas (ou subsistemas), e precisamos buscar metaponto de vista, metalinguagens, metateorias para religar os próprios saberes “internos” desta ciência.

É justamente por isso que a necessidade de religar saberes não é simplesmente religar saberes da psicologia com outras ciências, como a biologia, antropologia, economia, sociologia, etc., mas também entre si, com as próprias abordagens, em uma perspectiva diplomática, não canibalizante (ou seja, não tentando fazer com que uma abordagem engula outra), apontando as semelhanças e dessemelhanças, pontos de encontros e de desencontros entre propostas teóricas, com um sólido arcabouço teórico-filosófico de fundo.

Justamente por entender que o Pensamento Complexo apresentado por Edgar Morin não é uma tentativa de competir com conhecimentos já estabelecidos, ou uma “nova abordagem”, mas uma forma de pensamento que busca entender as diferenças, respeitar as divergências e religar saberes, em uma perspectiva de pertinência e coerência (Morin, 2000a).

Após finalizado este trabalho, fica claro que inconscientemente (de forma intuitiva, como propus) havia em mim uma questão disparadora para este trabalho: “Se o método ou a técnica emergem da relação terapêutica, por meio de qual(is) processo(s) isso acontece?”. Primeiramente eu havia pensado a ideia de investigar como isso acontecia na clínica psicológica de forma transdisciplinar, sob a ótica da eficácia. Hoje percebo que, mesmo que seja muito importante o tema da eficácia terapêutica, não partilho da ideia da eficácia como um resultado de um processo quase que “industrial”.

A análise da eficácia dos processos terapêuticos é importante na psicologia, e como já pontuamos anteriormente neste trabalho, vários autores já se dedicaram ao tema, em um projeto que me parecerá eterno (Luborsky, Singer, & Luborsky, 1975; Lambert & Barley, 2002; DeRubeis, Brotman, & Gibbons, 2006), na medida em que o cartório das abordagens em psicologia moderna parece estar fazendo hora extra para expedir novas certidões de nascimento.

Entendi ao final deste trabalho que ele caminhou não para encontrar uma fórmula mágica, técnica ou um elixir da eficácia terapêutica (afinal de contas, todo terapeuta parece “fracassar” em algo, às vezes), mas numa leitura possível sobre como se desdobram os processos clínicos numa proposta de encontro complexa entre dois sujeitos na clínica.

Assim sendo, não quero propor algo revolucionário, pelo contrário, estou buscando um ponto evolucionário, na tentativa de caminhar um pouco mais na compreensão de como a clínica psicológica é um constante ato de pesquisa qualitativa.

Mas destaco alguns...

Pontos originais desta pesquisa:

Este trabalho traz diversos pontos originais, a despeito de sua tese central, os quais eu posso citar: **uma forma de fazer pesquisa teórico-conceitual e bibliográfica não-estruturada**, apontando por meio de um **diário de pesquisa como instrumento**, uma alternativa para aqueles pesquisadores que buscam uma fonte criativa e complexa de fazer pesquisa teórica e conceitual, em contraposição aos modelos que advogam pela ideia de rigor não como sinônimo de coerência teórico-filosófica, mas como rigidez procedimental, em uma postura metodolátrica ou fetichista, já amplamente criticadas na história da psicologia (Danziger, 2002; Koch, 1981). Assim sendo, este trabalho difere das propostas bibliométricas que buscam sistematizar ou propor um “Estado da Arte” na era da hiperconexão e da hiperinformação.

Esteticamente falando, este trabalho também inova ao **expressar não apenas o pensamento, mas também as emoções do pesquisador**, seus dilemas, dificuldades pessoais, profissionais ou acadêmicas, no sentido de situar o sujeito do conhecimento, em

seus momentos e processo de construção de ideias que emergem em sua vida. Conforme já dito, inspirado nos diários de Morin (2012a; 2012b; 2012c), situando a obra na vida do autor, e registrando em primeira pessoa do singular, transpondo o véu da neutralidade advogada por perspectivas positivistas, que se expressam, inclusive na escrita.

No empreendimento de situar a problemática metodológica anterior à tese deste trabalho, trago **definições fundamentais e gerais sobre os conceitos de psicologia clínica e abordagem para o campo da clínica como uma especialidade**. Conceitos amplamente utilizados, mas aparentemente não definidos de forma suficientemente precisa na atual literatura introdutória da psicologia em língua portuguesa (Figueiredo, 2014; Bock, Furtado, & Teixeira, 2018; Cordioli & Grevet, 2019).

Este trabalho também traz uma **breve, porém importante e precisa síntese sobre a história da psicologia clínica**, bem como pontua os problemas teóricos que surgiram desta história. Esta sessão da obra, por sua vez, já é um passo importante na construção de uma perspectiva histórica metateórica da clínica psicológica, na medida em que não tenta explicar ou não sistematiza o processo histórico desta por meio da biografia das abordagens, como podemos ver em obras do tipo (Jacó-Vilela, Ferreira, & Portugal, 2013).

O trabalho em questão também **amplia a noção de peripatetismo**, visto originalmente apenas como uma escola de pensamento filosófica proposta por Aristóteles, e posteriormente como um modelo de clínica itinerante, na perspectiva dos consultórios de rua, para uma noção de “método que se faz fazendo”. E neste escopo, demonstra também que o **método e as técnicas na clínica psicológica são emergências da relação terapêutica entre os sujeitos da clínica psicológica**.

Também traz **a importante sistematização dos princípios operadores do Pensamento Complexo**, que estão, via de regras, espalhados por várias obras de Edgar Morin (1996a; 1996b; 2000a; 2000b; 2003; 2005a; 2011a; 2011b; 2012d; 2013; 2015a; 2015b), podendo ajudar novos pesquisadores a situarem as ideias de forma mais tópica.

Na articulação dos processos do peripatetismo, **aponta que a clínica psicológica também é uma atividade intuitiva**, demonstrando que intuição não se trata de um tipo de *insight* místico, mas de um processo inconsciente e sensório-motor que, presente na vida de todo e qualquer humano, também acontece na clínica psicológica e, portanto, deve ser considerado. Neste ponto, especificamente, estabeleço o início de um diálogo entre Freud, Ratner, Bergson e Piaget, que merece ser aprofundado posteriormente.

Sobre a tese deste trabalho

Apresenta a noção de que em Psicologia Clínica, em uma perspectiva do Pensamento Complexo, o método se faz no caminho, é *in vivo*, parte da articulação das ideias de um pesquisador implicado no processo, um sujeito diante de outro sujeito operando os devires e emergências de uma relação terapêutica.

Nesta perspectiva, cada caso clínico é uma pesquisa em si, e se torna impossível equalizar as vicissitudes dos processos individuais em “métodos universais” – cada método clínico corresponde a uma relação específica.

Este trabalho não almeja demolir técnicas ou métodos clínicos anteriormente elaborados por nenhuma abordagem, mas indicar que estas só fazem sentido na medida em que são demandas por cada relação específica.

O método clínico é uma emergência da relação terapêutica, e tentei demonstrar a forma como isso ocorre, quais processos e princípios são articulados para que ele ocorra.

Importância desta Tese

Porque ela aponta a **tensão entre a liberdade de fazer pesquisa qualitativa com a articulação firme com os princípios** propostos por uma escola de pensamento filosófico bem definida, que é o Pensamento Complexo.

Esta tese faz uma **leitura de processos possíveis que ocorrem na clínica psicológica**, fazendo interlocuções entre várias escolas de pensamento, apontando para a necessidade e possibilidade de pensar a **clínica psicológica também como um campo teórico transdisciplinar**, provendo definições conceituais transversais às abordagens, ou seja: **definir o campo da psicologia clínica** com uma linguagem diplomática, que passe pelo viés de abordagem.

Isto posto, convém ressaltar, novamente, que o Pensamento Complexo não é e nem busca ser uma abordagem psicológica, ele é um metaponto de vista sobre a psicologia, podendo-se chegar a ele por diversas vias, dialogando com a proposta de Morin.

Limitações desta pesquisa

Reconhecidamente, como disse Morin (1996a) “o pensamento complexo não é o pensamento completo; pelo contrário, sabe de antemão que sempre há incerteza” (p. 285); então, esta pesquisa é **limitada por sua natureza**.

Outro elemento limitador desta pesquisa é o **próprio pesquisador**: um jovem brasileiro de 31 anos, do centro-oeste de uma economia emergente, com uma cosmovisão própria, que habita há 220 quilômetros da universidade onde cursou seu doutorado no meio de uma pandemia, com as limitações tecnológicas e financeiras de se fazer pesquisa

sem financiamento (e usando os próprios recursos), cuidando de uma criança pequena, sustentando uma família, clinicando de segunda a sexta-feira, ministrando aulas aos sábados, domingos não apenas em Goiânia, mas em outras cidades do Brasil.

Com uma sinceridade daquelas que não se vê usualmente na academia, talvez eu faça ideia de algumas das limitações que eu possua enquanto pesquisador, das outras, acredito que, justamente por estarem fora do meu horizonte intelectual, não as saiba nomear, e que vá precisar de um precioso tempo para percebê-las, ou talvez nunca as perceba – isso eu chamo de **limitações psicológicas ou de consciência**.

Se um pesquisador soubesse de todas as limitações do seu trabalho, talvez as corrigisse sem precisar nomeá-las, então creio que isto será um ponto-cego deste trabalho. Exceto as questões que são genéricas de quase todas as pesquisas: faltou tempo! Tempo, precioso recurso que raramente é suficiente para viver, amar, trabalhar, sentir, produzir intelectualmente. Então, há **limitação cronológica** evidente, e esta precisa ser nomeada.

Outra limitação que posso nomear é a **limitação da escolha**, na medida em que optar por uma estratégia de pesquisa me priva automaticamente de outra. Desta feita, optei pela estratégia de articular conceitos de forma sólida, porém horizontal, e entendo que cada um destes demandaria uma tese específica para que sua riqueza de detalhes (verticalidade) fosse melhor explorada. Ressalto, todavia, que horizontalidade não significa falta de profundidade, na medida em que os conceitos articulados neste trabalho se encontram corretamente referenciados e articulados com uma proposta teórica sólida, o Pensamento Complexo.

Pesquisas futuras

Entendo que esta pesquisa planta sementes importantes sobre o Pensamento Complexo na metodologia da clínica psicológica, enquanto campo de especialidade. Justamente por ser uma pesquisa teórico-conceitual, entendo que serão necessárias pesquisas futuras para **aprofundar as noções sobre os conceitos** que aqui estão articulados, ampliando-as ou aprofundando-as.

Empreendo leituras de processos clínicos cujos conceitos são historicamente concebidos na psicologia clínica, sob diversas escolas de pensamento, e especificamente no Brasil, encontramos autores que trabalham alguns estes conceitos à luz do Pensamento Complexo, como Martínez e colaboradores (Martínez, 1997; Muniz, Ferreira, Lima, & Martínez, 2020) que trabalham sobre a temática da criatividade; Neubern (2020a; 2017) que trabalha a temática da hipnose, comunicação e semiótica numa interlocução entre o pragmatismo de Peirce, o Pensamento Complexo de Edgar Morin e os trabalhos de Milton Erickson. Todavia, levando em consideração os processos elencados neste trabalho, ainda há muita pesquisa a se desenvolver para elaborar os temas propostos à luz de nossa filosofia de base.

E ressalto a importância de pesquisas, **tanto teórico-conceituais, como empíricas**, na medida em que ambas são diferentes momentos/aspectos da produção científica em psicologia, e, portanto, necessárias.

Também penso que será importante que novas e futuras pesquisas clínicas com humanos sejam empreendidas no sentido de ilustrar como o conceito de peripatetismo como método tem seu valor heurístico para a psicologia.

Por fim...

Conforme afirmou Morin (2013)

Podemos prever que uma ciência que traz possibilidades de autoconhecimento, que se abre para a solidariedade cósmica, que não desintegra o aspecto dos setes e dos existentes, que reconhece o mistério em todas as coisas, poderia propor um princípio de ação que não ordena, mas organiza, não manipula, mas comunica, não dirige, mas anima (p. 470).

Este é o espírito da psicologia que estamos propondo.

Referências

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de Filosofia* (7ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Abib, J. A. (1999). Behaviorismo radical e discurso pós-moderno. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(3), pp. 237-247. doi:10.1590/S0102-37721999000300007
- Abreu, J. L. (2006). A educação física e moral dos corpos: Francisco de Mello Franco e a medicina luso-brasileira em fins do século XVIII. *Estudos Ibero-Americanos*, 32(2), pp. 65-84. doi:10.15448/1980-864X.2006.2.1357
- Almeida, R. M. (2015). A relação fé e ciência no século XIII e o papel das universidades. *Reflexão*, 40(2), pp. 179-191. doi:10.24220/2447-6803v40n2a3296
- Araujo, S. F. (2009). Wilhelm Wundt e a fundação do primeiro centro internacional de formação de psicólogos. *Temas em Psicologia*, 17(1), pp. 9-14.
- Araújo, S. F. (2021). O nome e a coisa: as origens da psicologia como ciência. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 21(3), pp. 1220-1248. doi:10.12957/epp.2021.62739
- Araújo, S. M. (2007). Dilthey e a hermenêutica da vida. *Cadernos de Educação*(28), pp. 235-254.
- Aristóteles. (2012). *De Anima* (2ª ed.). (M. C. Reis, Trad.) São Paulo: Editora 34.
- Aristóteles. (2012). *Metafísica*. São Paulo: Edipro.
- Barreto, C. C., Becker, E. S., & Ghisleni, T. S. (2019). Gamificação: uma prática da educação 3.0. *Research, society and development*, 8(4), p. e984942. doi:10.33448/rsd-v8i4.942
- Bastos, F. I. (2010). “Anything goes”?: o diálogo implícito de Paul Feyerabend com dois pesquisadores brasileiros, Maurício da Rocha e Silva e Newton Freire-Maia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 17(1), pp. 141-152. doi:10.1590/S0104-59702010000100009
- Baum, C., & Kroeff, R. F. (2018). Enação: conceitos introdutórios e contribuições contemporâneas. *Revista Polis e Psique*, 8(2), pp. 207-236.
- Bergson, H. (1974). *Introdução à metafísica*. São Paulo: Abril Cultural.
- Bergson, H. (2005). *A evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bergson, H. (2010). *Matéria e Memória*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Bergson, H. (2020). *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. São Paulo: Edipro.
- Bíblia de Estudo Arqueológica - NVI*. (2013). São Paulo: Vida.
- Bock, A. B., Furtado, O., & Teixeira, M. T. (2018). *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia* (15ª ed.). São Paulo: Saraiva.

- Borges, S. A., & Duarte, M. O. (2017). Surfando no controle: os lugares que os agentes comunitários ocupam na produção de saúde mental. *Saúde em Debate*, 41(114), pp. 920-931. doi:10.1590/0103-1104201711420
- Boto, C. (2010). A dimensão iluminista da reforma pombalina dos estudos: das primeiras letras à universidade. *Revista Brasileira de Educação*, 15(44), pp. 282-299. doi:10.1590/S1413-24782010000200006
- Braid, J. (1843). *Neurypnology or the rationale of nervous sleep considered in relation with animal magnetism*. London: J. Churchill.
- Brown, H. D. (1994). *Principles of language learning and teaching*. Prentice-Hall: Anglewood Cliffs.
- Buber, M. (1974). *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro.
- Cambi, F. (1999). *História da pedagogia*. São Paulo: Editora UNESP.
- Campigoto, J. A. (2003). Interpretação de textos, de histórias e de intérprete. *Revista Brasileira de História*, 23(46), pp. 229-252.
- Carvalho, C. O. (2020). A Universidade que aprisiona e a leitura que liberta em O desertor, de Manuel Inácio da Silva Alvarenga. *Literatura: teoria, historia, crítica*, 22(2), pp. 153-188. doi:10.15446/lthc.v22n2.86092
- Carvalho, M. N., & Franco, T. B. (2015). Cartografia dos caminhos de um usuário de serviços de saúde mental: produção de si e da cidade para desinstitucionalizar. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 25(3), pp. 863-884. doi:10.1590/S0103-73312015000300010
- Cialdini, R. B., Green, B. L., & Rusch, A. J. (1992). When Tactical Pronouncements of Change Become Real Change: the case of reciprocal persuasion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(1), pp. 30-40.
- Cialdini, R. B., Vincent, J. E., Lewis, S. K., Catalan, J., Wheeler, D., & Darby, B. L. (1975). Reciprocal concessions procedure for inducing compliance: The door-in-the-face technique. *Journal of Personality and Social Psychology*, 31(1), pp. 206-215. doi:10.1037/h0076284
- Cid, R. R. (2013). As leis da natureza e os casos de Tooley. *Manuscrito*, 36(1), pp. 67-101. doi:10.1590/S0100-60452013000100003
- Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. (1998). *Psicanalistas que falam – Entrevista com Antônio Lancetti*. Acesso em 09 de janeiro de 2023, disponível em Conselho Regional de Psicologia de São Paulo: https://esquerdadiario.org/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=11647
- Conselho Regional de Psicologia do Paraná. (2016). *Antonio Lancetti, grande nome da Reforma Psiquiátrica, morre aos 67 anos*. Acesso em 09 de janeiro de 2023, disponível em Conselho Regional de Psicologia do Paraná: <https://crppr.org.br/antonio-lancetti-grande-nome-da-reforma-psiquiatrica-morre-aos-67-anos/>

- Cordioli, A. V., & Grevet, E. H. (2008). *Psicoterapia: abordagens atuais*. Porto Alegre: Artmed.
- Cordioli, A. V., & Grevet, E. H. (2019). *Psicoterapias: abordagens atuais* (4ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Crespo, A. A., & Gurovitz, E. (2002). A pobreza como um fenômeno multidimensional. *Revista de Administração de Empresas - Eletrônica*, 1, pp. 1-12.
- Creswell, J. C. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Danziger, K. (1997). *Naming the mind: how psychology found its language*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Danziger, K. (2002). *Constructing the subject: historical origins of psychological research*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Deleuze, G., & Guatarri, F. (1995). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- DeRubeis, R. J., Brotman, M. A., & Gibbons, C. J. (2005). A conceptual and methodological analysis of the nonspecific argument. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 12(2), pp. 174-183. doi:10.1093/clipsy/bpi022
- DeRubeis, R. J., Brotman, M. A., & Gibbons, C. J. (2006). A conceptual and methodological analysis of the nonspecifics arguments. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 12(2), 174-183. doi:10.1093/clipsy.bpi022
- Descartes, R. (2005). *Meditações metafísicas*. (H. Santiago, & M. E. Galvão, Trans.) São Paulo: Martins Fontes.
- Dewey, J. (2007). O desenvolvimento do pragmatismo americano. *Scientiae Studia*, 5(2), pp. 227-243. doi:10.1590/S1678-31662007000200006
- Earp, B. D., & Trafimow, D. (2015). Replication, falsification, and the crisis of confidence in social psychology. *Frontiers in Psychology*, 6. doi:10.3389/fpsyg.2015.00621
- Erickson, M. H. (1958). Naturalistic techniques of hypnosis. *American Journal of Clinical Hypnosis*, 51(4), pp. 333-340.
- Erickson, M. H. (1980). *The collected papers of Milton H. Erickson on Hypnosis - Vol. 1*. New York: Irvingtdn publishers.
- Erickson, M. H., & Rosen, S. (1982). *My Voice Will Go with You: The Teaching Tales of Milton H. Erickson*. New York: W. W. Norton & Company.
- Erickson, M. H., & Rossi, E. L. (1979). *Hypnotherapy: an exploratory casebook*. New Jersey: John Wiley & Sons Inc .
- Farr, R. M. (2010). *Raízes da psicologia social moderna (1872 - 1954)* (11ª ed.). Petrópolis: Vozes.

- Fernandes, M., Figueiredo, R., Bastos, S., Rosa, T. E., Morais, M. L., Feffermann, M., & Venancio, S. I. (2011). Desafios e perspectivas do SUS na Saúde Mental e as suas ocorrências em álcool e drogas: uma análise qualitativa. *Saúde em Debate*, 35(89), pp. 228-238.
- Ferreira, A. A. (2007). A diferença que nos une: o múltiplo surgimento da psicologia. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*, 19(2), pp. 495-500. doi:10.1590/S0104-80232007000200019
- Ferreira, A. A. (2008). Um território fronteiro: a constituição histórica do campo psicológico como espaço híbrido de transdisciplinaridade radical. *Revista Universidade Rural - Série Ciências Humanas*, 30(1), pp. 1-16.
- Ferreira, J. P., & Prado, M. (2010). Diálogos: o Twitter e o peripatético. *MATRIZES*, 3(2), pp. 153-167. doi:10.11606/issn.1982-8160.v3i2p153-167
- Figueiredo, L. C. (2014). *Matrizes do Pensamento Psicológico* (20ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Foschesatto, W. P. (2011). A cura pela fala. *Estudos de Psicanálise*(36), pp. 165-171.
- Foucault, M. (2000). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (8ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Frankl, V. E. (1985). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes.
- Freire, E. C., Araujo, F. A., Souza, A. C., & Marques, D. (2013). A clínica em movimento na saúde de TTTs: caminho para materialização do sus entre travestis, transsexuais e transgêneros. *Saúde em Debate*, 37(98), pp. 477-484.
- Freitas, M. H. (1998). Avaliação da produção científica: considerações sobre alguns critérios. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2(3), pp. 211-228. doi:10.1590/S1413-85571998000300002
- Freud, S. (1996a). A interpretação dos sonhos. Em S. Freud, *Obras Completas de Freud* (Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996b). Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Em S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago.
- Fróes, H. (2018). *Bergson em defesa do inconsciente: uma leitura de matéria e memória*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Furley, D. J. (07 de março de 2016). *Oxford Classical Dictionary*. doi:10.1093/acrefore/9780199381135.013.4870
- Gadamer, H. G. (2015). *Verdade e Método 1: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (15ª ed.). (F. P. Meurer, Trad.) Petrópolis: Vozes.
- Gimenez, A. N., & Bonacelli, M. M. (2018). A universidade e os processos de geração, transmissão e disseminação do conhecimento: um estudo sobre os determinantes

das interações com atores externos. *Revista Tecnologia e Sociedade*, 14(33), pp. 31-51. doi:10.3895/rts.v14n33.6891

- Glassman, W. E., & Hadad, M. (2009). *Approaches to psychology*. London: McGraw-Hill.
- Goldstein, K. (2000). *The organism*. New York: Zone Books.
- Gomes, W. B., & Castro, T. G. (2010). Clínica fenomenológica: do método de pesquisa para a prática psicoterapêutica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(spe), pp. 81-93. doi:10.1590/S0102-37722010000500007
- Gonçalves, L. L., & Barros, R. D. (2013). Função de publicização do acompanhamento terapêutico: a produção do comum na clínica. *Psicologia & Sociedade*, 25(spe), pp. 108-116. doi:10.1590/S0102-71822013000600014
- González-Rey, F. L. (1997). *Epistemología Cualitativa y Subjetividad*. São Paulo: EDUC.
- González-Rey, F. L. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- González-Rey, F. L. (2003). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson Learning.
- González-Rey, F. L. (2004). *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. Petrópolis: Vozes.
- González-Rey, F. L. (2005a). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Cengage Learning.
- González-Rey, F. L. (2005b). O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. Em F. L. González-Rey, *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia* (pp. 27-51). São Paulo: Thomson.
- González-Rey, F. L. (2007). *Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson Learning.
- González-Rey, F. L. (2010). *O pensamento de Vigotsky: contradições, desdobramentos e desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec.
- González-Rey, F. L. (2011a). O enfoque histórico-cultural e o seu enfoque para a psicologia clínica: uma reflexão. Em A. M. Bock, M. M. Gonçalves, & O. Furtado, *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (5ª ed., pp. 193-214). São Paulo: Cortez.
- González-Rey, F. L. (2011b). Sentidos subjetivos, language y sujeto: avanzando en una perspectiva postracionalista en psicoterapia. *Rivista di Psichiatria*, 46(5-6), pp. 310-314.
- González-Rey, F. L. (2014). Ideias e modelos teóricos na Pesquisa Construtivo-Interpretativa. Em A. M. Martínez, M. S. Neubern, & V. D. Mori, *Subjetividade contemporânea: discussões epistemológicas e metodológicas* (pp. 13-34). Campinas: Alínea.

- González-Rey, F. L. (2017). *Subjetividade: epistemologia, teoria e método*. Campinas: Alínea.
- González-Rey, F. L., & Martínez, A. M. (2017). *Subjetividade: teoria, epistemologia e método*. Campinas: Alínea.
- Grazzinell, G. G. (2014). A vida de Eurípides de Sático. *Classica - Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, 27(2), pp. 147-170. doi:10.24277/classica.v27i2.314
- Guimarães, M. B. (2005). Intuição, pensamento e ação na clínica. *Interfaces*, 9(17), pp. 317-332. doi:10.1590/S1414-32832005000200008
- Heck, J., & Giorgiou, I. (2019). Cartografia estrutural para revisão de literatura: revelando a estrutura subjacente de uma literatura por meio de um atlas bibliográfico. *Revista de Administração de Empresas*, 59(2), pp. 121-143. doi:10.1590/S0034-759020190205
- Hilgard, E. R. (1987). *Psychology in America: A historical survey*. Orlando: Hartcourt, Brace Jovanovich.
- Jacó-Vilela, A., Ferreira, A. A., & Portugal, F. (2013). *História da psicologia: rumos e percursos* (3ª ed.). Rio de Janeiro: NAU.
- Japiassú, H. (1975). *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Japiassú, H., & Marcondes, D. (2006). *Dicionário Básico de Filosofia* (4ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Kant, I. (2001). *Crítica da razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kanumar, A. T. (2014). Autonomia, cooperativismo e autogestão em Freinet: fundamentos de uma pedagogia solidária internacional. *Educação e Pesquisa*, 40(3), pp. 767-781. doi:10.1590/S1517-97022014005000007
- Keeney, B. P. (1995). *A improvisação em psicoterapia: um guia para estratégias clínicas criativas*. Campinas: Editorial Psy.
- Koch, S. (1981). The nature and limits of psychological knowledge: lessons of a century qua "science". *American Psychologist*, 36(3), pp. 257-269. doi:10.1037/0003-066X.36.3.257
- Kuhn, T. S. (1998). *A estrutura das revoluções científicas* (5ª ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Laércio, D. (2020). *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres - livro VII - Estoicos*. (L. Jakobsmuschel, Trad.) São Paulo: Montecristo.
- Lambert, M. J., & Barley, D. E. (2002). Research summary on the therapeutic relationship and psychotherapy outcome. Em J. C. Norcross, *Psychotherapy relationships that work: Therapist contributions and responsiveness to patients* (pp. 17-32). Oxford: Oxford University Press.
- Lancetti, A. (2006). *Clínica peripatética*. São Paulo: Hucitec.

- Lancetti, A. (2008). *A clínica peripatética* (3ª ed.). São Paulo: Hucitec.
- Lane, S. T. (1989). A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. Em S. M. Lane, & W. Codo, *Psicologia Social: o homem em movimento* (pp. 10-19). São Paulo: Brasiliense.
- Lane, S. T., & Codo, W. (1989). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- Laurenti, C., Lopes, C. E., & Araujo, S. F. (2016). *Pesquisa teórica em psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos*. São Paulo: Hogrefe CETEPP.
- Lecourt, D. (2005). A cientificidade. Em E. Morin, *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. (F. Nascimento, Trad., 5ª ed., pp. 521-527). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Lemke, R. A., & Silva, R. A. (2011). Um estudo sobre a itinerância como estratégia de cuidado no contexto das políticas públicas de saúde no Brasil. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 21(3), pp. 979-1004. doi:10.1590/S0103-73312011000300012
- Lenoir, F. (2012). *Sócrates, Jesus, Buda: três mestres de vida*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Lenoir, F. (2012). *Sócrates, Jesus, Buda: três mestres de vida*. (V. L. Reis, Trad.) Rio de Janeiro: Objetiva.
- Lima, M. G., Costa, C. J., & Menezes, S. L. (2019). Antonio Nunes Ribeiro Sanches e as propostas de reforma do ensino em Portugal no século XVIII: análise das Cartas sobre a Educação da Mocidade (1760). *Revista Exitus*, 9(1), pp. 286-314. doi:10.24065/2237-9460.2019v9n1ID724
- Lima, P. G., Castro, F., & Carvalho, M. V. (2000). Caminhos da universidade rumo ao século XXI: pontos e estratégias para a sua orientação na visão de educadores brasileiros. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 10(18), pp. 8-27. doi:10.1590/S0103-863X2000000100002
- Lima, S. C. (2014). Reflexões sobre tradução no De finibus de Cícero e a refutação do pensamento estoico. *Classica - Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, 27(2), pp. 79-94. doi:10.24277/classica.v27i2.248
- Lima, T. S., & Miotto, R. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Katálysis*, 10(spe), pp. 37-45. doi:10.1590/S1414-49802007000300004
- Loureiro, I. (2005). Luzes e sombras. Freud e o advento da psicanálise. Em A. Jacó-Vilela, A. A. Ferreira, & F. Portugal, *História da Psicologia: rumos e percursos* (pp. 371-386). Rio de Janeiro: NAU.
- Luborsky, L., Singer, B., & Luborsky, L. (1975). Comparative studies of psychotherapies. Is it true that "everywon has one and all must have prizes"? *Archives of General Psychiatry*, 32(8), pp. 995-1008. doi:10.1001/archpsyc.1975.01760260059004

- Luborsky, L., Singer, B., & Luborsky, L. (1975). Comparative Studies of Psychotherapies: Is It True That "Everyone Has Won and All Must Have Prizes"? *JAMA Psychiatry*, 32(8), 995-1008. doi:10.1001/archpsyc.1975.01760260059004
- Maas, W. P. (2010). Hermenêutica e anti-hermenêutica. Friedrich. *Pandemonium Germanicum*(15), pp. 18-36. doi:10.1590/S1982-88372010000100003
- Makel, M. C., Plucker, J. A., & Hegarty, B. (2012). Replications in psychology research: How often do they really occur? *Perspectives on Psychological Science*, 7(6), pp. 537-542. doi:10.1177/1745691612460688
- Manacorda, M. A. (1989). *História da educação: da antiguidade aos nossos dias* (2ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Marcus, D. K., O'Connell, D., Norris, A. L., & Sawaqdeh, A. (2014). Is the Dodo bird endangered in the 21st century? A meta-analysis of treatment comparison studies. *Clinical Psychology Review*, 34(7), pp. 519-530. doi:10.1016/j.cpr.2014.08.001
- Martínez, A. M. (1997). *Criatividade, personalidade e educação*. Campinas: Papyrus.
- Martínez, A. M. (2005). A Teoria da Subjetividade de González Rey: uma expressão do paradigma da Complexidade na psicologia. Em F. L. González-Rey, *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia* (pp. 1-26). São Paulo: Pioneira Thomsom Learning.
- Martínez, A. M., González-Rey, F. L., & Puentes, R. V. (2019). *Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: discussões sobre educação e saúde*. Uberlândia: EDUFU.
- Martins-Borges, L., Lodetti, M. B., Jibrin, M., & Pocreau, J. (2019). Inflexões epistemológicas: a etnopsiquiatria. *Fractal, Revista de Psicologia*, 31(spe), pp. 249-255. doi:10.22409/1984-0292/v31i_esp/29001
- Martins-Borges, L., Lodetti, M. B., Jibrin, M., & Pocreau, J.-B. (2019). Inflexões epistemológicas: a Etnopsiquiatria. *Fractal: Revista de Psicologia*, 31(spe), pp. 249-255. doi:10.22409/1984-0292/v31i_esp/29001
- Massimi, M. (2008). Estudos históricos acerca da psicologia brasileira. Em R. H. Freitas, *História da psicologia: pesquisa, formação, ensino [online]* (pp. 69-83). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Maturana, H. R., & Varela, F. G. (1995). *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento humano*. Campinas: Editorial Psy II.
- Merelau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Merton, R. K. (1948). The self-fulfilling prophecy. *The Antioch Review*, 8(2), pp. 193-210.

- Moraes, M. C., & Valente, J. A. (2008). *Como pesquisar em educação a partir da Complexidade e da transdisciplinaridade*. São Paulo: Paulus.
- Moreira, J. O., Romagnoli, R. C., & Neves, E. O. (2007). O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(4), pp. 608-321. doi:10.1590/S1414-98932007000400004
- Moreno, J. L. (1959). *Sociodrama and education of the emotions*. Boston: Beacon House.
- Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama: fundamentos*. São Paulo: Cultrix.
- Moreno, J. L. (2003). *Psicodrama* (9ª ed.). São Paulo: Cultrix.
- Moreno, J. L., & Moreno, Z. T. (2014). *Fundamentos do Psicodrama*. São Paulo: Summus.
- Morin, E. (1996a). Epistemologia da Complexidade. Em D. F. Schnitman, *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 274-286). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morin, E. (1996a). Epistemologia da Complexidade. Em D. F. Schnitman, *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 274-286). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morin, E. (1996b). A noção de sujeito. Em D. F. Schnitman, *Novos paradigmas, cultura e subjetividade* (pp. 45-55). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morin, E. (1997). *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Imago.
- Morin, E. (2000a). *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (2ª ed.). São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO.
- Morin, E. (2000b). *Meus demônios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2003). *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (8ª ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2005a). *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2005b). Os desafios da complexidade. Em E. Morin, *A religião dos saberes: o desafio do século XXI* (F. Nascimento, Trad., 5ª ed., pp. 559-567). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2005c). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2008). *Amor, poesia, sabedoria*. (E. d. Carvalho, Trad.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2009). *O ano zero da Alemanha*. Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2010). *Meu caminho: entrevistas com Djénane Kareh Tager*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2011a). *O método 4: as ideias, habitat, vida, costumes, organização* (6ª ed.). (J. M. Silva, Trad.) Porto Alegre: Sulina.

- Morin, E. (2011b). *O método 6: ética* (4ª ed.). (J. M. Silva, Trad.) Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2011c). Para um pensamento do Sul. Em SESC-SP, *Para um pensamento do Sul: diálogos com Edgar Morin* (pp. 8-21). São Paulo: Edições SESC-SP.
- Morin, E. (2012a). *Diário da Califórnia*. São Paulo: SESC-SP.
- Morin, E. (2012b). *Um ano sísifo*. São Paulo: SESC-SP.
- Morin, E. (2012c). *Chorar, amar, rir, compreender*. São Paulo: SESC-SP.
- Morin, E. (2012d). *O método 5: a humanidade da humanidade* (5ª ed.). (J. M. Silva, Trad.) Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2013). *O método 1: a natureza da natureza* (3ª ed.). (I. Heineberg, Trad.) Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2014a). *Meus filósofos* (2ª ed.). Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2015a). *O método 2: a vida da vida* (5ª ed.). (M. Lobo, S. Ceré, & d. T. Tschiedel, Trans.) Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2015b). *O método 3: o conhecimento do conhecimento* (5ª ed.). (J. M. Silva, Trad.) Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2015c). *Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação*. Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2021). *Edgar Morin: lições de um século de vida*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E., & Kern, B. (2003). *Terra Pátria*. Porto Alegre: Sulina.
- Mota, R. (2014). O noûs aristotélico-tomista. *Griot: Revista de Filosofia do Centro de Formação de Professores da UFRB*, 9(1), pp. 191-209.
doi:10.31977/grirfi.v9i1.590
- Mülberger, A. (2012). Wundt contested: The first crisis declaration in psychology. *Studies in History and Philosophy of Science Part C: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, 43(2), pp. 434-444.
doi:10.1016/j.shpsc.2011.11.002
- Muniz, L. S., Ferreira, J. M., Lima, L. R., & Martínez, A. M. (2020). *Aprendizagem e trabalho pedagógico: criatividade e inovação em foco*. Uberlândia: EDUFU.
- Nasa. (05 de março de 2023). *Earth Fact Sheet*. Fonte: Nasa:
<https://nssdc.gsfc.nasa.gov/planetary/factsheet/earthfact.html>
- Neto, O. D., & Féres-Carneiro, T. (2005). Eficácia psicoterapêutica: Terapia de família e o efeito "Dodô". *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 10(3), pp. 355-361.
doi:10.1590/S1413-294X2005000300003
- Neubern, M. S. (2001). Três obstáculos epistemológicos para o reconhecimento da subjetividade na psicologia clínica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 1, pp. 241-252. doi:10.1590/S0102-79722001000100020

- Neubern, M. S. (2002). Milton H. Erickson e o Cavalo de Tróia: a terapia não convencional no cenário da crise dos paradigmas em psicologia clínica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(2), pp. 363-372. doi:10.1590/S0102-79722002000200013
- Neubern, M. S. (2004). *Complexidade e Psicologia Clínica: desafios epistemológicos*. Brasília: Plano.
- Neubern, M. S. (2006). Hipnose e psicologia clínica: retomando a história não contada. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), pp. 346-354. doi:10.1590/S0102-79722006000300002
- Neubern, M. S. (2007). Sobre a condenação do magnetismo animal: revisitando a história da psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(3), pp. 347-356. doi:10.1590/S0102-37722007000300015
- Neubern, M. S. (2008). Reflexões sobre o magnetismo animal: contribuições para revisão da história da psicologia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(3), pp. 439-448. doi:10.1590/S0103-166X2008000300012
- Neubern, M. S. (2009). Hipnose e dor: origem e tradição clínicas. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 14(2), pp. 105-111. doi:10.1590/S1413-294X2009000200003
- Neubern, M. S. (2013). *Psicoterapia e espiritualidade*. Belo Horizonte: Diamante.
- Neubern, M. S. (2017). Iconicidade como possibilida de pesquisa qualitativa da hipnose. *Psicologia em Estudo*, 22(4), pp. 505-515. doi:10.4025/psicoestud.v22i4.37020
- Neubern, M. S. (2018a). *Hipnose, dores crônicas e Complexidade: técnicas avançadas*. Brasília: Editora UnB.
- Neubern, M. S. (2018b). Etnopsicologia, Hipnose e Espiritualidade no Brasil: Breve Ensaio. Em M. S. Neubern, *Clínicas do Transe - Etnopsicologia, Hipnose e Espiritualidade no Brasil* (pp. 19-48). Curitiba: Juruá.
- Neubern, M. S. (2020a). Interpretação, semiótica e pesquisa qualitativa em hipnose. *Phenomenology, humanities and sciences*, 1(1), pp. 83-94.
- Neubern, M. S. (2021). Aspectos alegóricos dos contos de história na hipnose de Erickson. *Semeiosis: Semiótica e Transdisciplinaridade em Revista*. doi:10.53987/2178-5368-2021-12-09.2
- Nicolescu, B. (1999). *O manifesto das transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom.
- Open Science Collaboration. (2015). Estimating the reproducibility of psychological science. *Science*, 349, p. aac4716. doi:10.1126/science.aac4716
- Oxford Languages Portuguese Dictionary. (21 de fevereiro de 2022). Fonte: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>
- Pacheco, L. M. (2001). Olhar, explicação e intervenção da psicologia da infância: contextualização histórico-cultural-metodológica. *PsicoUSF*, 6(1), pp. 59-66.

- Pádua, F. P., & Morais, M. L. (2010). Oficinas expressivas: uma inclusão de singularidades. *Psicologia USP*, 21(2), pp. 457-478. doi:10.1590/S0103-65642010000200012
- Pereira, L. R., & Muñoz, M. N. (2012). Instituinto a flexibilidade: o trabalho clínico de passagem da internação psiquiátrica à vida na comunidade. *Mental*, 10(18), pp. 53-68.
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança* (2ª ed.). São Paulo: Summus.
- Piaget, J. (1999). *Seis estudos de psicologia* (24ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Platão. (2001a). *Eutifron*. Brasília: Thesaurus.
- Platão. (2001b). *Mênon*. São Paulo: Edições Loyola.
- Platão. (2017). *A república*. São Paulo: Lafonte.
- Platão. (2017). *O Banquete*. São Paulo: Edipro.
- Portela, M. A. (2008). A crise da psicologia clínica no mundo contemporâneo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(1), pp. 131-140. doi:10.1590/S0103-166X2008000100013
- Portugal, C. M., Mezza, M., & Nunes, M. (2018). A clínica entre parênteses: reflexões sobre o papel da arte e da militância na vida de usuários de saúde mental*. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 28(2), p. e280211. doi:10.1590/S0103-73312018280211
- Prochaska, J. O., & Norcross, J. C. (2018). *Systems of psychotherapy: a Transtheoretical Analysis* (9ª ed.). New York: Oxford University Press.
- Prudente, R. C., & Ribeiro, M. C. (2005). Psicanálise e ciência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 25(1), pp. 58-69. doi:10.1590/S1414-98932005000100006
- Pugliese, G. (2020). Higiene e a reinvenção da dietética: a economia política da vida na medicina luso-brasileira da passagem do século XVIII para o XIX. *Anuário Antropológico*, 45(1), pp. 232-248. doi:10.4000/aa.4974
- Ratner, C. (1994). The Unconscious: A Perspective from Sociohistorical Psychology. *The Journal of Mind and Behavior*, 15(4), pp. 323-342.
- Ratner, C. (1995). *A psicologia sócio-histórica de Vygotsky: aplicações contemporâneas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rebollo, R. A. (2010). A escola médica de Pádua: medicina e filosofia no período moderno. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 17(2), pp. 307-331. doi:10.1590/S0104-59702010000200003
- Rodrigues, A., Assmar, E. L., & Jablonski, B. (2015). *Psicologia Social* (33ª ed.). Petrópolis: Vozes.

- Rodrigues, I., & Fiolhais, C. (2013). O ensino da medicina na Universidade de Coimbra no século XVI. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 20(2), pp. 435-456. doi:10.1590/S0104-597020130002000005
- Rogers, C. (1997). *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes.
- Rosenzweig, S. (1936). Some implicit common factors in diverse methods of psychotherapy. *American Journal of Orthopsychiatry*, 6(3), pp. 412-415. doi:10.1111/j.1939-0025.1936.tb05248.x
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), pp. v-vi. doi:10.1590/S0103-21002007000200001
- Roudinesco, E. (2005). *O paciente, o terapeuta e o Estado*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sá, R. N. (2009). As contribuições de Dilthey para uma fundamentação hermenêutica das ciências humanas. *Boletim Interfaces da Psicologia da UFRuralRJ*, 2, pp. 38-43.
- Sampaio, L. R., Camino, C. P., & Roazzi, A. (2009). Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(2), pp. 212-217.
- Santos, M. R. (2016). *A crise e a fragmentação da psicologia: uma visão do Pensamento Complexo*. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Santos, M. R. (2020). Seria a Teoria da Subjetividade uma vertente da Psicologia Histórico-Cultural? *Psicologia em Revista*, 26(1), pp. 269-284. doi:10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p261-276
- Santos, M. R. (2023). Afinal de contas, o que é a psicologia clínica? Em M. S. Neubern, & H. N. Gonçalves, *Hipnose, psicoterapia e pesquisa: teoria e prática* (pp. 91-110). Curitiba: Juruá.
- Santos, M. R. (no prelo). Afinal de contas, o que é a psicologia clínica? Em M. S. Neubern, & H. N. Gonçalves, *Pesquisa, hipnose e Psicoterapia* (pp. xx-xx). Curitiba: Juruá.
- Sartre, J. P. (2014). *O existencialismo é um humanismo* (4ª ed.). Petrópolis: Vozes de Bolso.
- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2009). *História da psicologia moderna* (8ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Scocuglia, J. B. (2002). A hermenêutica de Wilhelm Dilthey e a reflexão epistemológica nas ciências humanas contemporâneas. *Sociedade e Estado*, 17(2), pp. 249-281. doi:10.1590/S0102-69922002000200003
- Silva, A. R. (2012). Padres políticos e suas redes de solidariedade: uma análise da atuação sacerdotal no sertão de Minas Gerais (1822-1831). *Revista Brasileira de História*, 32(63), pp. 119-142. doi:10.1590/S0102-01882012000100006
- Silva, F. L. (1994). *Intuição e discurso filosófico*. São Paulo: Edições Loyola.

- Silva, L. C. (2022). Continuidade e descontinuidade em história da ciência: reflexões sobre a dimensão histórica do debate. *História da Historiografia*, 14(37), pp. 282-311. doi:10.15848/hh.v14i37.1783
- Silveira, A. D., & Schmitt, B. K. (2020). “Ymage del mon”: o corpo e o mundo no Atlas Catalão de Cresques Abraham, 1375. *Esboços: Histórias em Contextos Globais*, 27(46), pp. 511-533. doi:10.5007/2175-7976.2020.e71341
- Silveira, J. M., & Almeida, L. (2010). O inconsciente na interpretação clínica analítico-comportamental. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16(1), pp. 64-72.
- Simões, E. P., & Jesuino, F. M. (2017). Escuta de uma experiência psicótica amparada no método junguiano: mater ecclesiae. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 17(2), pp. 759-776.
- Skinner, B. F. (2002). *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (2009). *Sobre o Behaviorismo* (15ª ed.). São Paulo: Cultrix.
- Smuts, J. C. (1996). *Holism and evolution*. New York: The Gestalt Journal Press.
- Snell-Hornby, M. (2012). A "estrangeirização" de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos estudos da tradução? *Pandemonium Germanicum*, 15(19), pp. 185-212. doi:10.1590/S1982-88372012000100010
- Souza, J., Kantorski, L. P., Luis, M. V., & Oliveira, N. F. (2012). Intervenções de saúde mental para dependentes de álcool e outras drogas: das políticas à prática cotidiana. *Texto & Contexto Enfermagem*, 21(4), pp. 729-738. doi:10.1590/S0104-07072012000400002
- Spinelli, M. (2009). Aísthêsis e nóêsis: de como filosofia grega rompeu com as aparências. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 137-158.
- Spinelli, M. (2009). Aísthêsis e nóêsis: de como filosofia grega rompeu com as aparências. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 50(119), pp. 137-158. doi:10.1590/S0100-512X2009000100007
- Suanno, M. V. (2015). *Didática e trabalho docente sob a ótica do pensamento complexo e da transdisciplinaridade*. Tese de Doutorado - Universidade Católica de Brasília, Brasília.
- Tacca, M. C., Martínez, A. M., González-Rey, F. L., & Coelho, C. M. (2019). *Subjetividade, aprendizagem e desenvolvimento: estudos de caso em foco*. Campinas: Alínea.
- Tavares, M. (2003). Validade clínica. *Psico-USF*, 8(2), pp. 125-136.
- Treinta, F. T., Filho, J. R., Samt'Anna, A. P., & Rabelo, L. M. (2014). Metodologia de pesquisa bibliográfica com a utilização de método multicritério de apoio à decisão. *Production*, 24(3), pp. 508-520. doi:10.1590/S0103-65132013005000078
- Ur, P. (2009). *A course in language teaching* (17ª ed.). Cambridge: Cambridge University Press.

- Vagarinho, J. P. (2019). Como identificar a originalidade num artigo científico ou numa tese de doutoramento? *Educar em Revista*, 35(73), pp. 181-207. doi:10.1590/0104-4060.58892
- Vandenberghe, L. (2007). Terapia comportamental construtiva: uma outra face da clínica comportamental. *Psicologia USP*, 18(4), pp. 89-102.
- Varela, F., Thompson, E., & Rosch, E. (1993). *L'inscription corporelle de l'esprit. Sciences cognitives et expérience humaine*. Paris: Editions du Seuil.
- Vasconcelos, E. M. (2002). *Complexidade e pesquisa interdisciplinar*. Petrópolis: Vozes.
- Vasconcelos, E. M. (2002). *Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa*. Petrópolis: Vozes.
- Vieillard-Baron, J.-L. (2007). *Compreender Bergson*. Petrópolis: Vozes.
- Vigotski, L. S. (2003). *Pensamento e linguagem* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2013). *Obras Escogidas, Tomo I*. Madrid: Machado Nuevo.
- Virkler, H. A. (1998). *Hermenêutica: princípios e práticas de interpretação bíblica*. São Paulo: Vida.
- Virkler, H. A. (2001). *Hermenêutica avançada: princípios e práticas de interpretação bíblica*. São Paulo: Vida.
- Walpold, B. E., Mondin, G. W., Moody, M., Stich, F., Benson, K., & Ahn, H.-n. (1997). A metaanalysis of outcome studies comparing bona fide psychotherapies: Empirically, 'all must have prizes.'. *Psychological Bulletin*, 122(3), pp. 203-215. doi:10.1037//0033-2909.122.3.203
- Yonekura, T., Quintans, J. R., Soares, C. B., & Filho, A. d. (2019). Revisão realista como metodologia para utilização de evidências em políticas de saúde: uma revisão integrativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 53, p. e03515. doi:10.1590/S1980-220X2018037703515
- Zago, J. A. (2017). Da maçã de Eva à maçã de Newton. *Aufklärung: Revista de Filosofia*, pp. 131-148. doi:10.18012/arf.2016.35461

Anexo I – Diário de Pesquisa

Domingo, 23 de maio de 2021

Nota 1: Meio-dia

Querido diário (acho um barato quem começa diários escrevendo assim!), dois dias depois da aprovação do meu projeto de doutorado no Exame de Qualificação, estou revendo a gravação da minha apresentação na banca, e estou relativamente surpreso ao me escutar em como a ideia inicial não está tão ruim como eu imaginava, pelo contrário, eu consegui fazer uma exposição relativamente clara e concisa. Fiquei surpreso e animado com isso. Além de repassar por pontos originais no projeto de tese. Sem contar que, na minha fala é possível perceber como a teoria se incorporou em mim depois de tantos anos de leituras e estudo... Consigo transitar com mais facilidade entre os conceitos que, na minha graduação, me eram tão caros... Hoje no doutorado já é possível perceber o quanto avancei nestes anos, e o quanto ainda preciso avançar. Mas vou terminar de rever as observações da banca depois, minha esposa me aguarda com seus pais para almoçar, e hoje também precisa ser dia de descanso.

Nota 2: Sete e meia da noite

Estava aqui de noite escutando algumas músicas na TV com a minha esposa ao lado, tomando uma taça de um vinho cabernet-sauvignon uruguaio e fazendo uma avaliação neuropsicológica do meu trabalho de psicólogo clínico, de uma criança de 13 anos com indicativo de um importante atraso cognitivo, em que era nítido que a “idade mental” da criança não correspondia à cronológica... busquei um livro de Piaget (*Seis estudos de psicologia*, Editora PUCRS) para revisar a literatura sobre o caso, tentando

retomar o pensamento sobre os estágios de desenvolvimento cognitivo de uma criança, e em certa altura do livro me deparo com uma explanação do mesmo sobre a **intuição**, esta como uma característica importante do pensamento da criança no **período pré-operatório**:

Há uma coisa surpreendente no pensamento da criança: o sujeito afirma todo o tempo, sem nunca demonstrar (...) Existe uma inteligência prática que desempenha um importante papel entre dois e sete anos, prolongando, de um lado, a inteligência sensório motora do período pré-verbal e preparando, de outro lado as noções técnicas que se desenvolverão até a idade adulta (Piaget, 1999, p. 33).

Aqui o que achei importante é a noção de intuição como uma preparação para o conhecimento empírico, o que comunga com a minha ideia inicial de que a intuição é um processo de construção de conhecimento importante na clínica... Foi a primeira vez que vi isso em Piaget, até este momento eu não fazia ideia de que tal citação existia ou que Piaget havia encarado o tema da intuição, o que foi mais interessante é que este é mais uma referência teórico importante, inclusive nomeado por Morin (2014). Posso tentar articular essa ideia com as noções de Henry Bergson, que ainda preciso ler, então logo devo buscar leituras básicas deste autor que me será novo também.

Piaget versa que a intuição nesta idade é característica de um período cognitivo “pré-lógico”.

O mais interessante é que mesmo em meu trabalho cotidiano, que “não deveria ter nada a ver” com a minha tese, também implica questões para a pesquisa de doutorado – isso reforça novamente a noção de Morin (1977/2013) da não linearidade dos fenômenos complexos, como o conhecimento, por exemplo, que não se dá simplesmente em um momento de estudos dedicados à tese, mas que emerge também do cotidiano.

A característica das intuições primárias é a rigidez e a irreversibilidade; elas são comparáveis a esquemas perceptivos e a atos habituais globais que não podem ser revertidos (...) A intuição primária é apenas um esquema senso-motor transposto como um ato do pensamento, herdando-lhe, naturalmente, as características (pp. 35-36).

Eu fiquei maravilhado com esta ideia de Piaget, e em como eu consegui chegar ela décadas depois sem ter lido sequer uma linha do autor sobre o tema. Na minha banca de qualificação de doutorado e no projeto, propus que a intuição fazia parte de um esquema: inconsciência/intuição/sensação/ação... Dois dias depois, numa ação de pura sincronicidade (Jung, 2014), achei referencial teórico em Piaget (1999) – isso é incrível!

Comparada à lógica, a intuição, do ponto de vista do equilíbrio, é menos estável, dada a ausência de reversibilidade; mas, em relação aos atos pré-verbais, é uma autêntica conquista” (p. 36).

Isso também me fez pensar na importância da memória na construção do conhecimento: há textos que lemos há anos e que, num primeiro momento, talvez não tenhamos capacidade de lembrá-los pontualmente ou de atribuir a referência ao devido autor, mas que, deixaram uma marca, uma impressão de ideia em nossa subjetividade, ou digamos, inconsciente que, talvez possamos recuperar num futuro qualquer sem saber descrever de onde tal ideia veio.

Talvez também existam processos de articulação/cominação de diferentes intuições no nosso inconsciente que se projetam sobre as nossas ações sem que saibamos, e que assim construamos novas ideias. *Seria possível a criação de processos de associação inconsciente que resultem em um produto plenamente consciente?* Talvez eu retome esta ideia no futuro.

Ou, talvez, o vinho também me faça aflorar as ideias!

Outra citação importante:

Em toda conduta, as motivações e o dinamismo energético provêm da afetividade, enquanto que as técnicas e o ajustamento dos meios empregados constituem o aspecto cognitivo (senso-motor ou racional). Nunca há ação puramente intelectual (sentimentos múltiplos intervêm, por exemplo: na solução de problemas matemáticos, interesses, valores, impressão de harmonia etc.), assim como também não há atos que sejam puramente afetivos (o amor supõe a compreensão). Sempre e em todo lugar, os dois elementos intervêm, porque se implicam um no outro (p. 36).

Piaget tratando da unidade de análise Cognição-Afeto... Há uma unidade de análise (Vigotski, 1998) aqui, em meu ponto de vista Intuição-Intelecto.

Segunda, 24 de maio de 2021

Uma e quarenta da manhã.

São quase duas horas da manhã e estou aqui no computador acordado entre devaneios de publicar minha dissertação de mestrado como um livro, uma angústia que está começando a me apertar, e publicar um artigo também proveniente dela, este último em parceria com minha coorientadora da dissertação, que me cobra uma publicação deste tema que trabalhei já há 5 anos, e que me cansou deveras. Por este motivo, retomei a escrita de um artigo que está parado há meses e me dei conta que preciso ler sobre a pós-modernidade, portanto busquei uma referência na internet (viva o Google!), e encontrei

o livro *A condição pós-moderna*, de Lyotard (1979/2009), em PDF... decidi fazer uma leitura rápida para ver o que encontro nele.

Citação:

O saber científico é uma espécie de discurso (p. 3).

Li o primeiro capítulo do livro, entendi que fala um pouco sobre a cibernética, mas de resto, não achei nada mais interessante. Vou me preparar para dormir, às 02:10 da manhã, mas ainda terminar de ler o livro de cabeceira *Diário da Califórnia* (Morin, 2012a).

Domingo, 27 de junho de 2021

Retomando a leitura

Fiquei praticamente um mês desligado da pesquisa do doutorado, talvez eu tenha me permitido umas férias da leitura, porque continuei trabalhando muito na clínica e cuidando do enxoval da minha bebê que deve nascer em cerca de três meses. Vou tentar terminar hoje a leitura do “Diário da Califórnia”.

“Não sei de onde peguei esta ideia”

Esta é uma frase de Morin (2012a, p. 209) que me comoveu: até mesmo os mais geniais, às vezes, desconhecem suas fontes. São tantas leituras que fundimos o presente e o passado de nosso conhecimento em uma dinâmica inconsciente.

Birra com Rogers, inimizade com Bourdieu

Morin também demonstra seus desgostos, como qualquer humano.

Finalizei o Diário da Califórnia

Neste livro eu pude perceber como a vida e a obra de um autor são realmente indissociáveis: pude perceber as angústias e inquietações de Morin.

Foi este livro que pacificou o meu MÉTODO, me dando a ideia deste diário de pesquisa e que me ensinou na prática o que significa o princípio da reintrodução do sujeito cognoscente na produção do conhecimento, e como me implicar em primeira pessoa na minha própria obra.

Um Ano Sísifo

Comecei a ler o segundo diário de Morin, da tríade publicada pelo SESC-SP.

O pleno emprego

Morin (2012b) escreve

Esse diário integra minhas observações objetivas e minhas impressões subjetivas (o pleno emprego da subjetividade e o pleno emprego da objetividade) e indica o progresso, as descobertas, as incertezas, a complexidade de minha pesquisa (p. 10).

Sinto que este é o objetivo, igual, do meu diário.

Uma percepção nova de uma “leitura velha”

Acabei de perceber que a citação anterior, que me chamou atenção, faz parte do prefácio do livro “Diário da Califórnia” que eu já havia lido, mas que não me chamou atenção antes, mas somente agora.

Isto me relembra que a nossa atenção é seletiva, mas que este processo psicológico está intimamente ligado ao processo perceptivo e também ao processo de geração de sentido.

Mas aqui eu também percebi que eu estava inconscientemente buscando elementos racionais para justificar o meu método, o que talvez tenha “aberto” ou “preparado” a minha percepção para isto: será que caí na armadilha de só ver o que eu queria ver?

Aqui eu também pude perceber o poder que o tempo tem para reorganizar a sensibilidade de um processo perceptivo. Percebi também a importância de se fazer releituras.

Domingo, 04 de julho de 2021

Retomei a leitura

Cansado de uma semana cheia de trabalho na clínica, cheio de afazeres e convicto de que preciso de um tempo maior exclusivo à pesquisa, mas tenho que me contentar com as atuais condições.

“Ser sociólogo é ser capaz de pensar os fenômenos econômicos, sociais, culturais, religioso, mitológicos em correlação e interação” (Morin, 2012b, p. 27).

E ser psicológico, é ser capaz de quê?

Inflação Semântica

Em 1994, Morin (2012, p. 29) constatou o fenômeno da inflação semântica da palavra “racista”, pensei que hoje, em 2021, se faz o mesmo com a palavra “fascista”.

A ciência também se faz com política

Morin (2012b) narra os desdobramentos do escândalo francês das transfusões de sangue contaminado em meados da década de 1980, e o corporativismo médico da época (que parece ser o mesmo de hoje, inclusive).

Nota mental

Minha preguiça acadêmica em ter que, constantemente, justificar a vida e o caráter qualitativo do método em psicologia talvez esteja, dialeticamente, me incentivando a escrever um capítulo de minha tese sobre isso – Reforçar a busca pela limitação da regularidade e linearidade nas ciências.

A importância do tempo livre

O ócio e o lazer também favorecem a reflexão: grandes ideias se construíram debaixo de árvores, em banheiras, em cafés e bares – ciência também se faz com liberdade!

“Caminho pela rua, as ideias passam por mim como andorinhas. Depois, me esqueço de tudo: eu precisaria ter uma caderneta e uma BIC sempre no bolso” (Um ano Sísifo, p. 40).

Talvez as ideias venham caminhando porque, geralmente, quando estamos nesta ação motora, nossa concentração e atenção estão mais livres. Penso que a liberdade seja uma questão chave para se produzir conhecimento: o que a psicologia sabe sobre liberdade?

Neuropsicologia do método

Caminhar ativa o lobo frontal superior esquerdo? (pesquisar).

Nota mental

Preciso de outras cores de caneta para este diário, está tudo monocromático (preto), e preciso de cores para chamar minha própria atenção.

Acaso e intuição

Via de regras, uma ideia frutífera nasce de forma “aleatória”, e parece que o acaso e o aleatório favorecem a intuição.

Aos 73 anos

Morin também se irritava com as mesmas coisas que eu me revolto aos 29 anos: a burocracia técnica acadêmica (normas de escrita, de submissão, padronização, pareceristas arrogantes, etc.).

Fazer relações, contextualizar, globalizar

Mais perguntas que respostas

Finalizo à 01h20 a leitura do mês de janeiro de 1994 de Morin, levei três horas para ler sobre 31 dias. Saio com mais perguntas que respostas.

Domingo, 18 de julho de 2021

Retomei a leitura de “Um ano Sísifo” e na página 52 Morin confessa seu sentimento de inutilidade aos 73 anos e após ministrar palestras no Congresso de Davos: “o que eu sou então, aos 29 anos, trancando num apartamento de 90 metros quadrados em Goiânia, numa pandemia?!”

Multirreferencialidade e multidimensionalidade

Foram ideias influenciadas por Jacques Ardoino.

“Meta”

“Não significa superar, mas ultrapassar, conservando” (Um ano Sísifo, p. 73).

Segunda-Feira, 19 de julho de 2021

Morin faz interlocuções com a obra de Tobie Nathan.

Morin lia muitos autores, o que parece ter lhe dado a rara e incrível capacidade de diálogo, síntese e religação de saberes, ao contrário das pessoas de hoje que se encerram nas leituras de um único autor, tentando ser mais ortodoxos do que o próprio autor que estudam.

Domingo, 25 de julho de 2021

Estava com insônia pensando no conjunto de obrigações que tenho que fazer, e nos meus desejos para o futuro, motivo pelos quais também pensei na pesquisa.

De madrugada, na cama, fiz uma busca genérica e rápida na internet para saber um pouco mais sobre a vida de Henri Bergson: achei um panorama em uma enciclopédia virtual, que apesar de servir como uma peça introdutória a este autor ainda pouco conhecido por mim, talvez nunca seria aceita como fonte confiável de referência acadêmica...

Mas como então surgem as ideias iniciais de pesquisa? De epifanias? Não! Elas vêm de algum lugar que talvez alguns deles não sejam “tão nobres” para serem assumidos. Parece que o conhecimento começa na generalidade e posteriormente vai se especializando. Elaborei um modelo mental para entender uma proposta dialógica do Pensamento Complexo sobre isso (figura 2).

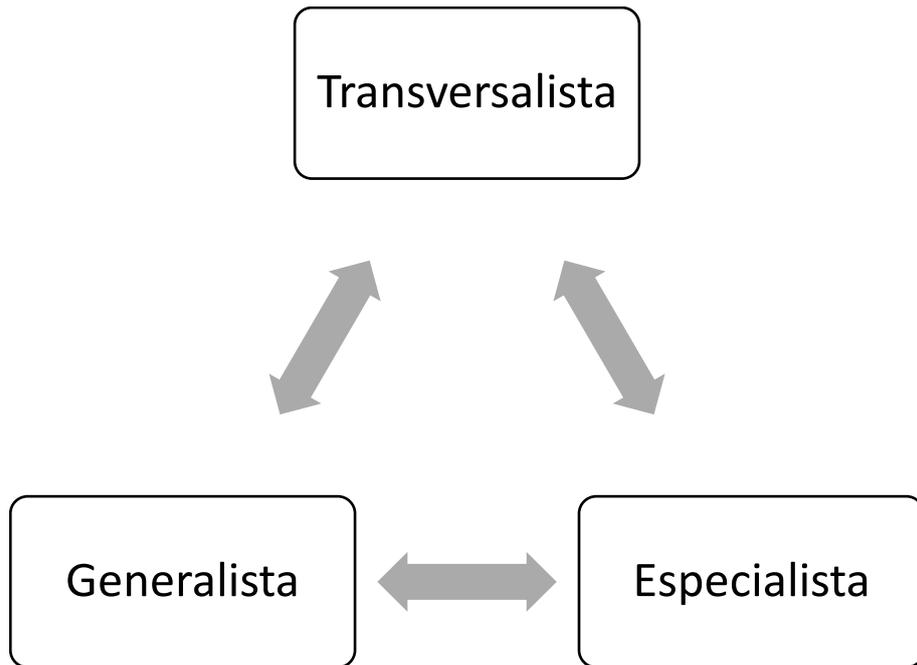


Figura 2 - Dinâmica transversalista

Continuo lendo “Um ano Sísifo”.

Devaneio importante

Hoje, na clínica, me perguntaram “qual é a sua abordagem teórica na psicologia”, confesso que já não sei mais dizer: comecei por Vigotski, a quem nutro profundo respeito e admiração, mas não sou suficientemente ortodoxo para me afirmar vigotskiano; Passei por González-Rey e dialogo com os conceitos da Teoria da Subjetividade, mas sinto que minhas atuais ideias e interlocuções também estão me levando para uma nova e desconhecida direção; o Pensamento Complexo não é uma abordagem, ai de mim querer reduzi-lo e reificá-lo, o que sou então?!

Não tenho a pretensão e nem background para uma criar uma nova “linha de pensamento”, mas me percebo indo ao encontro do novo, do incerto e desconhecido. Crise de identidade?

Morin lia múltiplos livros, como parece que ele tinha tempo!

Quarta-feira, 28 de julho de 2021

Com insônia, o meu pensamento se volta para a pesquisa: preciso urgentemente entender o motivo das madrugadas fecundarem a minha criatividade filosófica e científica.

Lembrei-me de uma aula que ministrei para as minhas *trainees* no Instituto, falando sobre psicodiagnóstico, e havia introduzido a elas a noção de multicausalidade na etiologia dos fenômenos psicológicos complexos e agora me dou conta, por “insight” que se um mesmo fenômeno pode ser originado por diversos fatores, poderemos ter diversos problemas metodológicos para classificá-los, o que também é um problema ontológico.

- Comecei a ler, paralelamente, o livro “Ensaio sobre os dados imediatos da consciência” de Henri Bergson, porque precisava ler algo sobre este autor e encontrei este material disponível gratuitamente na internet, escolhendo este livro pela palavra “consciência”, diante de outros materiais do autor.

- Me dei conta que já tenho também um PDF do autor em meu computador, da obra “O método intuitivo: uma abordagem positiva do espírito”, também de Bergson, acredito que será um dos próximos na lista de leituras.

Terça-feira, 03 de agosto de 2021

Emergência médica

Saí de casa no horário do almoço para atender em minha clínica do Setor Marista, que fica a uns 8 quilômetros de meu apartamento. Atendo alguns poucos clientes e minha esposa me liga se queixando de um corrimento anormal – desmarco todos os atendimentos e volto para casa para seguirmos ao hospital.

Consulta obstétrica de emergência, conseguimos fazer uma ultrassonografia: o colo do útero está dilatando, com quase 03 centímetros, nossa filha Clarice quer vir antes da hora, com apenas 28 semanas de gestação!

Lorena é internada, será avaliada amanhã.

Quarta-feira, 04 de agosto de 2021

Procedimento Heroico

A médica de Lorena a avalia e a diagnóstica com Insuficiência do Istmo Cervical e sugere que ela terá que fazer uma cirurgia para tentar implantar um dispositivo de contenção uterina chamado pessário.

Lorena entra para a cirurgia às 14 horas, e o que deveria durar cerca de uma hora se estende por seis horas, e eu, do lado de fora, apreensivo.

Ela sai bem da cirurgia, mas inicialmente a médica não havia conseguido implantar o pessário: ela teve que fazer um procedimento de cerclagem, isto é, teve que costurar o colo do útero de Lorena, e só depois conseguiu fazer o implante do pessário. A questão é que cerclagem, via de regras, só é feita até as 21 semanas, após isso o procedimento é conhecido como “cerclagem heroica”, como última tentativa de segurar uma gestação para a criança não nascer prematura, pelo risco de rompimento da bolsa.

Descobri neste dia que um herói é feito de muita perícia e coragem, por isso, dedico meus agradecimentos à médica obstetra Ana Flávia Ávila, por ser esta heroína na vida de nossa filha.

Sábado, 07 de agosto de 2021

Mudança de apartamento

Enquanto minha esposa descansa no hospital, se recuperando da cirurgia, me desdubro entre os pesados compromissos de trabalho e a execução de uma mudança de casa. A dona do nosso apartamento pediu que desocupássemos o imóvel porque a mesma estava em um processo de divórcio e precisaria vender o apartamento ou iria morar nele novamente – não tínhamos planos de comprar, o jeito foi se mudar.

Conseguimos outro apartamento menor na outra torre do mesmo condomínio, com dois quartos e 60 metros quadrados – o jeito é apertar e se adaptar.

- Lorena sai do hospital e vai para a casa dos seus pais ficar sob repouso absoluto, em cima de uma cama no quarto de hóspedes, sendo cuidada pela mãe e só se levantando para ir ao banheiro.

Segunda-feira, 23 de agosto de 2021

Após dias intensos de trabalho, alternando entre a clínica e os cuidados com a esposa, voltei a ler. São 03:43h e estou lendo “Um ano Sísifo”, me deparo com a parte onde Morin cita Marx, Freud e Einstein como 3 monistas, apesar de ele mesmo fazer uma ressalva de que somente o último era (pag. 130).

Terça-feira, 24 de agosto de 2021

Continuo a saga da leitura do “Um ano Sísifo”, mas as ideias não estão seguindo a linearidade da leitura.

Quarta-feira, 29 de setembro de 2021

Quase um mês sem uma leitura mais profunda. Tem sido um mês cansativo: Lorena está na casa dos pais, em repouso absoluto e eu estou me desdobrando no trabalho para cuidar das despesas, cuidar da casa e também dos problemas do trabalho. Estou realmente cansado, e apesar de eu ser uma pessoa muito positiva e esperançosa, senti que meu humor esteve um pouco deprimido nos últimos dias.

Tenho me correspondido nas últimas semanas com a minha orientadora do mestrado, e estamos tratando sobre algumas possibilidades de publicação.

Segunda-feira, 04 de outubro de 2021

Madrugada de segunda-feira, quase duas da manhã, estou com insônia, preocupado com questões financeiras, e o futuro do financiamento da sede de nosso Instituto, bem como sobre o nascimento de nossa filha Clarice, programada para daqui há dois dias – era para ser na semana passada, mas os médicos optaram por aguardar mais uma semana para ela ganhar mais peso.

Fui buscar inspiração na leitura bíblica, leio o “Sermão da Montanha”, coadunando com o fim da 2ª temporada da série televisiva *The Chosen*, que eu havia assistindo.

Retomei, após isto, a leitura de “Um ano Sísifo” no mês de maio de 1994 de Morin: ainda me espanto com a sua capacidade de leitura – e escrita.

- Como eu queria ter ânimo para escrever!

Quarta-feira, 06 de outubro de 2021

Dia do parto

Sáimos cedo da casa dos meus sogros, por volta das 09 horas, comigo dirigindo e a esposa no banco do lado de passageiro, com nossa cunhada no banco de trás: ela é enfermeira obstetra e vai acompanhar o parto.

Chegamos à maternidade, preenchemos a papelada de internação e entramos, todos, incluindo a fotógrafa que contratamos para registrar o momento do nascimento e a preparação. No hospital, recebemos a visita da psicóloga perinatal da maternidade, que foi professora de Lorena em sua especialização – fazemos uma breve sessão de preparação psicológica para o parto.

Lorena sai para a sala de cirurgia, vou me vestir também para acompanhá-la.

Na mesa de cirurgia, acompanho Lorena atrás do campo cirúrgico, na experiência mais adrenérgica de minha vida: visão de túnel, entorpecimento dos sentidos, escutando ao longe instruções, parece que eu estava suspenso no ar, deslocado de mim mesmo. Aquele era o momento que tinha que ser, *maktub*, a bolsa de Lorena se rompe antes

mesmo da médica posicionar o bisturi para fazê-lo, com a barriga aberta, ela viria naquele dia e naquela hora.

E as 13 horas e 58 minutos do dia 06 de outubro de 2021 eu tive a sensação mais emocionante de toda a minha vida: foi como saltar de paraquedas sem tirar os pés do chão, quando eu vi minha filha pela primeira vez, com um choro tímido, pequenina, mas com os olhinhos arregalados! Cortei o cordão umbilical, acompanhei a pesagem, medidas, fiquei com ela o tempo todo, e minha cunhada acompanhando Lorena na mesa.

Me entregaram ela no colo pela primeira vez, e eu chorei como há tempos não chorava, nem sei se havia chorado daquela forma antes, num misto de alegria e alívio, vi que Clarice estava bem, e veio linda ao mundo.

Ela veio no meio de tudo, e é por ela que isso faz sentido!

Quarta-feira, 17 de novembro de 2021

Lendo aleatoriamente trabalhos de psicologia na internet, me deparei com uma “nova” abordagem na terapia de famílias. Escrevo entre parêntesis porque não a conhecia: modelo McMaster de Terapia de Famílias, que segundo Miller et. all (2000) é baseado na teoria sistêmica, e centra-se em 6 dimensões:

1. Resolução de problemas;
2. Comunicação;
3. Papéis;
4. Responsabilidades afetivas;
5. Envolvimento afetivo;
6. Controle do comportamento.

Sexta-feira, 26 de novembro de 2021

Minha esposa e filha foram passar dois dias na casa de meus sogros. E hoje, depois de um dia de trabalho, sentei sozinho em um boteco para comer um espetinho de frango, tomar uma cerveja e ler o Volume XIV das obras escolhidas de Freud, e “Um ano Sísifo” que é ao mesmo tempo, interessante e interminável!

Sexta-feira, 17 de dezembro de 2021

O meu “eu” planejador está me instigando a procurar por oportunidades de pós-doutorado fora. Estou há vários meses de defender minha tese, mas já estou planejando os cenários para depois disso e vejo oportunidades na Europa e Estados Unidos.

Um dos lugares que me chamou atenção foi na University of Pennsylvania, onde encontrei os trabalhos de Robert DeRubeis, incluindo um interessante que faz análise do argumento sobre as habilidades inespecíficas dos terapeutas e alguns estudos avaliando a eficácia de teorias psicológicas. Vai ajudar na tese, de forma não linear isso chegou ao trabalho.

Segunda-feira, 20 de dezembro de 2021

Escrevendo um artigo para publicar, comecei a rever as referências sobre lógica clássica, e encontrei novamente o *Órganon* de Aristóteles. Um achado para a tese.

Aristóteles entende que a gramática é uma ferramenta essencial na ontologia. Afirma que os predicados são características de um sujeito/objeto.

Fala neste livro sobre a contiguidade eterna do futuro: ele sempre está para chegar, mas nunca chega, pois quando chega já é presente, então não é mais futuro.

São 06 horas da manhã, passei a madrugada pesquisando e escrevendo.

Quinta-feira, 30 de dezembro de 2021

Parte da tarde revezando com minha esposa em relação aos cuidados com Clarice, estou estudando um pouco sobre depressão, encontrei alguns artigos sobre anedonia com uma busca no Google.

Descobri a noção de um modelo de abordagem psicopatológica em redes, onde os sintomas são compreendidos de forma interconectada. Nada muito a ver com a tese neste momento de vida.

Domingo, 06 de março de 2022

Num hiato de escrita no diário, passei os últimos dois meses trabalhando, lendo as obras de Morin, onde continuo com o “Um ano Sísifo” e comecei a ler “Lições de um século de vida”, de Morin.

Comprei e comecei a ler também Verdade e Método.

Quarta-feira, 09 de março de 2022

Li mais um capítulo de “Um ano Sísifo”, não tive grandes surpresas, nada me tocou.

Quinta-feira, 10 de março de 2022

Leituras de “Lições de um método de vida” e leitura de “Verdade e método” de Gadamer.

Sexta-feira, 11 de março de 2022

Terminei de ler “lições de um século de vida”.

Sábado, 12 de março de 2022

Antes de um dia não tão cheio de trabalho, decidi ler “Verdade e Método” antes de ir dormir.

A semana foi bem angustiante emocionalmente, com problemas “intrapessoais”: passei a semana solitário, além do trabalho, isolado. Lorena e Clarice foram passar alguns dias na casa de meus sogros na tentativa de minha sogra, mais experiência, ajudar na tentativa de regular o sono dela.

Problemas de saúde

Descobri há 15 dias níveis alarmantes de triglicérides, dez vezes acima do que já é considerado alto. Estou tomando medicamentos e uma agressiva dieta *low carb* - já perdi quatro quilos, e preciso perder mais.

Segunda-feira, 14 de março de 2022

Retomei a leitura de “Ensaio imediato dos dados da consciência” de Bergson: os capítulos 2 e 3 são chatos! Com temas de sensação versus percepção, coisa que agora não me preocupa mais.

Finalizei o livro usando o método de *skimming* de leitura, muitas informações que não eram do meu interesse de pesquisa. Comecei a ler uma tese da USP sobre Bergson também. Estudei um pouco sobre intuição aqui.

Quarta-feira, 16 de março de 2022

Estou escrevendo a tese, no que momentaneamente será o capítulo 1, onde apresento os vários problemas da clínica. Revisitei um trabalho sobre Wundt, do professor Saulo Araújo.

Quinta-feira, 17 de março de 2022

Finalizei as atividades do meu trabalho na clínica às 20 horas, saí para comer uma pamonha merecida após 09 horas seguidas de atendimento clínico.

Às 22 horas comecei a lutar contra a preguiça e o cansaço para seguir na escrita da tese, e voltei ao capítulo 1.

Comecei investigando sobre o tema “O que é uma abordagem psicológica”, decidi buscar artigos científicos no SciELO pelo buscador do Google, (um truque que aprendi no mestrado), pois o buscador do SciELO é ruim.

Até o momento não encontrei nada específico sobre o tema, nada!

Lembrei-me então das referências que eu já possuía:

1. Manual introdutório de Aristides Volpato Cordioli: “Psicoterapias – abordagens atuais”;
2. O livro de Elizabeth Roudinesco intitulado “O paciente, o terapeuta e Estado”.

Ler os livros!

Domingo, 20 de março de 2022

Voltei a escrever o capítulo primeiro da tese, estou no subtítulo que trata da História da Psicologia Clínica, farei uma busca no Scielo (via Google) sobre artigos que tratam sobre este tema com o descritor “História Psicologia Clínica”, retornou os seguintes resultados interessantes

- Moreira, J. O., Romagnoli, R. C., & Neves, E. O. (2007). O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online], 27(4), 608-621. Disponível em 20 de março de 2022 no link: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000400004>
- Neubern, M. S. (2006). Hipnose e psicologia clínica: retomando a história não contada. *Psicologia: Reflexão e Crítica* [online], v. 19 (3), 346-354. Disponível em 20 de março de 2022 no link: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000300002>
- Aguiar, F. C. (2005). Método Clínico: Método Clínico?. *Psicologia: Reflexão e Crítica* [online], 14(3), 609-616. Disponível em 20 de março de 2022 no link: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000300016>

Mudando de assunto

Encontrei no meio da busca sobre a história da psicologia um artigo interessante que faz uma crítica, sob o viés neopositivista, da ideia dos fatores comuns da clínica psicológica:

- Leonardi, J. L., & Meyer, S. B. (2015). Prática baseada em evidências em psicologia e a história da busca pelas provas empíricas da eficácia das psicoterapias. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(4), 1139-1156. Disponível em 20 de março de 2022 no link: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001552014>

Voltando à história da clínica

Lembrei-me que há uns três dias, estava pesquisando, de forma lúdica, sobre “novas abordagens” na internet, e cheguei ao dicionário da APA sobre psicologia, e ali constava uma disciplina chamada Chess Therapy (Terapia de Xadrez)... Chegando na Wikipédia, em inglês, havia um artigo sobre isto e li pela primeira vez o nome do médico persa Abu Al-Razi (Rhazes), como o precursor desta prática, usando o xadrez como um elemento terapêutico e filosófico no Iraque.

Desta forma, pesquisei mais na Wikipédia em inglês sobre ele, e descobri que foi um dos primeiros a tratar sobre psiquiatria e psicologia no século X, e que dirigiu um hospital em Bagdá que foi um dos primeiros a ter uma ala sobre doenças mentais – Como eu nunca li ou ouvi falar sobre isso nas aulas de história da psicologia na faculdade, até hoje? Seria mais um exemplo do etnocentrismo europeu da psicologia?

Arrogância acadêmica com as fontes de pesquisa

Ao descrever essa busca em um site não tão “nobre academicamente” como a Wikipédia, me deparei com o seguinte pensamento: “Murillo, seus pares vão te cobrar sobre a qualidade das suas fontes de pesquisa, e a Wikipédia não é um exemplo disso”, até que me dei conta de que, a Wikipédia pode não ser (e de fato não é) uma fonte confiável de informação, mas pode ser uma fonte inicial de informação, sobre a qual cabe a nós, pesquisadores científicos, aprofundar em outras fontes. Ela pode servir como um importante canal de divulgação científica, mostrando um caminho, e a partir dele nos ajudar a encontrar fontes acadêmicas mais “sérias e confiáveis”. Isso me ensinou que devemos abandonar a arrogância de descartar informações iniciais importantes, e me levou à noção de...

Fontes introdutórias de pesquisa...

...que são as mais diversas, pois a informação é caótica, ou seja, pode chegar até nós das mais diversas fontes, estruturada ou desestruturada, pura ou não, e cabe a nós refinarmos tais materiais. O senso comum, a superstição, as crendices, os ditos populares, as lendas e mitos, todos eles podem ser fontes introdutórias de pesquisa, que nos obrigam a aprofundar sua busca, desta vez em material mais sistematizado e com um método delimitado de forma clara. Mas não devemos “jogar fora” tais informações, pois elas podem nos indicar bons caminhos.

Vou pesquisar trabalhos sobre Rhazes, em inglês e português.

Pesquisando sobre Rhazes

No Scielo, nenhum retorno interessante, no PsychInfo, nenhum também. Ao colocar os descritores “Rhazes Psychology”, na busca geral do Google, retornou dois artigos:

- Tabatabaei, S. M., & Jafari-Mehdiabad, A. (2020). Rhazes’ Pioneer viewpoints about psychiatry, neurology and neurosciences. *Journal of Medical Ethics and History of Medicine*, 13(21), 1-8. Disponível em 20 de março de 2022 no link: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7838884/>
- Yilanli, M. (2018). Muhammad ibn Zakariya al-Razi and the First Psychiatric Ward. *American Journal of Psychiatry Residents*, 13(9), 11. Disponível em 20 de março de 2022 no link: <https://doi.org/10.1176/appi.ajp-rj.2018.130905>

Finalizei tudo a 01h37.

Quarta-feira, 02 de março de 2022

Hoje acordei tarde, às 09 horas, tomei um café com uma pamonha frita, tipicamente goiano, fiz uma parte dos serviços domésticos acumulados e me organizei para encontrar meu pai no almoço para discutir um projeto político em que ele trabalha. Não obstante, estamos em época de eleições para o Conselho Regional de Psicologia, e com os prazos apertados estou trabalhando na articulação para a montagem de uma das chapas que irá concorrer – o grupo está insistindo para que eu me candidate à função de presidente, o que sinceramente não quero: tenho uma filha de 06 meses para cuidar, uma empresa com duas clínicas e 25 profissionais sobre minha supervisão. Sem contar que tenho que escrever e defender a tese de doutorado.

No meio da tarde fui à casa dos meus sogros, onde Lorena e Clarice estão: uma tarde agradável de churrasco interrompida pela derrota do time dos anfitriões da casa, que eu também torço (mas apenas pela tradição, porque não ligo muito para o futebol, ultimamente).

Despedi-me de minha filha e esposa, que ficarão mais um dia lá. Estou com muita saudade delas e me sentindo solitário, mas este é o ônus de ter que lidar com tantas obrigações de trabalho e da pesquisa – Não conseguir passar uma noite de qualidade ajudando a cuidar de ambas quando Clarice desperta na madrugada e exige atenção parental (sinto-me um péssimo pai, às vezes, mesmo sabendo que amo a minha filha e a minha esposa do mais profundo do meu afeto).

Comecei a escrita da tese às 21 horas, e finalizei a parte da história da psicologia clínica, do capítulo 1 da tese (cuja escrita neste momento é totalmente provisória, porque ainda não passou pela discussão com meu orientador): Segui a estratégia de 1) buscar na memória o que já havia estudado sobre a história da psicologia clínica (cujas referências, muitas vezes, se tornam desconhecidas com o passar dos anos e passam a se incorporar em um saber mais intuitivo do que aquele capaz de citar a referência mnemonicamente); 2) Escrevi os tópicos que pensava explorar; 3) Busquei artigos de referência no Scielo via Google, ora com os nomes dos personagens históricos, ora de eventos, situações (exemplo “Mesmer site:www.scielo.br”, “Escola de Nancy site:www.scielo.br”); 4) Fazer uma curadoria rápida no modelo *skimming*; 5) Ler os artigos mais importantes que contribuiriam para o texto; 6) Verificar as referências dos artigos para ver se havia alguma outra referência importante (aprendi que as referências de um artigo podem ser mais úteis e um caminho melhor do que a busca por “palavras-chave” em um buscador).

Ao finalizar, fiz um *skimming* sobre meu próprio texto e percebi que a melhor forma de conectar a história da psicologia clínica com a problemática da multiplicidade

de abordagens é enlaçando-as com a discussão sobre a crise e a fragmentação da psicologia, que fiz no mestrado. Tentarei fazer isto.

Tentando sintetizar toda a minha dissertação de mestrado em um subtítulo do capítulo 1 da tese, retomei um artigo da Dra. Wanda Aguiar (2015) sobre núcleos de significado, para sintetizar metodologicamente os resultados que obtive nesta, explicando-os.

Terça-feira, 05 de abril de 2022

Após ter trabalhado até às 02 da manhã, deitei-me para dormir e a minha cabeça começou a fervilhar com a ansiedade: muitas coisas para fazer, muitas ideias para executar no trabalho – em meia hora, pensei em um projeto internacional de recrutamento e seleção que estamos elaborando na consultoria empresarial do Instituto, que envolve Realidade Virtual, Blockchain e Metaverso, em parceria com um conjunto de DAOs (Organização Autônoma Descentralizada) que nos convidaram para este projeto; pensei que teria que desenferrujar o inglês para um conjunto de reuniões sobre isto; pensei em uma reunião que terei com um professor e pesquisador dos Estados Unidos para um projeto futuro; pensei nas eleições do Conselho Regional de Psicologia de Goiás; pensei em um monte de contas que tenho que pagar; pensei que finalmente o problema do financiamento de nossa sede (que se arrastava por quase dois anos) parece estar se resolvendo; pensei que precisamos organizar o dia do psicólogo (que será em agosto, mas que nunca lembro de organizar com tempo, e quero fazer diferente este ano), e desejo fazê-lo presencialmente este ano, com o avanço da vacinação e flexibilização dos eventos presenciais; e finalmente, meio veio a tese, que me fez levantar de vez da cama e voltar ao computador.

Na cama, então, às 2h30 da madrugada, tive uma epifania, um *insight*, sobre o **peripatetismo**: em dois minutos pensei que precisava avançar sobre o tema, e me veio uma pergunta retórica em mente – “**seria o peripatetismo uma síntese, uma unidade de análise, ou uma emergência que ocorre entre o processo e o momento?**”.

Lembrei-me de Jesus, que em seus discursos usava o que tinha à sua disposição, em seus ensinamentos, ainda que o fizesse por parábolas, valia-se de elementos que se encontravam no momento para exemplificar suas ideias: não seria isto um exemplo? Em que este pregador tinha as suas ideias previamente elaboradas, mas na medida em que encontrava elementos no *hic et nunc*, usava-os para explanar e fazer-se mais compreensível, gerando novas zonas de sentido na vida de seus ouvintes.

Saltei da cama, e correndo voltei ao computador na sala, me lembrando do mito de Arquimedes gritando *eureka*, onde este saía nu de uma banheira para registrar seu feito – O que será que ele estava pensando para ter encontrado com tanto vigor aquilo que buscava? Pensei: “A inspiração só pode ser produto de mentes muito perturbadas por suas ideias – não parece haver inspiração em mentes confortáveis”.

Segunda, 11 de abril de 2022

Retomei a escrita do capítulo 1, com foco na síntese da minha dissertação para enxertá-la na tese, estou na parte que faz à crítica ao representacionismo e fundacionismo modernos: retomei o texto de Abib (1999) para tanto, relendo-o.

Sábado, 23 de abril de 2022

Em um feriado prolongado, depois de um merecido ócio de dois dias, me dei o presente um par de cálices de vinho (que não bebia há tempos), e após o jantar que preparei para minha esposa e eu, despedindo-a para o seu sono e os cuidados noturnos de nossa filha, comecei a escrever novamente: dediquei-me a continuar o capítulo 1 do texto, e agora estou especificamente na parte que fala sobre a hermenêutica e a sua relação com a psicologia.

Para escrever essa parte, resgatei trechos de um livro que estou há 4 anos escrevendo, e que parece nunca ficar pronto, mas que agora vai servir para algo: nele havia referências e ideias importantes que já tracei sobre o tema, e isso há anos – mais uma prova de que a escrita acadêmica não é linear, e como a gente precisa respeitar a não linearidade do tempo em nossas produções.

Disto saiu grande parte das referências sobre Schleiermacher e Dilthey que eu já havia pesquisado há uns anos, articulei-os nesta pesquisa. Já são meia-noite, e o sábado se tornou domingo.

Também hoje coloquei uma referência importante no texto, do trabalho de Prochaska & Norcross (2018), que foi o próprio professor Norcross que me enviou por e-mail no dia 21 de março de 2022, porque pedi por esta via que ele pudesse me indicar uma obra sua de referência para esta obra, e ele gentilmente me respondeu. Em um método “tradicional” de revisão bibliográfica, talvez nunca teria chegado a este trabalho.

Lembro-me também que a primeira vez que ouvi falar da ideia do trabalho de Prochaska foi na banca de entrevista para o processo seletivo do doutorado, pela professora Dra. Sheila Murta, que me sugeriu pesquisar algo sobre a “Teoria Transtéorica da Mudança” – foi aí que conheci a obra deste autor, e depois do professor Norcross, que foi orientando de Prochaska, e que é o fundador da Teoria Eclética Prescritiva.

Enfim, trabalho situado no texto.

Sábado, 30 de abril de 2022

Voltei à escrita do capítulo 1, ansioso por terminar logo e enviar para avaliação do meu orientador, mas vejo que ainda falta muita coisa. Terminando de escrever sobre a quantidade de abordagens que existem hoje, levantarei o dilema do “Pássaro Dodô” e dos primeiros estudos sobre a eficácia terapêutica, alguns destes que encontrei e já havia colocado no projeto de qualificação deste trabalho.

Falando sobre os trabalhos que analisam a eficácia da terapia, busquei alguns poucos no Google com o descrito “Dodo’s Veredict” e me surgiu a Metanálise de Marcus et. al (2014) que foi adicionada ao texto, bem como também me lembrei de um trabalho que havia lido no começo do ano, de DeRubeis (2005), quando estava procurando oportunidades de pós-doutorado nos Estados Unidos, no começo do ano de 2022, que é um dos meus interesses se concluir o doutorado – este texto me chamou atenção porque ele é um dos autores que pesquisa sobre os fatores “qualitativos” da terapia, do tipo “O que funciona para quem”.

Segunda, 26 de dezembro de 2022

No dia pós-natalino, após a confraternização com os parentes de minha esposa, Lorena, Clarice e eu viemos para o apartamento para passarmos juntos a semana de final de ano em que, historicamente, fecho a minha agenda para atendimentos clínicos, pois é de longe a pior semana do ano para atendimentos – os clientes faltam, estão viajando, se dão alta, desistem e a procura pelos nossos serviços diminui consideravelmente.

Depois de um dia inteiro dedicado à Clarice, e aos afazeres domésticos, intercalado com 2 sonecas durante o dia (parece que todo o cansaço do ano está sob meus ombros), iniciei novamente a pesquisa pela tarde. Por volta das 17 horas pedimos um açaí, e lá venho eu novamente para a tela do computador para fazer a busca por artigos.

Encontrei o mesmo número de resultados em língua portuguesa desde a última busca, 174 artigos, e agora vou iniciar a parte final do *scanning* (técnica de leitura).

Finalizei a parte do *scanning* e comecei a redigir o texto de forma corrida.

Quarta, 28 de dezembro de 2022

Voltei ao texto para finalizar a escrita do capítulo sobre o peripatetismo. Vamos ver se consigo avançar mais sobre ele. São 20:30 h, e estou um pouco desanimado, tentarei focar no trabalho.

Segunda, 02 de janeiro de 2023

Avancei bastante no capítulo sobre o peripatetismo, e consegui traçar um fio cronológico deste movimento, agora estou organizando o texto.

Quinta, 05 de janeiro de 2023

Comecei a escrever novamente no capítulo sobre o peripatetismo por volta das 21 horas, consegui finalizar esta semana a parte sobre a cronologia do movimento, passando dos gregos até Descartes. Estou na fase em que passamos para o declínio desta escola de pensamento, mas me dei conta de que em algum momento da história a noção de alma,

defendida por Aristóteles, cai em desuso e dá lugar à noção de mente, principalmente em Descartes, mas não sei se este foi o primeiro autor a colocar a mente em evidência (provavelmente não)... Então me dei conta que sei muito pouco sobre a história do conceito de mente, então comecei a fazer uma busca de artigos na internet sobre o conceito de mente, usando o buscador do Google.

Já são quase 01 da manhã, não encontrei ainda um trabalho que sistematize a noção de mente, mas encontrei um bom artigo sobre a obra de Aristóteles, e os conceitos de estética, empírica e noética – estou lendo para ter uma compreensão maior do trabalho do filósofo grego, já que não terei tempo de ler na fonte primária.

Estou pensando em procurar um trabalho em inglês sobre a história do conceito da mente... será minha alternativa mais viável, penso, mas farei isso após terminar a leitura do artigo sobre Aristóteles.

No artigo de Aristóteles revisei o conceito de Noêma, que me recordo de já ter encontrado, mas que parece ter sido jogado para uma gaveta bem longe do meu “subconsciente”. Noêma é um termo grego para designar ideias, noções ou conceitos (Spinelli, 2009), me lembrei de como estes nomes/conceitos aparecem em Morin, no método 4.

Aqui me dei conta de como uma ideia se transforma numa noção, e esta, depois, em conceito: parece-me haver uma progressão, no sentido de tomada de consciência sobre o que cada palavra significa ou representa, no sentido de sua objetividade.

Quinta-feira, 06 de janeiro de 2022

Achei justo descrever isso em outro dia aqui neste texto, porque já são quase 02 horas e eu estou aqui pesquisando “history of the concept of mind” e “history of mind”, todos com a extensão pdf na frente, tentando encontrar artigos ou bom textos acadêmicos sobre o assunto. Já estou bem cansado, acho que daqui a pouco vou desistir e ir dormir. Avancei poucos parágrafos até aqui, poucos!

Sábado, 07 de janeiro de 2023

Terminei a parte inicial do capítulo sobre o peripatetismo, agora falta fazer o fechamento que diz respeito à bibliografia encontrada e os temas atuais.

Domingo, 08 de janeiro de 2023

Passou da meia-noite, já é um novo dia, eu cansado, pronto para dormir, mas ainda aqui trabalhando, registrando no meu diário a minha atividade do dia. É meu aniversário, quando eu acordar pela manhã organizarei um churrasco em família na casa dos meus sogros para comemorar meus 31 anos de vida. Talvez eu trabalhe um pouco mais de noite, quando voltar para casa.

Chegando à noite em casa, após ter deixado minha esposa e filha na casa de meus sogros, preparei e consumi meu jantar, assisti um pouco de TV, e depois finalizei, finalmente, o capítulo sobre o peripatetismo, mas quando me dei conta, já tinha novamente virado o dia.

Segunda, 09 de janeiro de 2023

Como disse anteriormente, finalizei o capítulo sobre o peripatetismo, escrevi estas linhas do diário, vou terminar de ver o capítulo de uma série na Netflix, depois vou dormir. Pela manhã tenho consulta médica, pela tarde tenho atendimentos, mas vou começar a dar forma na tese, juntando os capítulos que já tenho e esboçando os próximos, que preciso terminar em prazo recorde – mas estou com meu coração em paz, pois penso que eles dependem mais da articulação das minhas ideias do que de qualquer busca bibliográfica a partir de agora.

DORMIR.

Inesperadamente...

Fui acordado com uma ligação de minha mãe, às 08 horas, ainda tonto, acordando assustado: “Murillo, vem pra cá que a sua avó acabou de morrer!” em um tom misto de surpresa e desespero, me arrumei e fui.

Cheguei à casa de meus progenitores e encontrei meu pai chorando, minha mãe com uma cara de tristeza, a porta da casa da minha avó (que fica no fundo do terreno dos meus pais) arrombada na tentativa de dar socorro para ela (ineficaz, pois ela já tinha partido). Seu corpo ainda estava sob sua cama, pois ela partiu dormindo, em um ataque fulminante do coração já enfraquecido por dois infartos sofridos no ano anterior. Ajudei a consolar meu pai.

Pouco tempo depois, chegou o veículo mortuário, vulgo rabeção, e acabei por ajudar a retirar o corpo de minha avó de casa, para ser enviado ao Serviço de Verificação de Óbito, pois o motorista do transporte funerário estava acompanhado de uma moça que não tinha condições físicas de ajudá-lo naquele trabalho – coube a mim a indigesta tarefa.

Não foi uma tarefa fisicamente fácil, já que ela era sedentária e estava um pouco acima do peso – fiquei com uma dor muscular no tórax por conta do esforço.

Passei metade do dia resolvendo os trâmites do velório e sepultamento. Cheguei a casa, banhei-me, trabalhei ainda para tentar aliviar a cabeça (sim, o trabalho me alivia também), e fui para o velório, passar a madrugada com minha família se despedindo da matriarca.

Dormiu nesta vida, acordou na eternidade!

Terça, 10 de janeiro de 2023

Sepultamos nossa avó às 10 horas. Cheguei a minha casa às 12 horas, banhei-me, cochilei por 2 horas, fui trabalhar. Atendi até às 20 horas.

Domingo, 29 de janeiro de 2023

Acordei às 08 horas, Clarice, minha preciosa filha, está em casa e é o meu despertador. Fomos à padaria, em uma atividade de pai e filha que é nossa rotina – como ela cresceu! Já está balbuciando suas primeiras palavras, andando para todo lado. Tomamos café, brincamos um pouco com a mamãe. Depois disso supervisionei uma aula de pós-graduação que coordeno, online, e então recomecei a minha escrita.

Estou trabalhando no que penso que será o capítulo 3 de minha tese, das conexões entre o Pensamento Complexo e o Peripatetismo. Estou fazendo uma síntese introdutória d' *O método*.

Sábado, 04 de fevereiro de 2023

Continuo escrevendo o terceiro capítulo, bastante desanimado. Vou tentar escrever sem me preocupar tanto com as referências agora, colocá-las depois.

Domingo, 12 de fevereiro de 2023

No banho, refleti sobre a questão da não-linearidade do método, e depois trabalhei em um pequeno trecho disto na tese.

Domingo, 26 de fevereiro de 2023

Começando novamente a escrita, desta vez naquilo que penso que será o terceiro capítulo, estou totalmente sem inspiração para isso, mas vamos ver se consigo compensar isso com perseverança.

As últimas semanas foram particularmente difíceis: o problema do financiamento das salas onde estão a minha clínica foi finalmente resolvido com desfecho negativo para nós, e teremos que desocupar o imóvel – a frustração foi grande, mas já estava sendo administrada emocionalmente há alguns meses, se concretizando agora. Estamos preparando a mudança, e eu com muita coisa aqui ainda para fazer.

Estou escrevendo sobre criatividade, resgatei o livro da professora Albertina (Martínez, 1997) de minha prateleira para embasar as referências desta parte do capítulo.

Sábado, 04 de março de 2023

Ainda que semana passada eu estivesse desanimado para produzir qualquer coisa deste trabalho, eu consegui avançar bastante. Consegui dividir o capítulo 3 em duas partes principais, onde me clareou a ideia sobre como apresentar a minha noção de peripatetismo: princípios e processos sobre o peripatetismo, sendo que a parte dos princípios será na articulação dos conceitos já elaborados na literatura do Morin, e a parte dos processos virá da minha articulação dos textos, com minhas ideias, experiências e percepções.

Até o momento, está indo muito bem! Estou conseguindo ampliar o texto sobre os pontos na parte dos processos, e já finalizei cinco pontos: já virou o dia, já é domingo, e vou começar a escrever sobre o sexto ponto.

Domingo, 05 de março de 2023

Virei a noite escrevendo, são quase uma da manhã quando estou atualizando este diário, e estou entrando na parte da escrita sobre a pragmática do peripatetismo, estou cansado, porém, animado, finalmente vejo que a tese está tomando sua forma semifinal, pois ela vai ser encaminhada para a análise de meu orientador.

Não encaminhei o texto ainda, porque quero ver se consigo encaminhar um grande volume de uma vez só, ter uma análise mais global do material. Vai dar certo!

Segundo tempo

Voltei a trabalhar no final da tarde sobre a minha tese, finalizei a parte que fala sobre os processos do peripatetismo, do terceiro capítulo, após ter aproveitado parte da

escrita do material que havia enviado para a qualificação, e de também ter acrescentado outros trechos importantes. Falta agora a parte de princípios do peripatetismo.

Quarta-feira, 08 de março de 2023

Depois de um dia extenso de trabalho, são meia-noite e meia, depois de um banho, coloquei uma taça de sorvete, vim para frente do computador, e estou debatendo com meu amigo Eduardo Torquete sobre o conceito de intuição de minha tese: o cara é filósofo, uma das mentes mais brilhantes que conheço, e está dissertando sobre a ideia por mensagem de texto via WhatsApp comigo... estou acompanhando e vendo como posso aprender com isso.

Ele encucou com a citação que fiz de Descartes, e está apontando que pode ser um ponto arriscado e com uma limitação. É sempre bom que algumas pessoas de confiança possam ver o que estamos fazendo e nos dar um ponto de vista externo: ele é um gênio!

Chegamos ao ponto de perceber que a velocidade da escrita às vezes não acompanha a velocidade do pensamento, pois às vezes em minha cabeça algum conteúdo está suficientemente claro e preciso, mas ele pode não ter se materializado na escrita.

Eduardo me pontuou que não tinha certeza se Descartes resumia a *res cogitans* apenas aos fenômenos conscientes, ao passo que refiz a pesquisa sobre este ponto específico e notei que ele tinha razão! E que o comentarista que utilizei para embasar a citação da obra de Descartes foi infeliz em sua colocação – este é um problema ao usar comentaristas! Fui traído pela minha confiança no pensamento alheio!

Justificável sobre certo ponto, pois Descartes entrou ali apenas como um autor acessório, não como um ponto central, e tirar ou corrigir uma referência a ele não afeta

em nada a qualidade da obra, pois ele entrou como um exemplo (equivocado, mas entrou)... Vou corrigir esta parte nesta semana e engrossar a argumentação neste ponto.

Olha que interessante... Um debate filosófico às antigas, mediado por tecnologias da informação e comunicação: passado e futuro se cruzando no presente – poético!

Após ter despedido a Eduardo, prossegui na escrita do trabalho, pontuando coisas que ainda preciso melhorar e desenvolver adiante, mas preciso encaminhar o que já foi feito para meu orientador, que é a outra pessoa com autoridade suficiente para me apoiar nesta caminhada – para além da autoridade legal, também intelectual, pois é outra pessoa com profunda intelectualidade e sensibilidade para fazê-lo. Enviarei os e-mails e vou dormir, pois amanhã começo a trabalhar cedo e estou com o dia cheio de atividades.

Domingo, 12 de março de 2023

Foi uma semana cheia de dificuldades no trabalho, mas ontem meus pais vieram até o meu apartamento e fizemos um almoço, período em que eles puderam ficar um tempo com Clarice – Por isso mesmo, ontem não produzi nada da tese, mas hoje estou aqui na frente do computador, enquanto Lorena está com Clarice em uma confraternização em família.

Vim aqui para tentar terminar o capítulo 3, especificamente da parte que fala sobre os princípios do Pensamento Complexo, vamos ver o quanto eu avanço: a dinâmica será simples... na frente do computador e diante do texto que apresentei na qualificação, com os textos que tenho aqui do Morin, melhorar o texto.

Comecei a escrever por volta das 17 horas, e já é quase meia-noite, escrevi quase duas páginas, abordando o princípio hologramático e o princípio retroativo... estou com

muito sono, pois tenho dormido pouco e dormido mal, porém, preciso insistir mais um pouco para que esta escrita avance.

Domingo, 19 de março de 2023

Comecei por volta das 17 horas a escrever novamente, consegui avançar alguma coisa já sobre o princípio da auto-eco-organização, mas como Clarice está com muita energia hoje, escrever está um pouco mais difícil, pois toda hora ela pede atenção e quer vir para meu colo para “mexer” no computador comigo: preciso parar tudo, abrir outra aba no Word e deixar ela “digitar” freneticamente com seus dedinhos pequenos de uma criança de 1 ano e 6 meses, e com uma psicomotricidade fina fora do comum!

Domingo, 26 de março de 2023

Depois de uma semana cheia de emoções intensas: adoeci com uma infecção de pele terrível fruto de um processo de estresse emocional que vivi (sim, a somatização pega a todos), acordei cedo no domingo para fazer parte da mudança de uma de minhas clínicas, pois estou desocupando o prédio por conta do problema do financiamento que tive com o banco. Trabalhei com a mudança, em conjunto com dois primos da minha esposa até as 14 horas, eles me ajudaram muito e saímos todos cansados.

Ao final da tarde fui jantar com minha esposa em um restaurante japonês, pois ela está há quase uma semana com nossa filha na casa de meus sogros para evitar que nossa filha se contamine com minha doença de pele, com prognóstico de cura em 10 dias corridos.

Cheguei em casa, e comecei a escrever por volta das 22 horas, onde finalizei o tópico do princípio da enação, princípio ético e comecei a escrever sobre o princípio da universalidade contextual. Mas já são 02 horas da manhã e, exausto, vou dormir: passaram-se 4 horas e eu consegui escrever quase 2 páginas em espaçamento simples – falta pouco para terminar.

Vou dormir, exausto, física e emocionalmente!

Domingo, 02 de abril de 2023

Depois de uma semana extenuante organizando a mudança da clínica, transportando móveis, retirando coisas do lugar e colocando coisas no lugar, recuperando-me da infecção de pele que tive, acordei neste domingo pela manhã e fui com minha esposa e filha na feira do bairro, comemos pastéis com suco, compramos algumas frutas e legumes, e voltamos para a casa. Após a soneca matinal de Clarice, fomos visitar meus pais, onde almoçamos e passamos parte da tarde.

Depois de sairmos dos meus pais, fomos tomar sorvete para finalizar a tarde, e voltamos para casa para a janta de nossa filha, banho e prepará-la para dormir. Após todo esse ritual, por volta de 22 horas, comecei a escrever.

Estou escrevendo sobre o fenômeno da multicausalidade, e depois de defini-lo, vou exemplificar com dois fenômenos: um social-coletivo (pobreza), outro psicológico (esquizofrenia). Joguei no Google “pobreza multicausalidade site:www.scielo.br” e encontrei um artigo que define bem este tema, já o tema da esquizofrenia eu já tinha em mente a referência do livro de Carl Ratner que trata sobre o assunto em seu último capítulo.

Está chovendo forte lá fora.

Sábado, 08 de abril de 2023

Depois de um dia fazendo pequenas manutenções em casa, que estavam precisando de minha atenção, dos cuidados com Clarice e de uma leve situação ansiogênica de tarde, levei minha esposa e filha a uma festa de sua família, e voltei para casa para poder trabalhar na tese (mesmo que ela tenha ficado um pouco contrariada por eu não a acompanhar).

São 20 horas e eu comecei reunir todos os capítulos, sintetizar as referências, e por fim, comecei a escrever também a conclusão da tese. Finalmente ela está tomando forma.

São quase 03 horas da manhã, consegui escrever 05 páginas da conclusão, vou dormir, pois já estou exausto e hoje é aniversário de minha esposa, a quem verei amanhã na casa dos meus sogros para festejarmos.

Quinta-feira, 13 de abril de 2023

São 03 horas da manhã, não dormi nada do dia anterior, pois tive que trabalhar até as 23 horas e ainda tive que ir na casa dos meus pais, do outro lado da cidade. Cheguei em casa exausto, tentei cochilar por uma hora, mas foi infrutífero.

Meus pais vieram buscar a mim, Lorena e Clarice para nos levar ao aeroporto, em meu carro que deixei com eles, e na hora de sair: o carro enguiça! Um problema elétrico intermitente que a concessionária não conseguiu encontrar mesmo depois de tê-lo levado já duas vezes até lá.

Pegamos um Uber de madrugada, fomos até o aeroporto, chegamos em tempo e embarcamos em um voo de quase duas horas até São Paulo. Chegando lá, esperamos a prima de minha esposa chegar, alugamos um carro e pegamos a estrada – quatro horas de viagem até Ubatuba, no litoral de São Paulo, onde casaríamos o irmão de Lorena, à beira-mar.

Deu tudo certo, chegamos bem.

Sexta-Feira, 14 de abril de 2023

Em manhã ensolarada em um casarão alugado para o casamento à beira-mar, abro o notebook para trabalhar um pouco em questões da clínica. Reviso a tese, mas não consigo avançar nela, mas me fica a impressão: “Estou entendendo um pouco a sensação oceânica de Morin ao escrever o Método em sua passagem pela Califórnia, que ele descreve em seu diário”.

Ter o mar diante dos seus olhos para poder aguçar a criatividade é lindo... não fosse a minha ansiedade e preocupações financeiras (ficar 04 dias sem trabalhar é bem difícil para mim nesta fase de recuperação econômica pós-pandêmica).

Mas fico em paz, o trabalho está quase todo pronto.

Segunda-feira, 17 de abril de 2023

Voltamos para Goiânia depois de 04 horas de estrada e um atraso de 1 hora em nosso voo. Meus pais foram nos buscar no aeroporto quase à meia-noite. Deu tudo certo. Agora é dormir para me preparar para a nova semana de trabalho, que se iniciará na terça.

Terça-feira, 18 de abril de 2023

Cansado da viagem e tendo que trabalhar a semana toda, nem me aproximarei da pesquisa, serei apenas mais um trabalhador cuidando e sustentando sua família esta semana. A pesquisa ficará para o final de semana.

Sábado, 22 de abril de 2023

Cinco horas da tarde, sentei à mesa com uma disposição imensa de trabalhar na tese. Em uma velocidade maior consegui finalizar a conclusão da tese. Faltando apenas revisar as referências e corrigir dois pontos que coloquei de observação no texto, de resto, penso que fechei o que poderia ter feito até este ponto. É finalizar os detalhes e enviar para meu orientador corrigir.

Quinta-Feira, 27 de abril de 2023

Estou desde as 22 horas do dia anterior (26 de abril) trabalhando na tese – Já são quase duas horas da manhã e eu estou escrevendo meu diário de pesquisa para relembrar o trabalho da semana – Estou há 05 dias somente revisando e corrigindo as revisões bibliográficas da tese, pois estou usando o gerenciador de referências do Programa Word 2021 pela primeira vez e confesso que ele ajudou um pouco na organização, mas demandou muito mais trabalho, pois tive que cadastrar trabalho por trabalho no programa.

As minhas referências, até este momento, já levam 13 páginas, e o programa demorou cerca de 5 minutos para atualizá-las no documento de texto (e olha que tenho um dos computadores mais potentes do mercado doméstico hoje).

Depois de terminar as referências, eu corriji o ponto sobre Sartre que estava errado, incluí uma citação literal do trabalho de Carl Ratner que apresenta a crítica de Sartre ao inconsciente freudiano.

Agora vou apenas unir este anexo à tese, e voilà, está tudo pronto! (Na verdade, esperarei as correções do meu orientador, por isso não estará pronto, mas estou com fé que conseguirei finalizar tudo).

Enviar e-mail e dormir, já passam das duas.

Sábado, 06 de maio de 2023

Em pleno sábado, às 15:08 h, recebo um e-mail da Universidade com o parecer do meu pedido de prorrogação para defesa de tese (que solicitei em outubro de 2022), autorizando a prorrogação, mas determinando que a tese fosse defendida até o dia 31 deste mês de maio – o que antecipou os meus planos e do meu orientador em pelo menos uma semana, haja vista que havíamos nos programado para a defesa em junho.

Resta agora correr para finalizar as correções e entregar os exemplares da tese para a banca examinadora que receberá as cópias em prazo extemporâneo graças a esta determinação.

Quinta-feira, 11 de maio de 2023

Não mais caminhar, correr... e escrever!

Recebi pela manhã um e-mail com as observações de meu orientador para as correções da tese, ele solicitou que eu incluísse uma seção de apresentação do trabalho,

haja visto que minha escrita deixou mais para o meio da tese a apresentação dos objetivos, e demoro a introduzir o tema. Também solicitou que melhorasse a articulação de alguns parágrafos no capítulo 4. Trocamos mensagens pelo WhatsApp durante a tarde, quando solicitei que me explicasse melhor suas ideias, e com quatro breves áudios da parte dele consegui entender os pontos que havia citado para que eu alterasse de modo a fazer a tese mais coerente.

De noite, após chegar do trabalho e jantar, por volta das 23 horas iniciei a escrita da seção de apresentação da tese, que não existia até hoje, terminando-a às 02:30 h do dia seguinte, ou seja, um pouco mais de três horas para escrever quatro páginas.

Após isto, registrei os feitos do dia neste diário e vou me preparar para dormir, acordarei cedo para ajudar meu pai em um trabalho que ele solicitou, depois vou para o meu consultório atender de tarde, e trabalhar mais de noite para finalizar tudo.

Este trabalho tem que ficar pronto até o dia 15!

Conhecimento pertinente

Com o objetivo de clarear a escrita sobre os objetivos do trabalho, tive a ideia de inserir algum trecho sobre a questão do “conhecimento pertinente” que Morin trata no livro Os sete saberes necessários à educação do futuro – anotei esta ideia em um bloco de notas para elaborar ela depois de acordar, espero realmente não a esquecer, pois acredito que vai melhorar a fluidez do trabalho e a sua clareza.

Sábado, 13 de maio de 2023

Quero muito entregar este trabalho amanhã para meu orientador, para que ele tenha tempo de fazer sua leitura e ainda, caso seja preciso, pontuar tudo, mas há muita coisa a fazer! Fiz toda a parte da apresentação que não havia, e consegui revisar a primeira metade do trabalho, em relação a erros de formação e também colocando alguns pontos que não pareciam claros.

Trabalhei até as 03 horas da manhã, e finalizei com sono.

Domingo, 14 de maio de 2023

Dia das mães e dia de entregar a tese finalizada ao orientador

Dia das mães, minha esposa saiu para ficar passar o dia com a mãe dela e com Clarice. Combinei com ela que eu almoçaria com minha mãe e que depois viria para o apartamento para poder finalizar as correções da tese – ainda que isso implicasse passar o dia longe delas.

Acordei primeira e condicionadamente às 06:30 h, depois tentei dormir novamente e consegui, despertando-me às 09:30 h, menos cansado, pois havia trabalhado até tarde no dia anterior. Me arrumei e saí para a casa de meus pais, onde tivemos um encontro de família que há tempos não ocorria: eu, meu irmão mais velho e minha irmã mais nova reunidos, com a presença de minha sobrinha, meus pais, e ainda no final minhas duas tias apareceram – há tempos não juntávamos todos assim (faltaram apenas minha esposa e filha).

Foi o primeiro dia das mães sem minhas duas avós, e depois de 4 meses do falecimento da avó paterna que morava com meus pais. Apesar disso, passamos todos bem, nos divertindo na companhia familiar uns dos outros.

Voltei para casa antes das 18 horas, e comecei a trabalhar: fiz a revisão de toda outra parte do texto que meu orientador sugeriu, acrescentando articulações no capítulo 4, sobre os processos (categorias psicológicas) que apresentei em relação aos princípios (filosóficos) do Pensamento Complexo.

Segunda-feira, 15 de maio de 2023

Não consegui entregar antes da meia-noite!

Passei a madrugada toda escrevendo, depois de exatas 12 horas seguidas à frente do computador, às 06 da manhã, estou enviando o trabalho para meu orientador, e vou tentar dormir um pouco antes do trabalho.

Se tudo correr bem, não teremos mais revisões até a banca.

Referências dos Anexos

- Abib, J. A. D. (1999). Behaviorismo radical e discurso pós-moderno. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(3), 237-247.
- DeRubeis, R. J., Bortman, M. A., & Gibbons, C. J. (2005). A conceptual and methodological analysis of the nonspecific argument. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 12(2), 174-183.
- Jung, C. G. (2014). Sincronicidade. Em, C. G. Jung, *Obras Completas*, Vol. 8/3. Petrópolis: Vozes.
- Lyotard, J. F. (2009). *A condição pós-moderna* (12ª Ed.). Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- Marcus, D. K., O'Connell, D., Norris, A. L., & Sawaqdeh, A. (2014). Is the Dodo bird endangered in the 21st century? A meta-analysis of treatment comparison studies. *Clinical Psychology Review*, 34(7), 519–530.
- Martínez, A. M (1997). *Criatividade, personalidade e educação*. Campinas: Papirus.
- Morin, E. (2012a). *Diário da Califórnia*. São Paulo: Edições SESC.
- Morin, E. (2012b). *Um ano Sísifo*. São Paulo: Edições SESC.
- Morin, E. (2014). *Meus filósofos*. Porto Alegre: Sulina.
- Piaget, J. (1999). *Seis estudos de psicologia* (24ª Ed.). Porto Alegre: Editora PUCRS.
- Prochaska, J. O., & Norcross, J. C. (2018). *Systems of psychotherapy: A transtheoretical analysis* (9th ed.). New York: Oxford University Press.
- Spinelli, M. (2009). Aísthêsis e nóêsis: de como filosofia grega rompeu com as aparências. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 50(119), 137-158.
- Vigotski, L. S. (1998). *Pensamento e linguagem* (2ª Ed.). São Paulo: Martins Fontes.